



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIDADES, TERRITÓRIOS, IDENTIDADES E
EDUCAÇÃO (PPGCITE)
LINHA DE PESQUISA: IDENTIDADES: LINGUAGENS, PRÁTICAS E
REPRESENTAÇÕES

MATHEUS FURTADO PINHEIRO

MEMÓRIAS, IDENTIDADES E A CIDADE: a trajetória de docentes egressos do Campus
Universitário de Abaetetuba - PA

ABAETETUBA-PA
2024

MATHEUS FURTADO PINHEIRO

MEMÓRIAS, IDENTIDADES E A CIDADE: a trajetória de docentes egressos do Campus
Universitário de Abaetetuba - PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, para a obtenção do título de mestre em Cidades, Territórios, Identidades e Educação.

Linha de Pesquisa 2: Identidades: Linguagens, Práticas e Representações

Orientador: Dr. Fernando Manuel Rocha da Cruz

ABAETETUBA-PA

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P654m Pinheiro, Matheus Furtado.
Memórias, Identidades e a Cidade : A trajetória de docentes egressos do Campus Universitário de Abaetetuba - PA / Matheus Furtado Pinheiro. — 2024.
126 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Fernando Manuel Rocha da Cruz
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Abaetetuba, Programa de Pós-Graduação
em Cidades, Territórios e Identidades, Abaetetuba, 2024.

1. Amazônia. 2. Campus Universitário de Abaetetuba. 3.
Cidade. 4. Docente egresso. 5. Identidade e Memória. I.
Título.

CDD 300.9

MATHEUS FURTADO PINHEIRO

MEMÓRIAS, IDENTIDADES E A CIDADE: a trajetória de docentes egressos do Campus
Universitário de Abaetetuba - PA

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará, como parte das Exigências do Curso de Pós-Graduação, em Cidades, Territórios, Identidades e Educação (PPGCITE), para a obtenção do título de mestre em Cidades, Territórios, Identidades e Educação. Linha de Pesquisa 2: Identidades: Linguagens, Práticas e Representações.

Orientador: Dr. Fernando Manuel Rocha da Cruz.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fernando Manuel Rocha da Cruz
(Presidente – PPGCITE/UFPA)

Profa. Dra. Shaiane Vargas da Silveira
(Examinadora externa – UFDPAr/UFPI)

Profa. Dra. Mirleide Chaar Bahia
(Examinadora externa ao Programa - UFPA)

Prof. Dr. Afonso Wellinton, de Souza Nascimento
(Examinador interno – PPGCITE/UFPA)

ABAETETUBA-PA
2024

Dedico esta dissertação primeiramente a Deus e a minha amada família, que sempre estão presentes em todos os momentos de minha vida. Além disso, gostaria de dedicar a presente obra a todas as pessoas que acreditam no poder de transformação social que a educação tem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e condições mentais e físicas para a realização deste trabalho. Gostaria de expressar minha gratidão a minha querida e amada mãe, Elizabeth, a qual sempre me dá importantes conselhos e me apoia em todos os momentos com muito amor e carinho, para que eu consiga realizar os meus sonhos. Agradeço ao meu amado pai Manuel, que é um homem honesto, muito parceiro, cuidadoso e amoroso, que me motiva e me inspira a ser uma pessoa melhor. Agradeço a minha amada e maravilhosa irmã e colega de mestrado, Bárbara, que está sempre presente em todos os momentos de minha vida, me apoiando, me dando conselhos pertinentes, sendo uma amiga incrível e a melhor irmã do mundo. Amo a minha família imensamente.

Além disso, gostaria de expressar minha gratidão ao meu orientador e amigo, Fernando Cruz, por ser um profissional exemplar, atencioso, cuidadoso e paciente comigo durante esses dois anos de Mestrado. Agradeço a todos os educadores e todas as educadoras que colaboraram com as entrevistas para o presente trabalho, sem as quais, a pesquisa não teria sido concluída. Agradeço a Gabriela Xavier e ao Hosana, secretária e secretário do PPGCITE, por toda as assistências e a atenção ao meu trabalho de Mestrado. Agradeço as minhas colegas e os meus colegas de Mestrado, em especial a Isane, a Rosa e o Ezequiel, por todas as experiências e conhecimentos compartilhados, ao meu irmão de coração, Igor Furtado, por sempre me dar apoio e incentivo aos meus sonhos.

"Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo."

Paulo Freire

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Percentual de matrículas no ensino superior (2012 - 2022).....	44
Figura 2 - Quatro situações da cidadinidade	65
Figura 3 - Município de Abaetetuba.....	70
Figura 4 - Cidade de Abaetetuba	71
Figura 5 - Localização do Campus Universitário de Abaetetuba.....	72
Figura 6 - Bloco do curso de Letras	73
Figura 7 - Prédio da FACET.....	74
Figura 8 - Prédio da Pós-Graduação.....	74
Figura 9 – Quantitativo de Egressos do PPGCITE	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Primeiras universidades no mundo	47
Quadro 2 - Principais instituições e cursos de Ensino Superior no Brasil pré-imperial e imperial.....	51
Quadro 3 - Principais universidades brasileiras do século XX	54
Quadro 4 - Conceitos sobre cidades	62
Quadro 5 - Amizades construídas.....	82
Quadro 6 - Universidade e os municípios: dificuldades.....	85

RESUMO

A presente pesquisa visa compreender o contexto social, identitário e educacional do *Campus* Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará. Os objetos de estudo do presente trabalho são as memórias e identidades dos docentes formados por essa instituição de Ensino Superior, os quais retornaram a esse mesmo *campus* na ocupação de professores universitários, e a relação desses aspectos com a cidade/município de Abaetetuba. Nesse viés, a nossa investigação se caracteriza pela abordagem qualitativa e utilização de entrevistas semiestruturadas. Nesse sentido, adere à metodologia da História Oral aliada aos métodos indutivo e dedutivo. O *corpus* de pesquisa é constituído por cinco docentes egressos do *Campus* Universitário de Abaetetuba: dos cursos de Pedagogia, Letras – Língua Portuguesa, Letras – Língua Espanhola, e dois indivíduos ligados à coordenação dessa Instituição, os quais foram entrevistados entre novembro de 2023 e agosto de 2024. No presente trabalho, utilizamos como fundamentação teórica os conceitos de Memórias, Memória Coletiva e Individual segundo Pollak (1989), Halbwachs (1990) e Le Goff (1994); identidades à luz de teóricos como Hall (2006, 2014) e Pollak (1992); e Cidades, diante da perspectiva de teóricos como Agier (2011), Harvey (2012) e Lefebvre (2013). Assim sendo, percebemos que essa Instituição de Ensino forma indivíduos academicamente e socialmente e durante esse processo, esses sujeitos aprendem conhecimentos novos, mudam suas mentalidades, descobrem novas habilidades e quebram tabus na sociedade. Contudo, ainda existem muitas dificuldades para o avanço da ciência no município. O *campus* necessita de mais recursos tecnológicos para as salas de aula, investimentos no transporte de alunos, em bolsas para pesquisas e para o desenvolvimento de novos projetos. Dessa maneira, o ensino acadêmico poderá alcançar resultados ainda melhores no município de Abaetetuba.

Palavras-chave: Amazônia; Campus Universitário de Abaetetuba; cidade; docente egresso; identidade; memória.

ABSTRACT

The present research aims to understand the social, identity and educational context of the University *Campus* of Abaetetuba of the Federal University of Pará. The objects of study of this work are the memories and identities of the professors trained by this Higher Education Institution, who returned to this same campus in the occupation of university professors, and the relationship of these aspects with the city/ municipality of Abaetetuba. In this way, our research is characterized by the qualitative approach and use of semi-structured interviews. In this sense, adheres to the methodology of Oral History allied to inductive and deductive methods. The research *corpus* consists of five professors egress from the University *Campus* of Abaetetuba: from Pedagogy, from Language Graduation Courses of Portuguese and Spanish, and two individuals linked to the coordination of this institution, who were interviewed between november 2023 and august 2024. In the present work, we use as theoretical foundation the concepts of Memories, Collective and Individual Memory according to Pollak (1989), Halbwachs (1990) and Le Goff (1994); identities in light of theorists such as Hall (2006, 2014) and Pollak (1992); and Cities, from the perspective of theorists such as Agier (2011), Harvey (2012) and Lefebvre (2013). Thus, we realize that this Educational Institution trains individuals academically and socially and during this process, these subjects learn new knowledge, change their mentalities, discover new skills and break taboos in society. However, there are still many difficulties for the advancement of science in the municipality. The *campus* needs more technological resources for classrooms, investments in student transportation, research grants and new projects development. In this way, academic education can achieve even better results in the municipality of Abaetetuba.

Keywords: Amazon; University *Campus* of Abaetetuba; city; professors egress; identity; memory.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
2.1 Delimitação temática	18
2.2 Metodologias da Pesquisa	19
2.3 Técnicas de Pesquisa	22
2.4 A escolha dos Entrevistados	24
3 MEMÓRIAS E IDENTIDADES: OS DOCENTES EGRESSOS NA UNIVERSIDADE	26
3.1 Docentes Egressos	27
3.2 Memória ou Memórias? Reflexões em torno de um termo complexo	32
3.3 Identidades: Breves reflexões	36
3.3.1 - Introdução às Identidades.....	38
3.3.2 - Identidade Pessoal e Identidade Social: Aproximação ou Repressão?	40
3.3.3 - A Identidade Profissional	42
3.4 Universidade: Núcleo agregador de memórias e identidades	43
4 UNIVERSIDADE E CIDADE	46
4.1 Breve panorama das Universidades no Mundo	46
4.2 Adentrando à História das Universidades no Brasil	50
4.2.1 A consolidação das universidades brasileiras no século XX.....	53
4.3 Cenário do surgimento da Universidade Federal do Pará	54
4.3.1 Da interiorização ao Campus Universitário de Abaetetuba.....	59
4.4 Cidade	60
4.4.1 A cidade de Abaetetuba.....	69
4.4.2 O Campus Universitário de Abaetetuba na Contemporaneidade	72
5 A TRAJETÓRIA DOS DOCENTES EGRESSOS DO CAMPUS DE ABAETETUBA	76
5.1 Docentes Egressos: Experiências, Memórias e Identidades no contexto abaetetubense	77
5.1.1 A escolha do curso de graduação	77
5.1.2 Universidade: novos sujeitos, novas experiências.....	81
5.1.3 O Campus e as cidades: relações socioeducativas.....	84
5.1.4 Aspectos identitários: a trajetória acadêmica dos Docentes Egressos.....	87
5.1.5 A experiência como Docente Egresso do Campus Universitário de Abaetetuba.....	93

5.2 Relatos da Coordenação do Campus Universitário de Abaetetuba	98
5.2.1 Campus Universitário e Abaetetuba: Importância e Desafios.....	99
5.2.2 Universidade e Identidades abaetetubenses.....	102
5.2.3 Universidade e Abaetetuba: Perspectivas.....	104
5.3 Reflexões sobre as Entrevistas	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICES	119
ANEXOS	125

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ser humano, historicamente, vivenciou adversidades nos mais diversos âmbitos sociais, seja na saúde, educação, política, cultura e economia. Neste sentido, a capacidade de adequar-se às mais complexas situações da vida cotidiana, permite aos homens e mulheres, utilizarem os conhecimentos adquiridos, para revolucionar, modificar, construir, reconstruir e por vezes, desconstruir estruturas. Diante dessa premissa, a Universidade desempenha papel preponderante na formação de indivíduos que, teoricamente, assumirão funções pertinentes dentro da conjuntura pós-moderna, visando o aperfeiçoamento e crescimento dos seus grupos sociais, das suas nações e, posteriormente, do mundo em que vivem.

Nesse contexto, “a partir da reforma que Humboldt efetuou em Berlim em 1809. A Universidade tornou-se laica (...) e abriu-se à grande problematização oriunda do Renascimento, que questiona o mundo, a natureza, a vida, o homem e a Deus” (Morin, 1999, p. 9). Nessa linha de raciocínio, o espaço acadêmico possui uma História de lutas, resistências e transformações, as quais permitiram ao ser humano, de maneira gradual, compreender os elementos que os cercam, especializarem seus conhecimentos e fazer destes, ferramentas fundamentais para a perpetuação da ideia central do saber universitário de campo propagador da mudança social.

As memórias e identidades dos Docentes formados pelo Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará, os quais retornaram a essa Instituição Pública de Ensino Superior, na ocupação de Professores Universitários, e a relação desses aspectos com a cidade/município de Abaetetuba é o nosso objeto de estudo. A premissa básica, é compreender a dinâmica da formação que essas pessoas tiveram durante o período de graduação, as memórias individuais e coletivas formadas, as identidades originárias, bem como as que foram construídas ao longo das trajetórias acadêmicas dentro do Campus Universitário de Abaetetuba, e o sentimento de pertencimento dentro da História dessa Instituição.

Ademais, a partir dessa análise, foi possível adentrarmos no entendimento do processo acadêmico de formação profissional, humana e social, as quais acarretam impactos diretos à cidade de Abaetetuba, uma vez que esses indivíduos contribuíram e contribuem com o ensino e aprendizagem de outros educandos. Além disso, pensamos logo de imediato nos Docentes Egressos do Campus Universitário de Abaetetuba, pois esses indivíduos vivenciaram experiências de formação, bem como de interações sociais dentro e fora da Universidade, e, concomitantemente, representam a reverberação do trabalho acadêmico dentro da Cidade de

Abaetetuba, gerando um impacto educacional significativo para esse município, bem como para a região do Baixo-Tocantins¹ localizada no Estado do Pará.

Diante dessas premissas, estabelecemos questões norteadoras à presente discussão, de modo que estabelecessem diálogo interrelacional entre as experiências dos Docentes Egressos e a tríade conceitual Memórias, Identidades e a Cidade. Sendo assim, a primeira perspectiva é entender como foi o período de transição do período pré-universitário, entendendo as dinâmicas das memórias e identidades construídas dentro de Abaetetuba; o segundo questionamento está relacionado ao processo de construção de novas identidades no contexto universitário, no que tange a graduação e a pós-graduação, o que representa uma abordagem fundamental para compreensão do percurso histórico, humano, acadêmico e social desses egressos até à Docência Universitária no Campus Universitário de Abaetetuba. Por fim, nos atemos a indagar sobre os principais desafios e aprendizagens da Docência Universitária no Campus Universitário de Abaetetuba e de que maneira essas vivências reverberaram no afloramento de novas identidades e na relação com o espaço cidadão.

A pesquisa tem como objetivo geral, compreender o contexto social, identitário e educacional do Campus Universitário de Abaetetuba sob o ponto de vista da memória dos seus egressos, como também a relevância desse processo à cidade. Nesse viés, apresentamos como objetivos específicos à nossa dissertação: Conceituar Memória e Identidade; Explanar a trajetória histórica de construção do ensino superior, no intuito de compreender o contexto social e acadêmico do Campus Universitário de Abaetetuba; Coletar experiências acadêmicas de egressos do Campus Universitário de Abaetetuba; Compreender a relevância social, acadêmica e educativa dos egressos do Campus Universitário de Abaetetuba para a cidade de Abaetetuba; Refletir sobre o papel da Universidade na construção da identidade dos egressos do Campus Universitário de Abaetetuba.

Estabelecido o objeto de estudo e os objetivos da presente pesquisa, bem como as questões norteadoras do nosso trabalho, debatemos as questões metodológicas mais específicas em relação à quantidade de pessoas abordadas, bem como de que maneira, trabalharíamos a dinâmica de estudos com elas. Nesse viés, definimos que cinco profissionais seriam analisados, sendo que todos deveriam ter feito obrigatoriamente a graduação no Campus Universitário de Abaetetuba.

¹ O Baixo Tocantins está localizado na região Norte do Brasil e ao leste da Amazônia brasileira, na Amazônia Oriental. O Baixo Tocantins é composto por 11 municípios: Abaetetuba, Acará, Baião, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Moju, Oeiras do Pará e Tailândia (Cardoso, Rodrigues, Sobreiro Filho, p. 223).

Ademais, esses professores deveriam estar ou terem atuado na Instituição, em áreas diferentes, para que a pesquisa criasse uma perspectiva voltada aos aspectos multidisciplinares característicos do PPGCITI. Essa definição contemplava a finalidade de se explorar a perspectiva das identidades afloradas pelas memórias dos sujeitos entrevistados, no âmbito social e educacional, circunscrevendo o ambiente universitário. Outrossim, entendemos ser necessário complementar esse processo, com as narrativas de memórias de dois sujeitos, que são primordiais para a História recente do Campus. Assim sendo, posteriormente aos Docentes Egressos, entrevistamos a ex-coordenadora do Campus Universitário de Abaetetuba e o atual vice coordenador dessa mesma Instituição. Definida essas questões, resolvemos adotar como técnica de pesquisa, as entrevistas orais semiestruturadas e como metodologia, a História Oral aliada a uma abordagem qualitativa e dedutiva-indutiva. Esses procedimentos contribuíram significativamente para a obtenção das fontes necessárias à presente discussão.

Outrossim, o planejamento dessa ideia de pesquisa se deu durante o primeiro semestre do curso de Mestrado em Cidades, Territórios e Identidades, PPGCITI/UFPA. Neste interim, no processo de delimitação temática, pudemos perceber a vastidão de possibilidades que a História do Campus Universitário de Abaetetuba abarca, a exemplo do processo de interiorização iniciado pela UFPA de Belém na década de 1980, as dificuldades iniciais de funcionamento dentro do território abaetetubense, a pluralidade cultural dos grupos sociais que formam o Campus, bem como as produções acadêmicas que impactam direta ou indiretamente no município. Todos esses aspectos são peça chave no entendimento do percurso histórico da UFPA. Contudo, no aniversário de 35 anos do Campus Universitário de Abaetetuba, comemorado em novembro de 2022, acompanhei os discursos de egressos de diferentes formações acadêmicas dentro do Campus de Abaetetuba, os quais englobaram em seus relatos, os principais desafios e a identificação com essa Instituição, tanto na condição de graduandos, como na atual função de Professores Universitários.

Assim sendo, pelo fato de minha formação enquanto historiador ter ocorrido dentro do referido Campus, ainda que o curso tenha sido flexibilizado da cidade de Cametá, pude identificar-me com aquelas narrativas, não somente como alguém que almeja o emprego de Professor Universitário, como também pelo fato de ter o objetivo de colaborar com a educação de uma maneira geral, por acreditar que ela é ferramenta essencial para a transformação social.

Diante disso, o meu percurso acadêmico encontra pontos de ligação com os Docentes Egressos, sujeitos de estudo da presente pesquisa, tanto no sentido universitário, enquanto

discente de uma Universidade do interior do estado do Pará, quanto em relação ao sentimento de amor pela profissão de professor. Ser um Professor de História, nesse contexto, me aproxima de sobremaneira da temática abordada e concomitantemente, me inspira diante das vivências desses outros docentes, a querer aperfeiçoar os meus conhecimentos tanto acadêmicos quanto humanos e sociais.

Sob outro viés, a motivação científica também foi crucial para o início desses estudos. Afinal, o curso de Mestrado, perpassa a condição de que se tenha estudos embasados em grandes trabalhos, autores renomados e pesquisadores mais recentes temporalmente, como também a prática, ou seja, o pós-graduando desenvolvendo a pesquisa, elencando objetivos e metas, seguindo pressupostos metodológicos bem definidos para se ter uma obra relevante, a qual possa dar respostas e contribuir, academicamente e socialmente, para a sociedade na qual vive. Portanto, trabalhar com egressos tem uma dupla perspectiva, uma vez que se entra em contato com relatos de experiências testemunhais de pessoas que passaram por uma trajetória acadêmica intensa, identitária e profissional, demonstrando a relevância do papel da Universidade na vida dos seus estudantes, bem como no espaço geográfico, ao qual faz parte.

Somado a isso, quando se produz uma dissertação sobre o Campus Universitário de Abaetetuba, é possível enriquecer o acervo de obras sobre essa instituição, suscitando novos olhares e novas perspectivas de aperfeiçoá-la pensando nas novas gerações de discentes, contribuindo para a formação não somente de novos profissionais, mas também, de pessoas engajadas em prol da melhoria dos diversos setores da sociedade como a saúde, a educação, o aperfeiçoamento da infraestrutura das cidades, as questões climáticas e de sustentabilidade e o desenvolvimento consciente da Amazônia, do Brasil e do mundo.

Outrossim, pensando nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável² (ODS) estabelecidos em diálogo com cidadãos do mundo todo sob a liderança da Organização das Nações Unidas (ONU), debruçamo-nos ao que a presente pesquisa pode contribuir diretamente, que é a Educação de Qualidade. Nesse viés, será possível ampliar novas perspectivas de futuro aos cidadãos e cidadãs amazônicos, como também os demais brasileiros e brasileiras, no que tange a democratização do acesso ao ensino de qualidade desde a infância, tanto público quanto privado. Além disso, com o desenvolvimento da educação do país, a partir das possibilidades que a Universidade permite, podemos pensar em um alcance elevado e relevante dos processos educacionais nas esferas técnicas e acadêmicas a todas as pessoas sem distinção de cor, raça, gênero, orientação sexual, etnias, origens,

² Disponível em <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

culturas. A educação de qualidade, garantida aos seres humanos, garantirá a formação de indivíduos conscientes e preparados para transformar a realidade social para melhor, e esse processo, reverberará no setor da própria educação, pensando nas escolas de ensino infantil, fundamental e médio, Universidades, Institutos Federais e Instituições Privadas de Ensino, na saúde, no crescimento da ciência, na construção civil, nos ambientes tecnológicos, no combate à fome e miséria, na redução das desigualdades sociais e de gênero, no combate ao racismo, homofobia, misoginia e todas as formas de discriminação social.

Diante de todas essas questões, estruturamos a presente pesquisa com um capítulo metodológico contemplativo as metodologias e técnicas de pesquisa mencionadas, um primeiro capítulo teórico, no qual abordamos os significados de Docente e Egresso, discutimos os conceitos de Memórias, Memória Coletiva e Individual segundo Pollak (1989), Halbwachs (1990) e Le Goff (1994), identidades à luz de teóricos como Hall (2006, 2014) e Pollak (1992). Posteriormente, apresentamos um segundo capítulo teórico contemplando breves reflexões sobre a História das Universidades e conceitos sobre Cidades, diante da perspectiva de teóricos como Agier (2011), Harvey (2012) e Lefebvre (2013). Em seguida, elaboramos o nosso capítulo empírico com os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com os docentes egressos, a ex-coordenadora do Campus, o atual vice coordenador dessa mesma Instituição e um ex-aluno do curso de Letras/Língua Espanhola, relacionando a tríade Memórias, Identidades e a Cidade com as experiências testemunhais abordadas nos relatos orais desses sujeitos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Delimitação temática

No processo de delimitação temática da presente dissertação, houve muitas perspectivas levantadas e discutidas. A premissa básica era a de realizar uma pesquisa que contemplasse o contexto do Campus Universitário de Abaetetuba, dialogando com as ideias suscitadas pelas memórias de sujeitos que vivenciavam essa Instituição de Ensino Superior. Diante disso, os aspectos identitários foram o fio condutor para criar o elo de relação ideal entre as memórias e a Universidade.

Sendo assim, ao abordarmos os conceitos de Memória e Identidade, precisaríamos pensar na dinâmica que esses preceitos teriam com a Cidade de Abaetetuba, onde está localizado o Campus estudado. Posteriormente, pensamos em quem seriam os sujeitos que se tornariam o objeto de estudo da pesquisa, no intuito de estabelecermos a tríade Memória, Identidade e a Cidade no contexto universitário.

Dessa maneira, pensamos nos Docentes Egressos do Campus Universitário de Abaetetuba, pois esses indivíduos vivenciaram experiências de formação, bem como de interações sociais dentro e fora da Universidade, e, concomitantemente, representam a reverberação do trabalho acadêmico dentro da Cidade de Abaetetuba, gerando um impacto educacional significativo para esse município, bem como para a região do Baixo-Tocantins.

Estabelecido quem seria o objeto de estudo da presente pesquisa, debatemos as questões mais específicas em relação à quantidade de entrevistados. Nesse contexto, definimos que oito profissionais seriam entrevistados, sendo que cinco são Docentes Egressos do Campus Universitário de Abaetetuba e os outros três possuem ligação ou fizeram parte da comunidade acadêmica dessa mesma Instituição.

Outrossim, em relação aos Docentes Egressos, esses indivíduos deveriam estar ou terem atuado no Campus Universitário de Abaetetuba em áreas diferentes, para que a pesquisa criasse uma perspectiva contempladora dos aspectos multidisciplinares do PPGCITI. Além disso, os demais entrevistados precisavam necessariamente possuir alguma ligação acadêmica com o Campus, podendo ter tido participação em aulas ou como autoridade acadêmica. Essa definição contemplava a perspectiva das identidades afloradas pelas memórias dos sujeitos entrevistados, no sentido social e educacional, circunscrevendo o espaço universitário. Definido esses aspectos, resolvemos adotar, como técnica de pesquisa, as entrevistas orais

semiestruturadas e, como metodologia, a História Oral associada a uma abordagem qualitativa e dedutiva-indutiva.

2.2 Metodologias da Pesquisa

Para que possamos compreender o processo de afloramento das identidades, a partir das narrativas de memória dos Docentes egressos do Campus Universitário de Abaetetuba, precisamos partir de um olhar da História, ou seja, analisar o contexto no qual se deu esse processo, os antecedentes, os sujeitos envolvidos, as conversas, as motivações, a realidade em que a cidade de Abaetetuba e demais se encontravam. Para isso, a história oral foi fundamental para se levantar fontes relevantes, que nos permitisse abstrair informações pertinentes ao entendimento de todo esse processo. Segundo Verena Alberti (2006),

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (Alberti, 2006, p. 155).

A História Oral possui várias correntes teórico-metodológicas, conforme as linhas de pensamento e autores. Nesse sentido, dentre as várias perspectivas analisadas sobre a História Oral, há quem a defenda como técnica, e existe a interpretação dela como metodologia, sendo esta última, a qual nos identificamos e trabalhamos na presente obra. Ademais, é importante entendermos a diferença dessas duas formas de pensar a História Oral. Nesse contexto:

A chamada ‘história oral’ não passa de um conjunto de procedimentos técnicos para a utilização do gravador em pesquisa e para a posterior conservação das fitas (...) A história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho, funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral – o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas (Ferreira; Amado, 1998, p. xiv-xv *apud* Alvito, S/D, p. 3).

Portanto, trabalharemos aqui com a perspectiva metodológica da História Oral, ou seja, a utilizamos como uma ferramenta que nos permitiu organizar entrevistas, conteúdos a serem explorados, informações a serem transcritas após cada diálogo gravado e o direcionamento que deveria ser dado a esse conteúdo. Por conseguinte, a memória acaba sendo o principal elemento dentro desse trabalho metodológico, é por meio dela que a

oralidade se desenvolve. Todavia, é importante ressaltar que a memória de um indivíduo está sujeita à sua subjetividade, experiência, e ao seu testemunho diante de um acontecimento pelo qual ele esteve direta ou indiretamente ligado, com outros sujeitos históricos envolvidos. Assim sendo, para Roussou (2006), que é historiador do tempo presente:

A memória para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social nacional. Portanto, toda a memória é, por definição, coletiva (Roussou, 2006, p. 94 *apud* Garcia, 2015, p. 1365).

A memória revela um passado, que muitas vezes aquilo que é escrito sobre ele não consegue repassar, porque na oralidade há um diálogo entre quem ouve e quem fala, e concomitantemente, há emoções, interesses, confiança ou não, e traumas sobre o passado do indivíduo. Portanto, baseado na concepção referida acerca da História Oral como metodologia e sua relação direta com a memória, utilizamos essa ferramenta para analisar algumas narrativas dos sujeitos históricos entrevistados.

A complexidade do trabalho com memórias requer, contudo, outras metodologias que possam dar um suporte ainda maior a essa discussão. Como estamos buscando extrair dos relatos orais, que evocam a memória individual e coletiva, aspectos identitários e relacionar com a lógica da Cidade, adentramos à perspectiva da metodologia qualitativa segundo Magalhães, Martins e Resende (2017), e dedutiva-indutiva, seguindo os critérios de Marconi e Lakatos (2010). Assim sendo,

Segundo Magalhães, Martins e Resende (2017), as pesquisas qualitativas possibilitam, ao pesquisador, analisar diferentes aspectos que envolvem a vida social, de forma a abarcar o significado de determinadas experiências e o imaginário sociodiscursivo dos participantes da pesquisa. Além disso, o pesquisador investiga o modo como todas essas questões se articulam com “os processos sociais, as instituições, os discursos e as relações sociais, e os significados que produzem” (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 30 *apud* Souza *et al*, 2022, p. 68).

A pesquisa desenvolve-se de maneira qualitativa na medida em que buscamos através das entrevistas orais, estabelecermos relações entre as experiências dos sujeitos com os conceitos basilares que são o alicerce deste trabalho, Memórias, Identidades e a Cidade, concentrando-nos no contexto do Campus Universitário de Abaetetuba.

Problematizar as narrativas orais, transcrevê-las e relacioná-las entre si e posteriormente com os conceitos deste trabalho, representou grandes desafios, já que nesse espaço qualitativo de relações construídas, a complexidade das informações, bem como suas flutuações, inconstâncias e mudanças são bastante presentes.

Ademais, seguimos a perspectiva da metodologia indutiva-dedutiva para estabelecermos uma relação clara, coerente e coesa entre os conceitos basilares da presente obra e os resultados obtidos a partir da pesquisa de campo. Sendo assim,

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam (Marconi; Lakatos, 2003, p. 86).

Desse modo, analisamos e interpretamos as transcrições das entrevistas, posteriormente, definimos quais trechos seriam abordados na presente dissertação, levantando uma série de questões a respeito das falas dos Docentes Egressos, principalmente no que tange às vivências desses indivíduos no Campus Universitário de Abaetetuba, bem como à interrelação com o afloramento de suas identidades. Somado a isso, procuramos fazer a relação entre os relatos orais para chegarmos a conclusões gerais sobre a influência da Universidade na trajetória acadêmica, humana e social desses sujeitos.

As entrevistas com os Docentes Egressos contaram com um roteiro de entrevista, através do qual indagamos sobre as experiências do período de transição à Universidade na época da graduação e as vivências e aprendizados subsequentes, culminando no trabalho como Docente do Campus, bem como as identidades construídas ao longo desses anos e sua consequente relação com o ambiente citadino. Ademais, a partir das perspectivas abordadas de um total de dez questões, elencamos cinco seções que contemplam todos esses aspectos para uma melhor análise das fontes no capítulo empírico.

Posteriormente, organizamos mais duas entrevistas, no intuito de complementar as narrativas dos Docentes Egressos. Dessa maneira, utilizamos um segundo roteiro de entrevista seguindo uma linha de pensamento que aborda enfaticamente a relação entre a Universidade e a Cidade de Abaetetuba, bem como as relações identitárias entre essa Instituição e sua comunidade acadêmica e abaetetubense. Todo esse processo, foi trabalhado em três seções no capítulo empírico, logo após os subtítulos referentes aos Docentes Egressos.

Além disso, utilizamos o método dedutivo ao explorarmos nos capítulos teóricos os conceitos de Memórias, Identidades e Cidades para, dessa maneira, podermos compreender as ideias exploradas pelos entrevistados em seus relatos orais e estabelecermos ligações entre os teóricos e a pesquisa de campo. Nesse contexto,

os argumentos dedutivos ou estão corretos ou incorretos, ou as premissas sustentam de modo completo a conclusão ou, quando a forma é logicamente incorreta, não a

sustentam de forma alguma; portanto, não há graduações intermediárias (Markoni; Lakatos, 2003, p. 92).

Por isso, o roteiro de entrevista foi elaborado de modo a pensar na tríade dos conceitos basilares da presente pesquisa, no sentido de que as premissas dos autores abordados nos capítulos teóricos conseguissem estabelecer relações e sustentar os resultados obtidos da pesquisa de campo.

2.3 Técnicas de Pesquisa

Para um melhor aproveitamento da coleta de dados, utilizamos as entrevistas semiestruturadas tendo em vista as flutuações e mudanças que as memórias sofrem. Assim sendo, nos propusemos a realizar entrevistas semiestruturadas com os Docentes Egressos, já que teríamos que seguir critérios, abordagens e perspectivas pautadas nos teóricos sobre Memórias, Identidades e Cidades e, concomitantemente, trabalharmos com perguntas que pudessem de acordo com cada diálogo sofrer algumas alterações em termos de amplitude temática, por estarmos tratando de memórias presentes em relatos orais, o que daria margem para respostas subjetivas e que também contemplariam outros aspectos além dos pré-estabelecidos, mas que também seriam importantes para a discussão. Desse modo, a ideia de uma entrevista semiestruturada tornou-se ideal tanto no momento da pesquisa de campo, quanto nos resultados obtidos que contemplaram a complexidade das memórias evocadas nos relatos orais dos entrevistados. Nesse viés,

entendemos a entrevista semiestruturada como o roteiro de perguntas ou tópicos que o entrevistador deve seguir, podendo introduzir perguntas adicionais para aprofundar respostas ou obter mais informações. Este tipo de entrevista tem a vantagem de permitir a comparação das respostas obtidas para cada questão ou tema, permitindo identificar o que é comum e o que é diferente (Sampieri; Collado; Lucio, 2013 *apud* Cruz, 2020, p. 101).³

Assim sendo, esse tipo de entrevista nos permitiu explorar de maneira ampla e eficaz, os relatos orais dos entrevistados, uma vez que cada indivíduo suscitou diferentes abordagens sobre cada pergunta emitida e nesse processo, cada experiência trouxe à tona novos questionamentos, os quais contribuíram consideravelmente para o entendimento de cada vivência e suas devidas peculiaridades.

³ No original: entendemos la entrevista semiestructurada como el guión de preguntas o temas que el entrevistador debe seguir, pudiendo introducir preguntas adicionales para profundizar respuestas u obtener más informaciones. Este tipo de entrevista tiene la ventaja de permitir la comparación de las respuestas obtenidas por cada pregunta o tema permitiendo la identificación de lo que es común y de lo que es diferente.

A entrevista semi-estruturada, busca alcançar uma maior profundidade nos dados coletados, bem como nos resultados obtidos, e o método do focusgroup, com base na análise dos dados obtidos na realização de entrevista, busca por via do confronto dessas respostas uma melhor compreensão do denominado estudo científico. (...) Conforme Laville e Dionne (1999), o recurso da entrevista semi-estruturada proporciona uma flexibilidade à coleta de dados, assim como uma maior abertura ao entrevistado, tornando dessa forma as respostas mais fidedignas, a qual se traduz através de uma série de perguntas que seguem o fio condutor que é a raiz da problemática, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas, na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento (Nunes; Nascimento; Luz, 2016, p. 148).

Nesse sentido, em um primeiro momento estabelecemos contatos pessoais ou virtuais com os sujeitos entrevistados, no intuito de contextualizarmos a temática da pesquisa, bem como os objetivos. Por conseguinte, explicamos a esses indivíduos as suas devidas relevâncias para esta dissertação e o quanto os seus relatos orais seriam primordiais para a compreensão da importância do Campus Universitário de Abaetetuba para o município abaetetubense. Além disso, por questões de privacidade e segurança das informações e dos relatos de memória dos sujeitos entrevistados, optamos por utilizar apenas as iniciais do primeiro nome e do último sobrenome de cada um deles na presente dissertação.

Posteriormente, determinamos as datas das entrevistas, sendo que uma foi realizada no mês de novembro de 2023, com a Professora M.A⁴, a segunda no mês de dezembro de 2023, com a Professora C.C⁵, a terceira e quarta no mês de janeiro de 2024, com a Professora L.L⁶ e o Professor R.B⁷, e por fim, no mês de fevereiro, encerramos as entrevistas com os Docentes Egressos, com o Professor E.C⁸.

⁴ Possui graduação em Letras/Língua Portuguesa pelo Campus Universitário de Abaetetuba, especialização em LIBRAS pela FAM, especialização em Língua Portuguesa e Literatura pela FAM, curso de capacitação em Tradução e Interpretação em Língua de Sinais pela UFPA/Belém, curso de Capacitação em Educação de Surdos pela UNIFESPA e Mestrado em Cidades: Territórios e Identidades pelo PPGCITI/Campus Universitário de Abaetetuba. Trabalha como tradutora e intérprete de LIBRAS/Português no Campus Universitário de Abaetetuba por meio da empresa KCM; é professora no Projeto LIBRAS na Comunidade da Divisão de Acessibilidade (DAC) do Campus Universitário de Abaetetuba.

⁵ Possui graduação em Pedagogia pelo Campus Universitário de Abaetetuba, Mestrado e Doutorado em Educação pelo PPGED/UFPA/Belém. Trabalha como docente dos cursos de Pedagogia do Campus Universitário de Abaetetuba.

⁶ Possui graduação em Pedagogia pelo Campus Universitário de Abaetetuba e Mestrado em Currículo e Gestão da Escola Básica pelo PPEB/UFPA/Belém. Foi docente dos cursos de Matemática do Campus Universitário de Abaetetuba durante os anos de 2021 e 2023.

⁷ Possui graduação em Letras/Língua Espanhola pelo Campus Universitário de Abaetetuba, especialização em Metodologia da Língua Estrangeira pela UNINTER e Mestrado em Cidades: Territórios e Identidades pelo PPGCITI/Campus Universitário de Abaetetuba. Foi docente dos cursos de Letras/Língua Espanhola do Campus Universitário de Abaetetuba durante os anos de 2018 e 2020.

⁸ Possui graduação em Letras/Língua Espanhola pelo Campus Universitário de Abaetetuba, especialização em Metodologia do Ensino em Língua Portuguesa e Estrangeira pela UNINTER, Mestrado em Educação e Cultura pelo PPGEDUC/Cametá/UFPA. Foi docente dos cursos de Letras/Língua Espanhola do Campus Universitário de Abaetetuba durante os anos de 2018 e 2020.

No momento das entrevistas, novamente fizemos uma contextualização sobre a pesquisa e deixamos os entrevistados discorrerem sobre as perguntas realizadas, da maneira mais confortável possível, dando o entendimento de que estaríamos em uma conversa e que os assuntos que essas pessoas não quisessem abordar, não seriam discutidos naquele processo.

Após o período de entrevistas, realizamos a transcrição das narrativas e, posteriormente, analisamos e interpretamos as informações obtidas, de acordo com os tópicos estabelecidos a partir das perguntas elencadas no roteiro e também os assuntos relacionados aos aspectos teóricos da presente dissertação.

2.4 A escolha dos Entrevistados

Assim sendo, em novembro de 2022, foi comemorado o aniversário de 35 anos do Campus Universitário de Abaetetuba. Naquela ocasião, ocorreu uma mesa redonda somente com alguns dos Egressos dessa instituição. Naquele momento, esses indivíduos relataram as diversas experiências que tiveram no âmbito acadêmico e o quanto aquilo foi preponderante para as suas carreiras profissionais.

Portanto, foi um momento importantíssimo para podermos observar quais aspectos seriam mais interessantes de abordar nas entrevistas que iríamos fazer. Outrossim, aproveitamos a oportunidade em questão, para conseguirmos alguns contatos desses Egressos. No dia do evento, conseguimos o contato da Professora C.C do curso de Pedagogia.

No decorrer do ano de 2023, realizamos pesquisas dentro das secretarias do Campus de Abaetetuba, no intuito de fazer um levantamento de todos os egressos dessa instituição e, dessa maneira, podermos estabelecer quem seriam os entrevistados. Desse modo, durante o segundo semestre de 2023, entrei em contato via Whatsapp, com as Professoras C.C e M.O, e pelo e-mail, com a Professora L.L e outros profissionais. Em janeiro de 2024, entrei em contato, via Whatsapp, com o Professor R.B, o qual me informou o contato do Professor E.C, seu ex-colega de graduação do Campus, no curso de Espanhol.

Dessa maneira, foram definidos os cinco docentes egressos que seriam entrevistados, sendo duas pedagogas, uma tradutora e intérprete de LIBRAS e Professora de Língua Portuguesa, e dois Professores de Espanhol. Em relação aos demais egressos, não conseguimos estabelecer alguns contatos via email e, por termos atingido o número ideal de entrevistados, não houve a necessidade de contactarmos outros professores.

Paralelo a esse procedimento, construí ao longo dos meses de julho e agosto de 2023, o roteiro para as entrevistas semiestruturadas realizadas a partir de setembro de 2023. Como

esse processo não é definitivo, possuía ciência de que algumas perguntas poderiam levar a outras interpretações e falas, as quais poderiam ou não estar relacionadas direta ou indiretamente com a temática do trabalho. Pensando nisso, me preparei consideravelmente para as entrevistas, munido da experiência que já tinha do trabalho de graduação.

Além da revisão da literatura sobre identidades e memória, a presente pesquisa abarca também, a premissa da discussão sobre as cidades, mais especificamente, a relação do Campus Universitário de Abaetetuba com a cidade de Abaetetuba, levando-se em consideração aspectos educacionais, sociais, mercado de trabalho e os impactos que os profissionais formados por essa Instituição, causam na cidade.

Para isso, após reflexões e estudos aprofundados, definimos dois entrevistados, que julgamos adequados ao propósito dessa dinâmica de raciocínio. São eles, a ex-coordenadora do Campus Universitário de Abaetetuba, Professora A.M⁹ e o atual vice coordenador do Campus Universitário de Abaetetuba, Professor R.S¹⁰. Afinal, são sujeitos que participaram ou participam ativamente dentro da dinâmica correlacional entre UFPA e Abaetetuba.

Portanto, tendo em vista a magnitude da relevância de trabalharmos com narrativas orais de Docentes Egressos de uma Universidade, a presente pesquisa contemplou não somente as memórias e os aspectos identitários, mas também as subjetividades e a influência da educação na vida desses sujeitos, os quais, movidos pelo conhecimento acadêmico e a vontade de mudar a realidade social, criaram laços consistentes com a Cidade de Abaetetuba, perpetuando o papel educacional, humano e social do Campus Universitário de Abaetetuba.

Quando se realiza uma pesquisa de tamanha proporção, muitos são os aprendizados. Observamos e analisamos realidades que por vezes se aproximam em relação ao fato de estarem circunscritas no espaço educacional, mas que também diferem pelas adversidades características de cada vivência. O ser humano está em constante mudança, passível de múltiplas interpretações. Eles e elas aprendem, constroem e desconstroem ideias, hábitos, teorias e em todo esse processo, o conhecimento mostra o seu poder de transformar vidas seja dentro do espaço acadêmico ou na sociedade como um todo.

⁹ Possui Graduação em Engenharia Química pela UFPA Campus de Belém. Trabalhou na coordenação do Campus Universitário de Abaetetuba de 2018 à 2023 (2018 – 2019 – Coordenadora em exercício; 2019 – Pró-tempori; 2019 – 2023 – Coordenadora Eleita)

¹⁰ Possui Licenciatura em Biologia pela UFPA Campus de Bragança, Mestrado e Doutorado em Virologia pela UFPA Campus de Belém. É vice coordenador do Campus Universitário de Abaetetuba desde 4 de setembro de 2023. É Docente Efetivo do Campus Universitário de Abaetetuba desde julho de 2011.

3 MEMÓRIAS E IDENTIDADES: OS DOCENTES EGRESSOS NA UNIVERSIDADE

No presente capítulo, nos propomos a abordar a lógica das relações construídas historicamente no processo educacional, pensando no contexto inerente às Universidades. Somado a isso, adentraremos ao entendimento de como a trajetória de Docentes está sujeita a interferências e mudanças constantes relacionadas a aspectos identitários e às suas memórias.

Pensar na educação de uma maneira ampla, é refletir sobre o que a compõe enquanto processo de ensino e aprendizagem, infraestrutura, mas principalmente os sujeitos que são o seu alicerce. Nesse contexto, a relação entre Professor e Aluno se estabelece de uma maneira na qual um necessita do outro para que haja o florescimento do conhecimento. Na Idade Clássica, os indivíduos que possuíam a habilidade da comunicação e da oratória destacavam-se em meio à multidão e, dessa forma, influenciavam os demais, culturalmente, socialmente, política e economicamente. Dentro dessa perspectiva, sempre existiram aquelas pessoas que, instigadas pela sabedoria de seu orientador ou professor ou mestre, seguiram os seus estudos e aprofundaram-se nas temáticas que tiveram acesso, para futuramente, também chegarem ao patamar de grandes comunicadores e/ou professores das novas gerações. Isso aconteceu com os sucessores de Heródoto na História, Aristóteles na Filosofia, Pitágoras na Matemática, por exemplo.

As grandes descobertas e suas posteriores derivações e aprofundamentos, só foram possíveis graças a essa sinergia entre Educador e Educando. Por isso, os educadores têm um papel fundamental no processo educacional, que vai muito além do ato de fala ou de passar provas. Esse indivíduo pode não somente extrair o melhor de seus alunos, como também direcioná-los a novos caminhos que os levem a também serem grandes educadores, mantendo, dessa maneira, o ciclo do conhecimento tão salutar na vida dos seres humanos.

Dito isto, a sociedade percebeu ao longo de séculos que precisava valorizar o potencial do conhecimento advindo da ciência. Muitas barreiras tiveram de ser rompidas, mentalidades esvaíram-se para dar lugar a novos horizontes de expectativas. Ainda na Idade Média, surgiram as primeiras Universidades no Mundo; no século XVIII, cresceu o movimento Iluminista em prol do avanço do conhecimento científico; a modernidade trouxe novos rumos para o tratamento de doenças através das primeiras vacinas. Esses acontecimentos históricos foram fundamentais para o aumento da expectativa de vida dos seres humanos e para o desenvolvimento das sociedades ao redor do mundo. Nesse contexto, obviamente, nunca foi a solução para todos os problemas mundiais tampouco conseguiu impedir as guerras e a fome, por exemplo. Contudo, construiu caminhos até mesmo no caos, para o desenvolvimento dos

países. Todo esse processo, envolveu pessoas que foram inspiradas pelo conhecimento e o poder que ele tem na reconstrução de uma nação, como também na construção de um futuro melhor para todos. (Burke, 2016)

Nessa relação intimamente ligada entre Educador e Educando, destacaremos a partir desse momento, os Docentes universitários, mais precisamente, os Docentes Egressos Universitários e as suas identidades, já que estes sujeitos passaram pelo processo de ingresso nas Instituições de Ensino Superior como discentes, tornaram-se egressos após as conclusões de seus devidos cursos, e retornaram ao local onde tiveram sua formação acadêmica em um patamar de Docentes. Nesse contexto, essas pessoas possuem memórias individuais e coletivas que juntas, moldaram as suas identidades ao longo de toda a experiência que possuem dentro do ambiente acadêmico.

Neste capítulo, entenderemos a lógica da relação entre o Docente Egresso, suas Memórias e o conseqüente florescimento de suas identidades dentro do âmbito social e acadêmico, os quais são indissociáveis nessa perspectiva. Para isso, nos ateremos, primeiramente, a compreender o conceito de Docente e depois de Egresso; os conceitos de Memórias; e as definições ou discussões sobre as Identidades. Após isso, faremos um diálogo entre essas premissas dentro do âmbito universitário.

3.1 Docentes Egressos

Mais do que nos aprofundarmos no conceito de Docentes Egressos, é preponderante pensarmos nesses sujeitos históricos como integrantes de um processo maior, conhecido como História do Conhecimento. Nesse sentido, historicamente, homens e mulheres realizaram grandes descobertas movidos pelo desejo de conhecer o desconhecido, romper com as barreiras do incognoscível e, dessa forma, aperfeiçoar ferramentas, técnicas de produção, relações interpessoais com grupos sociais distintos, construção de casas, rodovias, cidades, bem como enriquecer suas culturas.

Esse ávido empenho em querer conhecer como o mundo funciona, instigou e inspirou as sociedades a organizarem os seus pensamentos e estruturarem gradativamente o modo como repassar as informações adquiridas e, posteriormente, convertê-las em conhecimento. Nesse contexto, o historiador inglês, Peter Burke (2016), em sua obra “O que é História do Conhecimento?”, destaca justamente essa premissa de que as sociedades precisam entender a diferença entre Informação e Conhecimento. Esse autor utiliza-se da metáfora de Claude Lévi-Strauss (2016), para destacar que a Informação é como algo “cru”, enquanto que o

Conhecimento seria algo “cozido”. A Informação passa por um conjunto de interpretações, reformulações, preconceitos, suposições, classificações, avaliações e comparações que poderão ou não se transformar em Conhecimento, o qual seria mais complexo, desenvolvido e devidamente mais organizado. Em cada sociedade, existem diversas formas de Conhecimento, os quais são usados para variadas finalidades. Não há como falar em singularidade nesse processo, e sim, pluralidade. Segundo Peter Burke,

Em alemão, criou-se uma distinção entre *Erkenntnis* [conhecimento a partir da experiência, anteriormente *Kundschaft*] e *Wissenschaft* [conhecimento acadêmico]. Em inglês, as palavras “cientista” e “especialista” surgiram no início do século XIX, época de crescente especialização. Surgiu ainda uma palavra designando o conhecimento obtido por pessoas comuns: “folclore”, quase sempre sugerindo uma forma inferior de conhecimento. Em francês, a distinção mais famosa se dá entre *savoir*, termo geral para conhecimento, e *connaissance*, indicando conhecimentos especializados. De maneira similar, diferentes grupos de pessoas ilustradas são descritas em francês como *intellectuels* (os que exercem um papel público), *savants* (primordialmente membros da academia) e *connoisseurs* (conhecedores de arte ou vinho). (Burke, 2016, p. 21).

Assim sendo, existem inúmeras possibilidades dentro do universo do Conhecimento. Diante deste cenário, se pensarmos na sociedade contemporânea, considerada pós-moderna por alguns autores como Bauman (2023), poderemos ter uma pequena dimensão da vastidão dos conhecimentos existentes na era global. A partir do momento em que um indivíduo que mora em Abaetetuba, no estado do Pará, resolve sair para comprar um aparelho celular na capital desse estado, Belém, ele encontrará uma série de informações, relatos e propagandas que terão forte impacto na decisão final de compra. Esse consumidor, em posse do equipamento adquirido, navegará na internet para realizar uma simples pesquisa acadêmica ou acessar um site de entretenimento. Nesse momento, o ser humano se depara com uma gama de textos, imagens e vídeos que passarão a fazer parte do seu capital cultural. O contínuo processo de informações e conhecimentos adquiridos, crescerão em uma velocidade inimaginável em comparação aos séculos anteriores.

Cotidianamente, o conhecimento mostra os seus impactos na sociedade globalizada. Ele é fruto de insatisfações, curiosidades e necessidades salientadas pelo tempo presente, contudo, com implicações do passado, pensando no futuro. Países com alto percentual de criminalidade, investem na construção de penitenciárias, na capacitação e aumento de policiais nas ruas, casas são cercadas por muros ou redes elétricas para prevenir furtos. Cidades incentivam eventos culturais de cunho religioso e, concomitantemente, estimulam a economia criativa. Hospitais contratam Médicos e Enfermeiros a fim de aplicar conhecimentos para salvar vidas diariamente. Esses cenários deixam claro que todos os

processos que ocorrem em sociedade sempre terão a participação de conhecimentos variados, cada qual à sua maneira, desempenhará uma função diferenciada nos países ou nações, não significando, necessariamente, que haverá sucesso em suas execuções.

Pensar no conhecimento escolar e acadêmico não é diferente. As creches, escolas de ensino infantil e fundamental, Instituições de ensino técnico, Ensino a Distância e Universidades recebem cotidianamente, educadores e educandos das mais diversas faixas etárias, culturas e identidades, advindos dos mais variados lugares. Esses ambientes de aprendizagem são o grande alicerce da sociedade, pois desse meio surgirão frutos que darão contribuição significativa nas mais diversas áreas e setores sociais, como os citados anteriormente. Contudo, a partir deste momento, interessa-nos atermos ao contexto das Universidades, mais especificamente, aos discentes universitários que, movidos pela curiosidade, desejo e vontade de mudar o mundo, formaram-se no ensino superior, adquiriram conhecimentos especializados e retornaram às Instituições de Ensino Superior na condição de Docentes Universitários e, em determinados casos, Docentes Egressos Universitários.

Segundo o dicionário Michaelis On-line (2024), Docente significa “relativo ao ensino ou àquele que ensina”. Nesse viés, todos aqueles que possuem conhecimento e conseguem repassá-lo para um ou mais indivíduos em uma sociedade, são conhecidos como Docentes. Nesse sentido, a partir do momento em que se institucionaliza e organiza-se esse processo, teremos os espaços propícios para a consolidação dessa relação de ensino e aprendizagem, como é o caso das Escolas e das Universidades. Assim sendo,

Em nível global, a necessidade de formação docente fora preconizada por Comenius, no século XVII, sendo que o Seminário dos Mestres, instituído por São João Batista de La Salle em 1684, foi o primeiro estabelecimento de ensino destinado à formação de professores. Mas, somente após a Revolução Francesa, mais precisamente no final do século XVIII, iniciou-se o processo de valorização da instrução escolar, período em que foram criadas as Escolas Normais com a finalidade de formar professores. Assim, nasceu a necessidade de universalizar a instrução elementar e, para tanto, a urgência de organização dos sistemas nacionais de ensino. Na visão de Saviani (2009), foi a partir daí que se introduziu a distinção entre Escola Normal Superior para formar professores de nível secundário e a Escola Normal simplesmente, também chamada de Escola Normal Primária, para preparar professores do ensino primário (Borges; Aquino; Puentes, 2011, p. 95).

Instrumentalizar e capacitar os Professores foi um processo lento e gradual na História do Conhecimento e da Educação. Foram séculos de experiências educacionais desde os gregos e romanos que valorizavam a oratória, passando pelos conhecimentos medievais que, frequentemente, reprimiam os estudos de obras científicas, até o período de transição à modernidade com o Seminário dos Mestres.

Pensando a nível de Brasil, a preocupação relativa à formação de Professores é atrasada se comparada à Europa, por exemplo. Apenas em meados do século XIX, ainda sob influência do Império, é que teremos as primeiras grandes perspectivas de capacitação de profissionais da área da educação. Nesse contexto, Saviani (2009, p.143 *apud* Borges; Aquino; Puentes, 2011, p. 96) divide a história de formação de professores no Brasil, em seis períodos:

1. Ensaios intermitentes de formação de professores (1827-1890). Esse período se iniciou com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que obrigava os professores a se instruírem no método do ensino mútuo, às próprias expensas; estendeu-se até 1890, quando prevaleceu o modelo das Escolas Normais.
2. Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890- 1932), cujo marco inicial foi a reforma paulista da Escola Normal, tendo como anexo a escola-modelo.
3. Organização dos Institutos de Educação (1932-1939), cujos marcos foram as reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal, em 1932, e de Fernando de Azevedo em São Paulo, em 1933.
4. Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971).
5. Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996).
6. Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006) (Saviani, 2009, p.143 *apud* Borges *et al*, 2011, p. 96).

Dentro dessa perspectiva, no nosso capítulo sobre a Universidade e a Cidade, destacaremos que no século XX, com o surgimento das principais Universidades Públicas Brasileiras, incluindo a Universidade Federal do Pará, teremos grandes avanços na área da educação e corroborando com essa periodização de Saviani, conseguimos identificar a importância da consolidação das Licenciaturas, principalmente no período de 1939 à 1971, curiosamente, um recorte temporal que engloba Estado Novo Vargasista Repressivo e Ditadura Militar Brasileira (Del Priore, 2016), fortemente contra a formação de sujeitos com senso crítico apurado. Porém, a Educação sempre resistiu a ignorância, a voracidade do capitalismo e tem-se mantido consideravelmente forte em sua premissa básica e salutar de formar pessoas conscientes e engajadas em melhorar a sociedade em que vivem.

Portanto, o Docente tem um papel preponderante no processo educacional. Por isso, ele sempre deve ser valorizado tanto no que diz respeito a sua formação profissional, quanto social e humana. Esses indivíduos representam um elo importantíssimo entre o educando e o seu futuro. Eles influenciam, moldam mentalidades e podem ou não inspirar as futuras gerações. Isso é um fator que precisa ser cotidianamente lembrado, o Professor, seja ele universitário ou ligado ao Ensino Infantil, Fundamental ou Médio, terá influência significativa na vida dos seus alunos. Assim como ele pode formar mentes brilhantes responsáveis em

atuar como professores, médicos ou advogados, pode também ser uma referência que não passa segurança e desestimula o estudante a buscar novas perspectivas de futuro, ficando fadado ao esquecimento ou até mesmo, ao âmbito da criminalidade. Portanto, ser docente, é romper com as barreiras da ignorância e abrir novos caminhos à luz do conhecimento, para o desenvolvimento dos países e de seus cidadãos.

Nesse momento em que compreendemos de maneira sucinta, porém, satisfatória, o conceito de Docente, passaremos a adentrar, neste instante, a premissa da conceituação de Egresso. Assim sendo, segundo o dicionário Michaelis On-line (2024), a palavra egresso significa, dentre outros significados, “que saiu, que se afastou; que não pertence mais a um grupo ou uma comunidade; ação ou efeito de sair; afastamento, retirada, saída.” Nesse sentido, interessa-nos o entendimento da palavra Egresso no contexto universitário, como aquele sujeito que ingressou na Comunidade Acadêmica, recebeu a sua formação em nível de graduação e/ou pós-graduação, concluiu o seu curso e posteriormente, deixou de fazer parte daquela condição de discente.

Ao associarmos as palavras “Docente” e “Egresso”, baseados nas reflexões anteriores, teríamos um Professor Egresso que saiu de uma determinada Instituição ou Comunidade, por exemplo. Nesse sentido, nos ateremos a compreensão de que esse profissional que recebeu formação especializada em uma Universidade, concluiu, com êxito, o seu curso acadêmico e tornou-se egresso daquela Instituição.

Para a presente dissertação, o entendimento de Docente Egresso do Campus Universitário de Abaetetuba, portanto, leva-nos a compreensão de que aquele indivíduo em um determinado ano, ingressou nessa Instituição como graduando de um curso de Licenciatura para ser um professor, podendo ou não ter feito pós-graduação nessa mesma Universidade. Ademais, após essas formações, esse mesmo profissional passa a ser um Docente Egresso do Campus Universitário de Abaetetuba.

Dessa forma, o objeto de estudo na presente pesquisa é justamente, esse indivíduo, esse Docente Egresso do Campus Universitário de Abaetetuba, porém, sob uma concepção e um contexto, no qual ele retorna a esse Campus, na condição de funcionário, ou seja, como Docente. É a partir desses sujeitos que trabalharemos a relação entre memórias, identidades e a cidade/município de Abaetetuba.

Contudo, antes de adentarmos nessa relação, a qual será explorada no capítulo empírico, aprofundaremos, nas próximas seções deste capítulo, os conceitos de Memória e Identidade.

3.2 Memória ou Memórias? Reflexões em torno de um termo complexo

O ser humano é um sujeito histórico passível de múltiplas interpretações e, concomitantemente, inconstante, irregular ou até mesmo oscilante dentro de uma dada sociedade. Nesse viés, o período contemporâneo, marcado pela Globalização e voracidade do Capitalismo, o qual influencia os indivíduos a buscarem o lucro, a exposição midiática, o consumismo exacerbado, possui grupos sociais heterogêneos que compartilham ideias, gostos, hábitos e principalmente, memórias de acontecimentos que as conectam de alguma maneira.

Existem diversos campos do saber científico que estudam a memória nas suas mais variadas perspectivas. Quando se trata de se aprofundar na compreensão da mente humana, muitos aspectos devem ser levados em consideração, sejam eles comportamentais ou psíquicos. Nesse sentido, para Jacques Le Goff,

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas [...] Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria [cf. Meudlers, Brion e Ueury, 1971; Florès, 1972]. (Le Goff, 1994, p. 423).

O que seria das mulheres e homens se não compartilhassem e/ou usufríssem de suas memórias sejam elas individuais ou coletivas? As informações que nossos antepassados converteram em conhecimento, foram repassadas hereditariamente para que as sociedades pudessem se desenvolver. Contudo, a premissa de que o passado pode ser evocado no presente através dos relatos de memória de um indivíduo, não se traduz em algo viável a todo momento.

Quando tratamos de memórias, estamos falando também de experiências positivas e/ou negativas, de traumas, silêncios, medos, esquecimentos, ressentimentos. Nesse sentido, os sobreviventes de uma guerra civil, por exemplo, são pessoas que passaram por experiências bastante intensas de violência e, nesse contexto, possuem sequelas físicas e psicológicas daquele acontecimento. Esses sujeitos, ao evocarem suas memórias sobre o fato histórico que vivenciaram, farão uma seleção daquilo que suas memórias lhe permitirão expor e, assim sendo, muitas informações serão silenciadas, reprimidas pois a subjetividade de cada um é heterogênea e influencia o comportamento de cada um. Diante dessa perspectiva,

Existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. (...) Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos (Pollak, 1989, p. 9).

Os grupos sociais que se formam nas sociedades, se constituem de indivíduos que, de alguma forma, se relacionam através de conexões ligadas a interesses em comum, relações laborais, eles compartilham a mesma cultura e/ou a mesma religião, enfim, diversas circunstâncias agregadoras de uma coletividade. Nesse interim, ao guiarmos nossos olhares para a sociedade atual, dita pós-moderna por Bauman (2023), por exemplo, perceberemos que as possibilidades de afloramento e surgimento de grupos heterogêneos, os quais compartilham de memórias coletivas, são muito mais amplas do que no século XX, fruto da amplitude que a internet, através de suas redes sociais, tem alcançado. Sendo assim,

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (Pollak, 1989, p. 10).

Partindo do pressuposto que os seres humanos vivem influenciados pela coletividade que os cercam, e entendendo que as memórias compartilhadas pelos grupos sociais são fundamentais para a coesão, mas também, o próprio caos de um determinado aglomerado de cidadãos, precisamos adentrar a distinção entre Memória Coletiva e Memória Individual, tendo em vista que a primeira, apesar de sua imponência e hegemonia, não subjuga ou não anula a experiência da segunda. A discussão entre esses dois conceitos é complexa e possui um limiar tênue. Assim sendo, sobre a Memória Coletiva, Halbwachs destaca que

um grande número de lembranças reaparecem porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que consideramos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo. Temos o direito de perguntar quem nos concede esse segundo ponto, posto que uma tal atitude mental não é possível senão junto a um homem que faz ou fez parte de uma sociedade e porque, à distância pelo menos, sofre ainda seu impulso. Basta que não possamos pensar em tal objeto para que nos comportemos como membro de um grupo, para que a condição desse pensamento seja evidentemente a existência do grupo. É por isto que, quando um homem entra em sua casa sem estar acompanhado de alguém, sem dúvida durante algum tempo "esteve só", segundo a linguagem comum. Mas lá não esteve só senão na aparência,

posto que, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam pela sua natureza de ser social, e que em nenhum instante deixou de estar confinado dentro de alguma sociedade (Halbwachs, 1990, p. 24).

Esse processo nos faz refletir o quanto a nossa mentalidade está enraizada no contexto social ao qual estamos circunscritos. Nesse viés, se observarmos o cotidiano das cidades, sejam elas pouco ou bastante desenvolvidas, perceberemos que existem diversas possibilidades em diferentes âmbitos, de se evocar memórias coletivas. Quando se está em uma festividade cultural, em um partido político de longa duração, um grupo de jovens de uma determinada religião ou o próprio ambiente acadêmico universitário, os indivíduos vivenciam experiências coletivas e, apesar de que os seres humanos são heterogêneos, o fato de participarem de um mesmo processo social, faz com que eles encontrem aspectos em comum que serão salvaguardados em suas memórias. O fato de haver seres sociais, por vezes, dificulta os olhares para uma percepção individualista quando se fala na existência, também, das memórias individuais. Afinal, se os cidadãos vivem em uma sociedade com leis, hábitos, questões políticas, econômicas e sociais que, querendo ou não, os englobam, leva-nos a questionar qual seria a fronteira entre a coletivização do pensamento e a individualização do perceptível aos olhos humanos. Ainda segundo Halbwachs (1990),

nada prova que todas as noções e imagens tomadas dos meios sociais de que fazemos parte, e que intervêm na memória, não cubram, como uma tela de cinema, uma lembrança individual, mesmo no caso em que não a percebemos. A questão toda é saber se uma tal lembrança pode existir, se é concebível. O fato que ela seja produzida, mesmo uma única vez, bastaria para demonstrar que nada se opõe a que intervenha em todos os casos. Haveria então, na base de toda a lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram tantos elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível (Halbwachs, 1990, p. 24).

Nesse processo, portanto, existem camadas a serem superadas no intuito de se perceber a intuição sensível dos seres humanos, a individualização da experiência. Isso requer um esforço considerável da mente humana, e uma sensibilidade apurada no intuito de se evocar memórias individuais dentro de um contexto favorável às memórias coletivas em grande escala. Assim sendo, pensando na perspectiva que estabelece as relações entre Memórias Individuais e Coletivas, Michael Pollak (1992) destaca que existem elementos constitutivos dessas memórias. Eles estariam relacionados aos acontecimentos vividos pessoalmente ou “por tabela”; a personagens; e lugares da memória.

Os acontecimentos passados representariam dois importantes momentos na vida dos indivíduos, tanto no que se refere aos seus pensamentos e sensações individuais diante de um fato, como também às experiências coletivas que geram identificação entre sujeitos que

compartilham das mesmas ideologias políticas, culturais ou religiosas, por exemplo. E isto não quer dizer, necessariamente, que o sujeito histórico, para ter essa identificação, tenha estado presente fisicamente em um dado espaço e tempo. Haveria uma “memória por tabela” ou “memória herdada”, dentro de uma dada circunstância comum a um determinado indivíduo, e ela tem uma vastidão e impacto tão fortes, que, a partir de uma socialização histórica e/ou política pode alcançar os indivíduos atravessando a fronteira do espaço e tempo, culminando em uma identificação e uma percepção, quase que nítida, com um fato passado a partir das memórias coletivizadas.

Ademais, adentrando na premissa das personagens, Pollak (1992), destaca que durante a evocação das memórias de um sujeito histórico, este indivíduo pode fazer referência a pessoas que participaram de maneira direta de sua vida, compartilhando experiências positivas e/ou negativas e, dessa maneira, constituindo-se parte integrante daquela história. Outrossim, o ser humano entra em contato, mesmo que indiretamente, com sujeitos que possuem uma capacidade de persuasão e de influência altamente contagiantes, a exemplo de líderes religiosos ou políticos, escritores, revolucionários contemporâneos e que são capazes de mudar comportamentos e mentalidades desses cidadãos. Por fim, haveria, também, personalidades distantes do espaço e tempo de uma pessoa, mas que a influenciam seja pela trajetória de vida ou por aquelas obras que deixou à posteridade. (Pollak, 1992)

Quanto aos lugares da memória, existem diversas possibilidades. Quando se trata de memórias, podemos fazer referência a um passado recente ou longínquo da vida de um indivíduo. E, nesse sentido, os locais aos quais os indivíduos tiveram alguma relação são cruciais para se entender a personalidade, as experiências de cada um, a exemplo dos locais que fizeram parte da infância de uma pessoa, a qual apresenta lembranças subjetivas, individuais e/ou coletivas do passado. Podemos falar em monumentos que fazem alusão a figuras históricas que geram identificação e inspiração, como também a lugares distantes do cotidiano de um sujeito histórico, mas que, por ter fortes relações enraizadas no seio familiar, por exemplo, constituíram-se como locais de memória coletiva e de forte influência no pensamento dos indivíduos que estão conectados de alguma forma a esse processo. (Pollak, 1992)

Dentro do seio da discussão das possibilidades que as memórias podem ser trabalhadas e discutidas, existe a premissa básica de que elas encontram momentos de apreciação, atenção, exposição, silenciamentos e seleções. Contudo, só é possível para o pesquisador, entender o seu funcionamento, tanto do que é explícito, quanto do que está implícito, a partir das narrativas orais dos sujeitos históricos que vivem ou viveram um determinado

acontecimento histórico, do qual há um interesse em ser devidamente estudado. E nesse processo, há uma intensa batalha de narrativas, sejam elas escritas em documentos oficiais ou oralizadas por pessoas silenciadas ou excluídas pela História Oficial. Nesse viés,

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. A literatura conhecia já esta prática pelo menos desde o Romantismo: Victor Hugo faz surgir Notre Dame de Paris num quadro popular medieval que a história oficial havia desprezado (Bosi, 2003, p. 15).

Por isso, o trabalho com a Memória Coletiva e Individual é complexo e possui um universo de interpretações e perspectivas de reflexão e pesquisa. Não se pode dar conta de sua totalidade, tampouco entendê-lo imparcialmente. Cabe ao pesquisador, compreendê-las levando em consideração passado e presente e sua indissociável relação, sendo que muito possivelmente, surgirá lacunas e dúvidas, já que os seres humanos dificilmente exploram a totalidade de suas memórias, seja por receio, insegurança ou simplesmente, porque não conseguem lembrar de todos os acontecimentos.

Para a lógica da presente pesquisa, iremos nos ater, portanto, a Memória Coletiva, pois as trajetórias acadêmicas e sociais dos Docentes Egressos se constituem em experiências tecidas sob o contexto coletivo, seja nas relações interpessoais estabelecidas dentro do Campus Universitário de Abaetetuba, como fora dele, nos demais espaços citadinos.

3.3 Identidades: Breves reflexões

Abordar o termo Identidade requer cautela e atenção aos seus desdobramentos e amplitude dentro da perspectiva da teoria social. Assim como, na seção anterior, adentramos ao conceito de memória, discutiremos a partir deste momento, os aspectos identitários, que julgamos mais pertinentes a esta pesquisa. Assim sendo, é preponderante para esta discussão, entendermos a dinâmica das relações interpessoais inerentes à sociedade contemporânea, seja no âmbito familiar, seja no ambiente acadêmico e/ou laboral.

Tendo em vista a tendência cada vez mais globalizante de grande parte dos países, há um aceleração do processo de “deslocamento” (Hall, 2006) das identidades, no sentido de que esse processo ocorre de diversas maneiras ao longo da vida de um indivíduo. Sendo assim,

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham

fornecho sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (Hall, 2006, p. 9).

O fato de vivermos em uma realidade na qual os sujeitos se veem obrigados a buscar conhecimentos especializados, cumprir metas e horários, discernir e filtrar as variadas informações que têm acesso cotidianamente, faz com que os indivíduos estejam, frequentemente, inseridos em um processo de escolhas influenciadas pelo ambiente ao qual estão circunscritos, alterando ou aflorando determinados comportamentos, desenvolvendo novas perspectivas identitárias, pois o sujeito começa a pensar naquilo que está fazendo e cria uma identificação.

Na sociedade contemporânea globalizada, não há como falar em um único centro agregador de culturas, identidades, sistemas políticos ou econômicos. Cada vez mais, há uma fragmentação dos processos sociais, políticos e econômicos, assim como uma volatilidade das relações inseridas nesse contexto, ao qual as questões identitárias fazem parte. Nesse sentido,

O significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. A globalização é a "nova desordem mundial" de Jowitt com um outro nome (Bauman, 2021, p. 67).

A ideia de um mundo globalizado e, concomitantemente, em desordem, gera um cenário de incertezas e contínuas mudanças. Nesse viés, é indispensável pensarmos em como esse processo atinge as percepções dos sujeitos e como ele altera as identidades dos seres humanos. "A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza" (Mercer, 1990, p. 43 *apud* Hall, 2006, p. 9)

Portanto, compreendendo a complexidade e amplitude da temática das Identidades, adentraremos aos seus conceitos basilares à presente pesquisa. A partir deste instante, abordaremos três seções, que consideramos fundamentais para a dinâmica do debate sobre os aspectos identitários. Trabalharemos com uma breve discussão sobre o termo de um modo geral, explorando uma explanação introdutória; posteriormente, entenderemos a identidade pessoal, social e profissional.

3.3.1 - Introdução às Identidades

A efemeridade das relações interpessoais na modernidade tardia, é um processo complexo, fruto da considerável mudança de mentalidades dos sujeitos, principalmente quando observamos as transformações ocorridas no decurso da virada do século XX para o XXI, a consolidação da Revolução Tecno-científico Informativa e suas consequências no cotidiano dos indivíduos (Bauman, 2023).

A profusão das redes sociais no começo do século XXI é uma grande amostra da vastidão desse processo de aproximação de relações intergrupos, com diversas possibilidades de comunicação entre cidadãos de nações distantes através de simples mensagens em aplicativos que utilizam internet, seja por meio de celulares, tablets, notebooks ou computadores.

Apesar dessa virtualização, cada vez mais frequente, das relações interpessoais, não se pode perder de vista que são indivíduos, cada qual com características distintas, que se relacionam e criam ou podem criar pontos de identificação, seja por compartilharem gostos, hábitos, preferências políticas, religiosas ou esportivas. Há núcleos de aproximação e existem possibilidades diversas de contatos (Hall, 2014).

É importante perceber que ao mesmo tempo, esse processo cria dependência entre os sujeitos, os quais se veem persuadidos a consumir as novas tecnologias, a seguirem tendências da moda, mudar a aparência estética, comprar uma roupa extravagante, por exemplo. Nesse viés, a perspectiva da sociedade contemporânea, ou pelo menos de grande parte dela, está diretamente atrelada a esse dinamismo consumista propagado pelo sistema capitalista abastecido pela Globalização.

Diante desse processo assimétrico, inconstante, flutuante e volátil das relações inseridas no contexto globalizante, cria-se primeiramente entre os sujeitos, cenários de identificação, os quais tornam-se necessários para que essas pessoas se sintam seguras e pertencentes a um grupo. Nesse contexto,

na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal (...) a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre “em processo”. Ela não é, nunca, completamente determinada - no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la ou perdê-la”; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada (Hall, 2014, p. 106).

A ideia de se pensar nessa identificação que o ser humano cria durante a vida, é muito pertinente ao observarmos sob a ótica de um processo inacabado, o qual pode ser reconstruído diversas vezes de acordo com os contextos sociais, aos quais aquele indivíduo se insere. Esse cenário, é o panorama ideal para abordarmos a questão da Identidade, ou melhor, das Identidades.

Ao longo da vida, as pessoas estabelecem relações com diferentes sujeitos. Na infância, somos influenciados pela criação de nossos responsáveis, pais, avós, irmãos, tios, tias, primos, primas ou outras pessoas, dependendo de onde estamos vivendo. Com o pensamento em formação e não sabendo discernir completamente o certo do errado, e com um processo de formação ética e moral, por exemplo, somos moldados a seguir determinados comportamentos e isso contribui para a formação de nossa personalidade e de nossa identidade enquanto indivíduo pertencente aquele grupo que nos criou.

Quando jovens, passamos por uma série de mudanças no modo como observamos os processos sociais, conhecemos pessoas de fora do nosso habitual contexto social, nos relacionamos com indivíduos que possuem mentalidades e convicções diferentes, temos acesso a informações e as convertemos em conhecimento, sejam eles no ambiente de trabalho ou de estudos. Esses processos criam um panorama de efervescência para novas identidades que irão selecionar, separar, incluir ou excluir aspectos dessas relações. Assim sendo,

As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas *por causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto. Toda identidade tem, à sua “margem”, um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado (Hall, 2014, p. 110).

Diante desse processo constante de mudanças, de seleção e exclusão, de aproximações e afastamentos, o ser humano se vê em um panorama, no qual sente a necessidade de seguir uma ideologia, à qual se encaixe, se identifique, até mesmo, para sentir-se como membro importante de um grupo social. Historicamente, líderes políticos, sejam eles benéficos ou maléficos, utilizaram-se da oratória, por exemplo, para persuadir as massas populares em torno de um discurso nacionalista fervoroso prometendo grandes vitórias.

Foi assim com os governos dos regimes totalitários no período entre as duas grandes guerras mundiais, a exemplo de Adolf Hitler e Benito Mussolini, com o Nazismo e o Fascismo, respectivamente, os quais se aproveitaram de um contexto de crise da identidade nacional e a fragilidade emocional causada pela Primeira Guerra Mundial, para abastecer as

mentes de seus conterrâneos com promessas de dias melhores. Além disso, podemos enfatizar a luta de Nelson Mandela na África do Sul no período do Apartheid, época em que havia a segregação racial entre brancos e negros. Naquele processo histórico, Mandela conseguiu persuadir e vencer as barreiras do preconceito e da discriminação, através de muita resistência e luta ao lado de seus seguidores, para derrubar aquele regime. As pessoas se identificaram, criaram pontos de identificação com Nelson Mandela. (Limb, 2008) Nesse contexto, pensando na questão identitária, podemos destacar a seguinte abordagem de Stuart Hall:

utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições – de – sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (Hall, 1995).

Os discursos, portanto, exercem grande influência na nossa mentalidade, moldam nossos comportamentos e ações, criam cenários de identificação, coletivizam dores, sentimentos e concepções. Dentro desse contexto, quando relacionamos tais aspectos com o ambiente universitário, podemos refletir e ampliar ainda mais as perspectivas em torno da magnitude das questões identitárias e seus desdobramentos. Afinal, na relação de ensino e aprendizagem, temos a todo momento seres humanos se relacionando através de discursos, sejam eles entre Professor e Estudante, entre alunos, entre funcionários ou dentro de toda a comunidade escolar. Esse panorama é frutífero para o afloramento de identidades, as quais serão moldadas e posteriormente, exercerão, de alguma maneira, influência na sociedade.

3.3.2 - Identidade Pessoal e Identidade Social: Aproximação ou Repressão?

Ao refletirmos anteriormente a ideia de que o ser humano se vê em diversos cenários, nos quais precisa se adequar ou se encaixar em um grupo social ou seguir uma determinada ideologia para se sentir pertencente a um grupo social, nos indagamos sobre a seguinte questão: Existe identidade individual ou todas as identidades são coletivas? Essa é uma incógnita bastante complexa e pertinente ao debate das questões identitárias, o que demonstra a amplitude do debate sobre essa temática.

A respeito da relação entre Identidade Pessoal e Identidade Social, destacamos que

Uma faz-se contra a outra e a identidade social absorve a expressão das especificidades individuais através da “despersonalização da autopercepção”, que

consiste num processo de auto-estereotipia (Turner et al., 1987, p.50). Pela despersonalização, a percepção de si próprio como indivíduo singular, diferente dos outros, cede lugar à semelhança, à equivalência e à intermutabilidade dos membros de uma categoria (Turner et al., 1987, p.50). A definição de uma identidade colectiva só pode acontecer com sacrifício das suas manifestações individuais, despersonalizando os indivíduos (Valentim, 2008, p. 115).

Haveria, portanto, para esse autor, uma dificuldade em separar as condutas e subjetividades individuais dos sujeitos, uma vez que pertençam a um determinado grupo social. Afinal, a partir do momento em que se está ligado a uma coletividade e há relações de proximidade entre os membros daquele círculo social, haverá comparações e influências nos modos de pensar e agir de cada um. Assim sendo, Michael Pollak (1992) segue essa linha de raciocínio, porém enfatiza o fato de que não há como haver uma comparação ou percepção própria de um indivíduo ou de seu grupo, sem a influência das características de quem é de fora daquele meio social. Segundo o autor,

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros (Pollak, 1992, p. 5).

Tendo em vista a percepção de que os sujeitos históricos devem ser observados em um contexto social, mesmo que tenham pouca interação com o meio no qual vivem, é preponderante percebermos que existem grupos sociais heterogêneos, cada qual com suas peculiaridades e inseguranças. Nesse sentido, os partidos políticos, os grupos religiosos, os torcedores em estádios de futebol, as amizades construídas nas escolas e nas universidades, as equipes formadas nos ambientes laborais, enfim, essa variedade de possibilidades de coletivização de ideias inerentes aos diferentes círculos sociais, fazem com que as relações interpessoais aconteçam a todo momento, seja por haver comparações intergrupos, como também para criticar ou se opor ao diferente e aprimorar às suas próprias características. Esse processo gera um contexto preponderante para o desabrochar de novas identidades, cada vez mais coletivas e fortalecidas, porém, não estanques. Assim sendo,

Berger e Luckmann (...) explicam que a formação e conservação das identidades são condicionadas por processos sociais determinados pelas estruturas sociais. Desse modo, a identidade social não diz respeito apenas aos indivíduos. Todo grupo apresenta uma identidade que está em conformidade a sua definição social que o situa no conjunto social. Assim, a identidade social é ao mesmo tempo inclusão – pois só fazem parte do grupo aqueles que são idênticos sob certo ponto de vista – e exclusão – visto que sob o mesmo ponto de vista são diferentes de outros (Berlato, 2009, p. 142).

Essa multiplicidade de interpretações acontece, justamente, pelo fato de os seres humanos estenderem suas relações interpessoais a diversos âmbitos sociais. Na sociedade contemporânea, com todas as reverberações ocasionadas pelas mídias digitais e a proliferação demasiada de variadas informações sobre diversas temáticas, os indivíduos sentem-se necessitados a buscar formações profissionais, cursos de aperfeiçoamento e especialização, socializar com os grupos sociais para conseguirem se inserir em um determinado grupo social, a exemplo dos Docentes Universitários que, ao ingressarem na Universidade como Profissionais da Educação, passam a fazer parte de um grupo acadêmico, o que permitirá a formação de novas identidades sob a ótica da profissão que estão exercendo.

3.3.3 - A Identidade Profissional

Abordamos até o momento, diversas questões e reflexões em torno das identidades que os seres humanos constroem durante a vida. Assim sendo, existe um período bastante pertinente a essa discussão, que são os anos em que o indivíduo vive a experiência de trabalhar em alguma instituição pública ou privada, ter seu próprio negócio ou realizar trabalhos informais.

A grande questão é a percepção de que cada pessoa vive essas experiências de maneiras diferentes, apesar de trabalharem em uma mesma Instituição, por exemplo. Quando se é contratado para desempenhar uma determinada função, os sujeitos precisam ser criativos, inteligentes e comprometidos em cumprir com as suas tarefas, de modo a garantir os seus empregos. Nesse viés, nem sempre uma pessoa consegue adentrar ao ambiente laboral que de fato, gostaria. Porém, por questões de sobrevivência ou porque precisam de dinheiro, acabam trabalhando em locais com características totalmente distintas de suas próprias peculiaridades. (Bauman, 2023).

Estando em um espaço de trabalho ao qual se identifica ou não, os sujeitos vivenciam experiências diferentes cotidianamente, precisam se relacionar com os colegas e as colegas de profissão, com o patrão ou a patroa, bem como as tarefas a serem cumpridas. Esse processo engloba suas subjetividades, mescla os seus sentimentos, interfere nos seus modos de pensar e agir, sendo fundamentais no processo corriqueiro de formação de novas identidades, que como vimos, são inconstantes e passíveis de mudanças de acordo com os contextos sociais. Esses contatos presentes no ambiente laboral, levam a perspectiva de se pensar no quanto a Identidade Profissional pode interferir nessa rede complexa de identidades que constituem o sujeito pós-moderno. Assim sendo,

Formação da identidade profissional é entendido como um processo de formação do sujeito na qualidade de profissional, que está relacionado ao processo de “[...] desenvolver a consciência sobre si mesmo, ter percepções e construir representações acerca de si.” (GOMES, 2009, p. 32). Ou seja, identidade profissional refere-se ao eu profissional, que é caracterizado como a imagem que o sujeito constrói de si mesmo, interagindo profissionalmente com seus pares, superiores, outros sujeitos e grupos sociais dentro do ambiente profissional (Tananta, 2023, p. 24).

Pensando na perspectiva da presente pesquisa, no capítulo empírico, poderemos observar o quanto o ambiente laboral da Universidade teve influência na formação de novas identidades dos sujeitos entrevistados, principalmente no que diz respeito às aproximações das identidades sociais, pessoais e profissionais nas trajetórias de vida e acadêmicas dos Docentes Egressos entrevistados. Ademais, o debate sobre as questões identitárias é bastante amplo e complexo, o que gera inúmeras possibilidades de reflexões, pois não se pode afirmar quando se cria uma nova identidade, tampouco se ela está se modificando intensamente. O que podemos destacar é que elas são passíveis de mudanças dentro dos diversos contextos sociais.

No próximo capítulo adentraremos a uma breve reflexão sobre a História das Universidades, tendo em vista o lócus da nossa pesquisa, que é o Campus Universitário de Abaetetuba. Ademais, faremos uma discussão sobre os conceitos de cidade de uma maneira global e depois explanaremos a perspectiva da História do Município de Abaetetuba. Desse modo, entenderemos como elas se constituem e influenciam nas mentalidades de seus cidadãos. Esse processo, nos permitirá contextualizar o ambiente ao qual as relações identitárias se desenvolvem, que é a cidade de Abaetetuba.

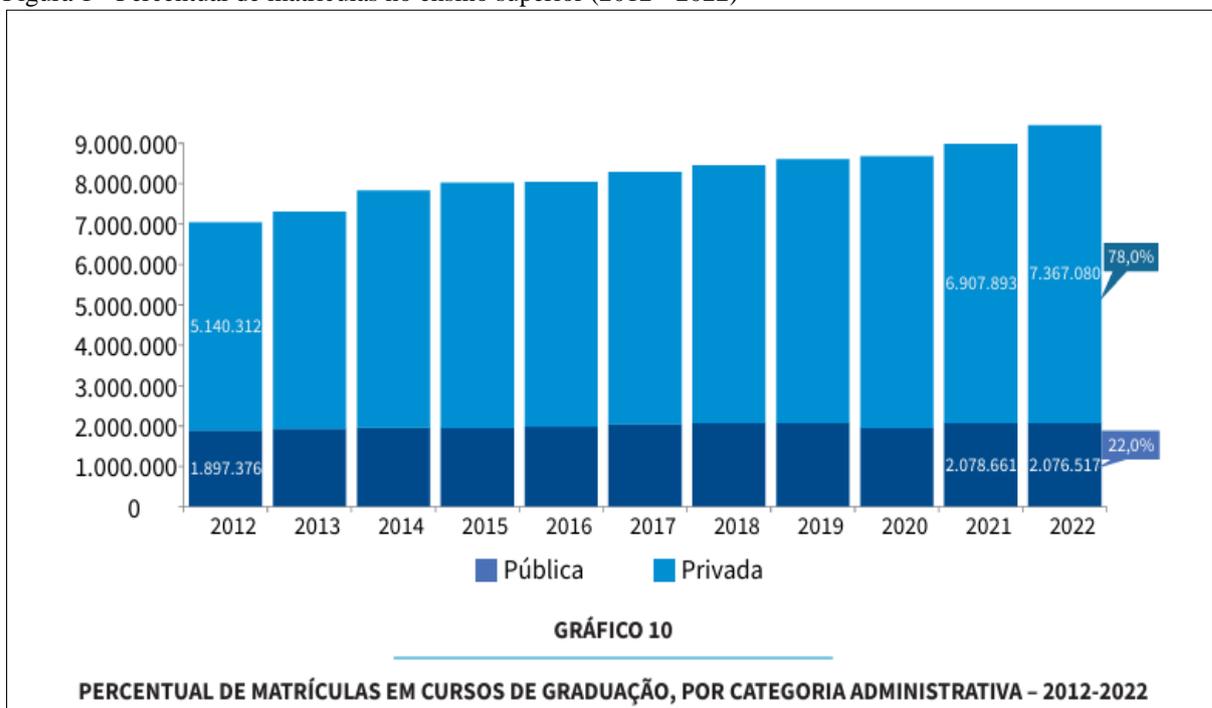
3.4 Universidade: Núcleo agregador de memórias e identidades

O contexto educacional contemporâneo desde o ensino infantil ao superior, caracteriza-se pela convergência de culturas distintas nos mesmos espaços estudantis, cada qual a sua proporção levando-se em consideração as redes de ensino público e privado. Nesse panorama, a História do Brasil, apresenta-nos uma sociedade caracterizada pela heterogeneidade sociocultural. Assim sendo, o país apresenta em seu território, indivíduos de origens indígenas, africanas e europeias, fruto de anos de colonização pela metrópole portuguesa e por conta do período de escravidão. O cenário caótico no qual os nativos e os escravizados africanos viveram, também se destacou pela resistência desses grupos diversas formas de exploração. (Del Priore, 2016) Essas lutas mantiveram-se e ainda existem no Brasil

e, portanto, jamais devem ser esquecidas, pois ajudam a entender os entraves que a educação brasileira ainda enfrenta na sociedade contemporânea.

Por isso, pensar na democratização do ensino brasileiro requer um olhar do passado e entender que o processo de segregação do conhecimento perdurou durante séculos (Ver capítulo Universidade e Cidade). Nesse interim, a sociedade contemporânea globalizada ainda possui elementos diferenciadores que delimitam possibilidades de estudo como o poder aquisitivo e o acesso à internet de qualidade, por exemplo. Porém, é notável que no século XXI, muitas barreiras foram superadas e cada vez mais, os sujeitos de diferentes origens étnicas estão adentrando aos espaços educacionais. Assim sendo, segundo o censo de educação superior do Brasil de 2022, houve um aumento notável no número de matrículas nas Instituições de Ensino Superior entre os anos de 2012 e 2022, conforme o gráfico presente na imagem abaixo:

Figura 1 - Percentual de matrículas no ensino superior (2012 - 2022)



Fonte: Elaborado pela Deed/Inep com base em microdados do Censo da Educação Superior (Brasil. Inep, 2023).

Ainda que os discentes matriculados estejam inseridos majoritariamente nas Instituições Privadas de Ensino Superior, as Universidades Públicas atingiram um patamar de mais de dois milhões de matriculados em 2022, mesmo em um período de transição da pandemia de Covid-19.

Esse aumento na procura pela formação especializada é uma das marcas da sociedade contemporânea brasileira, fruto da expansão das redes de informação fruto da globalização do conhecimento. Os indivíduos têm percebido que o mercado de trabalho de uma maneira geral tem procurado cada vez mais, profissionais capacitados e com múltiplas habilidades.

Por isso, na era da sociedade globalizada, há uma procura cada vez maior pelo conhecimento especializado que possa, de alguma forma, garantir perspectivas de um futuro economicamente estável e, conseqüentemente, socialmente seguro para os indivíduos. Assim sendo, independentemente de os sujeitos possuírem muita, pouca ou nenhuma identificação com os cursos presentes nas Instituições de Ensino Superior, é inegável o vislumbre de um futuro promissor em relação a mercado de trabalho e novas possibilidades de se alcançar uma vida melhor e com mais oportunidades.

Assim sendo, quando pensamos em Universidade, estamos adentrando a esse ambiente repleto de possibilidades, com indivíduos de origens étnicas e de culturas diferentes, cada qual com seus objetivos pré-determinados ou perspectivas variadas. É um processo de relações interpessoais voláteis e que mudam a todo momento, e esse cenário é propício para a formação de novas identidades carregadas de memórias individuais e coletivas que acompanharão os sujeitos durante e depois dos cursos de graduação nas Universidades.

4 UNIVERSIDADE E CIDADE

4.1 Breve panorama das Universidades no Mundo

A educação, ao longo de séculos, abrange grupos de seres humanos heterogêneos tanto culturalmente, quanto socialmente. Contudo, esses indivíduos estão, simultaneamente, empenhados em adquirir conhecimentos, objetivando a solidificação de suas personalidades, identidades e a perpetuação de premissas, cada qual associada às suas peculiaridades, buscando a transformação social. Neste sentido, nas sociedades ágrafas, o nomadismo ditava as regras de sobrevivência nos territórios desconhecidos e pouco explorados. A premissa básica era aproveitar ao máximo um determinado espaço geográfico, levando-se em consideração as condições climáticas, os recursos hídricos, as possibilidades de alimentação das famílias e todo o processo de aperfeiçoamento de técnicas desenvolvidas a partir dos contatos com as adversidades. Assim sendo, a experiência tornou-se importantíssima para a sobrevivência e o conhecimento prático era essencial nesse processo.

Na Idade Antiga, período didaticamente utilizado pelos historiadores para elencar características das sociedades clássicas, como da Grécia, Roma e Egito, desenvolveu-se a arte da oratória para expandir e compartilhar conhecimento entre os povos. Os discursos englobavam ideais baseados, por exemplo, na Astronomia, matemática, filosofia e mitologia. Neste viés, essa forma de educação era privilégio de poucos, apenas as classes de elite detinham essa possibilidade, enquanto excluía-se mulheres, escravizados e pessoas consideradas não cidadãs. De qualquer maneira, o ato de saber se expressar nas oratórias era raro. Portanto, quem dominava essa prática destacava-se nessas sociedades, principalmente pelo fato de que a maioria das pessoas direcionavam um olhar de confiança a esses indivíduos, o que propiciava um claro processo de influência coletiva em ampla escala. (Marrou, 2017)

No período medieval, houve uma repressão e um silenciamento do conhecimento científico. A Igreja Católica procurou afastar do povo, qualquer perspectiva educacional divergente dos dogmas do Clero, executando punições rigorosas ao contraditório, a exemplo dos Tribunais da Inquisição. Sendo assim, o contexto da educação da época estava sujeito a todos os aspectos inerentes a ideologia clerical (Pinheiro; Cruz, 2024). Entretanto, paradoxalmente, nesse mesmo período histórico surgiram as primeiras Universidades, majoritariamente, no continente europeu, as quais englobavam cursos, como por exemplo o Direito Canônico, Artes Liberais e a Medicina (Oliveira, 2007). De acordo com Minogue,

os homens medievais parecem ter concebido a universidade da mesma maneira que um artesão pobre considera uma criança brilhante, para cuja educação ele faz sacrifícios, e eles legaram recursos para as universidades com a mesma generosidade aberta com que faziam doações para as imensas catedrais góticas da Europa. [...] eles estavam impressionados pelo mistério da sabedoria contida nos livros, visto que para os iletrados cada livro tem o romance do segredo (Minogue, 1981, p. 17 *apud* Simões, 2013, p. 138).

As dificuldades que as sociedades enfrentavam, tanto para a organização política econômica, como para a compreensão dos fenômenos da natureza e o entendimento do próprio funcionamento do corpo humano, propiciava a profusão de novas observações e interpretações para a compreensão do mundo em que aquelas pessoas viviam. Esse cenário chamou a atenção da Igreja Católica, não somente porque ela poderia garantir uma hegemonia dogmática ainda mais consolidada, como também essa Instituição religiosa conseguiria manipular o ensino e aprendizagem dentro dos âmbitos acadêmicos no período medieval, já que o Homem era considerado como um ser divino e precisava do apoio eclesiástico, segundo a mentalidade da época. (Pinheiro; Cruz, 2024)

Diante desse cenário, podemos acompanhar, a seguir, uma tabela que apresenta as primeiras grandes Universidades, do período do século XI ao século XV, as quais se têm conhecimento, da História:

Quadro 1 - Primeiras universidades no mundo

PERÍODO DE SURGIMENTO	UNIVERSIDADES
SÉCULO XI	DE BOLONHA (1088); DE OXFORD (1096)
SÉCULO XII	DE PARIS (1150); DE MODENA (1175)
SÉCULO XIII	DE CAMBRIDGE (1209); DE SALAMANCA (1218); DE MONTPELLIER (1220); DE PÁDUA (1222); NÁPOLES (1224); TOULOUSE (1229); AL MUSTANSIRIYA (1233); SIENA (1240); VALLADOID (1241); ROMA (1244); PIACENZA (1247); SORBONNE (1253); MURCIA (1272); COIMBRA (1290); MADRI (1293); LERIDA (1300)
SÉCULO XIV	AVIGNON (1303); ORLÉANS (1305);

	PERUGIA (1308); FLORENÇA (1321); GRENOBLE (1339); PISA (1343); PRAGA (1348); PÁVIA (1361); JAGIELLONIAN (1364); VIENA (1365); HEIDELBERG (1367); FERRARA (1391)
SÉCULO XV	WURZBURG (1402); LEIPZIG (1409); ST. ANDREWS (1411); TURIN (1412); ROSTOCK (1419); LOUVAIN (1426); POITIERS (1431); CAEN (1437); BORDEAUX (1441); GLASGOW (1451); COPENHAGUE (1479); SANTIAGO DE COMPOSTELA (1495)

Fonte: Simões (2013).

Podemos perceber que houve predominância dessas Instituições no continente europeu, o qual foi o berço do período medieval, com influência decisiva da Igreja Católica. Nesse sentido, países correspondentes aos atuais territórios da Itália, França e Espanha, foram os pioneiros na jornada acadêmica universitária e possuíam grandes laços clericais. Assim sendo,

Os estudiosos são unânimes em afirmar que diversos acontecimentos interferiram e estimularam o nascimento dessas instituições, como o renascimento das cidades, o desenvolvimento das corporações de ofícios, o florescimento do comércio, o aparecimento do mercador. Existem análises que vinculam as universidades medievais às escolas árabes; outras afirmam que as universidades são filhas das escolas do século XII, dentre as quais a Vitorina e a de Pedro Abelardo. Há ainda outras interpretações, segundo as quais as universidades somente poderiam ter nascido no século XIII, o século das corporações de ofício. Contudo, a disputa pelo poder entre a realeza e o papado, que reivindicavam o governo da sociedade, influenciou sobremaneira o surgimento das universidades. No início do século XIII, o papa e os príncipes encaravam essas instituições como importantes pontos de apoio político e cultural. Em função disso, editaram leis e bulas com o objetivo de instituí-las, protegê-las e nelas intervir, tanto no ensino como nas relações entre estudantes e mestres e entre estes e a comunidade (Oliveira, 2007, p. 120).

Portanto, a mentalidade influenciava diretamente no comportamento dos sujeitos nas primeiras Universidades. Ademais, o contexto educacional era subordinado aos dogmas eclesiásticos. Entender essa dinâmica, é primordial para se compreender as premissas e os antagonismos dos séculos iniciais da academia do conhecimento.

Ao longo de séculos, o processo educacional sofreu transformações em sua estrutura organizacional, nas relações interpessoais e educacionais, nas diferentes vertentes do conhecimento, assim como do público ao qual essa educação poderia chegar, levando-se em consideração as diferentes relações construídas a partir da lógica do poder hereditário e/ou hierárquico, desenvolvidas entre as gerações de sujeitos nas mais diferentes sociedades, “levando-se em consideração o tempo histórico e as mentalidades de cada época, conforme a perspectiva da teoria braudeliana do tempo de curta, média e longa duração” (Pinheiro; Cruz, 2024, p. 6).

As Universidades oriundas do medievo, inserem-se nesse panorama de profundas transformações sociais e educacionais. Nesse viés, é preponderante a compreensão do contexto ideológico engendrado no período histórico de desenvolvimento das Instituições de Ensino Superior, “permitindo a compreensão desta instituição como espaço do saber universal mediado pelas relações do poder político, já que, ao longo da Idade Média, a universidade esteve ora sob a chancela do poder laico, ora do papado” (Oliveira, 2007, p. 114).

Esse cenário complexo, ajuda-nos no entendimento da formação e a subsequente consolidação das ciências modernas. Afinal, grandes estudiosos que desenvolvem a historiografia das Universidades, explanam perspectivas demonstrativas do desenvolvimento do empirismo no medievo, o que valoriza de sobremaneira, o conhecimento sob a lógica da experiência e da referência a importantes teóricos e personalidades científicas daquela época ou de períodos antecedentes (Pinheiro; Cruz, 2024). Assim sendo,

Até há pouco tempo, era comum encontrarmos análises que consideravam os teóricos medievais como meros representantes da igreja e do papado. Equivocadamente, atribuíam o nascimento das ciências modernas e do empirismo a Bacon e Descartes. Esses autores expressaram, indubitavelmente, mudanças profundas nas ciências, mas também é inegável que não podemos considerá-los como pioneiros do empirismo, a não ser ignorando pensadores como Roger Bacon (1215 – 1294), Guilherme de Ockham (1285/90 – 1349), Jean de Salisbury (1120 – 1180), Tomás de Aquino (1225 – 1274), Alberto Magno (1193 – 1280). Estes autores se dedicaram à investigação da natureza, da natureza das coisas, valorizaram a importância das investigações empíricas e compreenderam que, para tratar das ciências naturais, era preciso a experiência e o conhecimento de outras autoridades além das sagradas, como Aristóteles (Oliveira, 2007, p. 115-116).

Essas perspectivas medievais permitiram o desenvolvimento e posterior consolidação das ciências modernas, as quais caracterizaram-se pela experimentação científica. Essas questões são fundamentais para consolidação de nossas identidades, enquanto pessoas intelectivas (Oliveira, 2007). Entretanto, o funcionamento e a lógica estrutural das Universidades ainda se encontravam bastante distantes da contemplação das culturas e das

identidades dos diferentes povos. Nesse sentido, este cenário começa a ser alterado significativamente, a partir do início do século XIX,

A partir da reforma que Humboldt efetuou em Berlim em 1809. A Universidade tornou-se laica, instituindo sua liberdade interior frente à religião e ao poder e abriu-se à grande problematização oriunda do Renascimento, que questiona o mundo, a natureza, a vida, o homem e a Deus. A Universidade transformou-se no lugar da problematização própria à cultura européia moderna, e inscreveu-se mais profundamente em sua missão transecular e transnacional, ao abrir-se às culturas extra-européias. (Morin, 1999, p. 9-10).

Todo esse processo tornou-se fundamental para o avanço dos debates em torno das ciências modernas, bem como sua consolidação na virada do século XIX para o XX. Nesse contexto, Humboldt (*apud* Morin, 1999) destaca que o papel da Universidade enquanto instigadora da busca pelo conhecimento, diferia de forma substancial das escolas técnicas, a medida em que as Instituições de Ensino Superior se voltavam a premissa da investigação, no intuito de responder os grandes questionamentos sociais e dar um maior suporte às profissões técnicas.

4.2 Adentrando à História das Universidades no Brasil

Seguindo o percurso histórico de consolidação do ensino superior pelo mundo, destacaremos a realidade brasileira a partir do século XIX. Assim sendo, o processo de implementação das primeiras Universidades no Brasil, aconteceu de forma lenta, gradual e com fortes influências políticas. Nesse viés, analisando o contexto educacional brasileiro, é perceptível que o interesse da corte portuguesa, bem como do Império do Brasil, do século XIX, estava diretamente atrelado a formação de profissionais liberais que atendessem aos interesses metropolitanos e não fossem contestadores da clara relação exploratória imperialista. Nesse interim, é salutar destacar o fato de que esse processo só começou a se desenvolver, pois a corte portuguesa mudou-se da metrópole para a colônia Brasil (há uma discussão no campo da historiografia que propõe o aceleração dessa vinda pelas invasões napoleônicas, e não como causa exclusiva das tropas francesas de Napoleão Bonaparte), em 1808, a qual alguns anos mais tarde, em 1822, tornou-se império. Vale destacar que durante o período colonial no Brasil, não havia Universidades e/ou escolas de ensino superior, pois o interesse da metrópole estava na manutenção do desenvolvimento intelectual em terras Portuguesas (Durham, 2003), impossibilitando ou criando inúmeras dificuldades para o desenvolvimento intelectual na colônia.

Assim sendo, no decurso do século XIX, após a vinda da família real, iniciou-se um processo de implementação das primeiras instituições de ensino superior no Império do Brasil. Nesse contexto, D. João VI, bem como os imperadores D. Pedro I e D. Pedro II, enfatizaram e demonstraram preocupação em propor e consolidar cursos voltadas a área da segurança, da defesa militar, com um exército fortificado, a área da medicina, com a formação de cirurgiões, a questão da Retórica, da Filosofia e da História, e posteriormente o desenvolvimento de cursos jurídicos. Todos esses aspectos são importantes para que tenhamos a dimensão que até à consolidação das primeiras Universidades Brasileiras no século XX, houve um longo percurso e árduos processos de organização e entendimento do quanto importante seriam as Universidades para alicerçar o ensino superior brasileiro. (Mendonça, 2000) Nesse viés, apresentaremos a seguir as principais iniciativas de ensino superior, no Brasil, no século XIX, para que tenhamos um panorama do cenário que se desenhou no Brasil Pré-imperial e Imperial:

Quadro 2 - Principais instituições e cursos de Ensino Superior no Brasil pré-imperial e imperial

CURSO	LUGAR	ANO
Curso de Cirurgia, Anatomia e Obstetrícia	Bahia	1808
Academia de Marinha	Rio de Janeiro	1808
Cursos de anatomia e cirurgia	Rio de Janeiro	1808
a cadeira de economia	Bahia	1808
Matemática Superior	Pernambuco	1809
Medicina	Rio de Janeiro	1809
Academia Real Militar	Rio de Janeiro	1810
cursos de agricultura	Bahia	1812
laboratório de química	Rio de Janeiro	1812
Academia de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	1813
Curso de agricultura	Rio de Janeiro	1814
Química	Bahia	1817
Desenho Técnico	Bahia	1817
Desenho e História	Vila Rica	1817
Retórica e filosofia	Paracatu	1821
Academia das Artes	Brasil	1826
Cursos Jurídicos	São Paulo e	1827

	Olinda	
Escola de Minas	Ouro Preto	1875

Fonte: Mendonça (2000).

Observamos, dessa forma, que houve um predomínio de instituições e cursos de ensino superior na região sudeste, principalmente no Rio de Janeiro, o qual foi, durante o período imperial, a capital do Império. Ademais, outra questão intrigante é o fato de que a maioria dessas instituições foi criada no período pré-imperial, sob o comando de D. João VI, de forma contínua. Esse fato se deve muito a preocupação da corte com a defesa do território e busca de melhoria de vida dos próprios membros atrelados a corte portuguesa. Outrossim, no período imperial, apenas três instituições ou cursos superiores foram consolidados, demonstrando, dessa maneira, que não havia uma preocupação intensa em criar perspectivas para esse tipo de ensino e conhecimento naquela época.

Diante desse cenário, as primeiras ideias de se aprofundar e depois consolidar as primeiras universidades brasileiras, só acontecerão por volta do começo do século XX, ou seja, em um período pós-colonial e pós-imperial. Dessa maneira,

Nesta história, podemos distinguir períodos que, em grande parte, acompanham as transformações políticas que ocorrem no país. O primeiro, que coincide com o período monárquico, vai de 1808 até o início da República, em 1889. É caracterizado pela implantação de um modelo de escolas autônomas para formação de profissionais liberais, de exclusiva iniciativa da Coroa. No segundo período, que abrange toda a Primeira República, de 1889 a 1930, o sistema se descentraliza e, ao lado das escolas federais, surgem outras, tanto públicas (estaduais ou municipais), quanto privadas. Até o final deste período, não há universidades no Brasil, apenas escolas superiores autônomas centradas em um curso. O período subsequente é gestado na década de 20 do século passado, mas se implanta em 1930 e coincide com o final da Primeira República e a instalação do governo autoritário de Getúlio Vargas, o Estado Novo. É nesta época que são criadas as primeiras universidades do país. Este período se encerra em 1945, com a queda de Vargas e a redemocratização do país, iniciando um novo período que se estende até 1964 e é caracterizado pela ampliação do número de universidades públicas (Durham, 2003, p. 2).

Podemos perceber que a consolidação do ensino superior brasileiro foi tardia se comparada ao continente europeu. Ademais, vale ressaltar o fato de que a mentalidade e a intervenção da Coroa Portuguesa aconteceram, pois ela precisava desenvolver políticas atreladas ao crescimento do Império, principalmente no que diz respeito aos profissionais que trabalhariam nos setores mais preponderantes da sociedade, como o militar e a área da saúde.

4.2.1 A consolidação das universidades brasileiras no século XX

O Brasil sofreu profundas transformações nos âmbitos sociais, políticos e econômicos. O país vivenciou longos períodos de colonização, como também um período imperial, dominado pela Metrópole Portugal. Sendo assim, apesar da Proclamação da República, no ano de 1889, sob a liderança de Marechal Deodoro da Fonseca, os brasileiros encontraram adversidades consideráveis para a consolidação de suas autonomias em diversos aspectos (Del Priore, 2016), e um deles foi a questão da educação universitária.

No início do século XX, o Brasil vivenciou governos republicanos oligárquicos, caracterizados pela presença constante de presidentes advindos de São Paulo e Minas Gerais. Nesse contexto, é importante adentrarmos a compreensão do contexto da política brasileira entre 1889¹¹ e 1930¹², justamente por ser um período histórico que influencia diretamente no processo de desenvolvimento da educação brasileira no século XX (Pinheiro; Cruz, 2024). Sendo assim, segundo a historiadora Mary Del Priore,

Em 1889, além de contar com partidos republicanos organizados há mais de uma década, há fatores econômicos e demográficos que favorecem esses estados. No caso paulista, obviamente, a supremacia econômica decorria do café. Em Minas a vantagem advinha do fato de tratar-se do mais populoso membro da federação e, portanto, o que mais poderia influenciar nas votações presidenciais. Dessa maneira, não é de estranhar que, entre 1894 e 1930, as oligarquias paulistas e mineiras tenham eleito nove dos doze presidentes republicanos. Tal situação, vale repetir, marginaliza numerosos grupos oligárquicos, dando origem a um quadro de conflitos e de permanente denúncia – muitas delas meramente oportunistas – contra a corrupção eleitoral e o clientelismo (na época também chamado de “filhotismo”); denúncias que acabam tornando recorrente a opinião de que a monarquia havia sido superior à república (Del Priore, 2016, p. 244).

O processo de industrialização e urbanização do Brasil no começo do século XX, gerou um aumento considerável e relevante das massas urbanas em algumas importantes cidades brasileiras, fato que pode ser compreendido pela ampliação das exportações de produtos, principalmente porque nesse momento o pacto colonial havia deixado de existir (Mendonça, 2000). Assim sendo,

Esse contexto condiciona tanto o estabelecimento de um sistema de educação de massa – vide a crescente expansão da rede pública de ensino primário, a partir daí – quanto o surgimento de diferentes projetos de educação das elites que deveriam dirigir o processo global de transformação da sociedade brasileira, via a reorganização da escola secundária e do ensino superior (Mendonça, 2000, p. 137).

¹¹ Início da chamada República da Espada.

¹² 1894 – 1930 é o período conhecido como República Oligárquica,

“É evidente que esse avançar na educação brasileira, em meio a um tumultuado e complexo contexto político, não abarcava a maioria da população, porém, demonstrava indícios de um crescimento educacional brasileiro” (Pinheiro; Cruz, 2024, p. 9). Nesse panorama, o crescimento das primeiras universidades contou com a aliança entre escolas de ensino superior e o próprio interesse dos governos em, gradualmente, desenvolverem esse processo, objetivando o crescimento do país. Não aprofundaremos ano por ano desse contexto universitário, mas sim dar um panorama geral de como a Universidade foi ganhando espaço no Brasil do século XX, já que para falar da Universidade Federal do Pará, precisamos entender as perspectivas que levaram o seu surgimento. Dessa forma, é salutar destacar o fato de que para entendermos a realidade de Docentes Egressos de um Campus Universitário, é preponderante entendermos como essas Instituições surgiram. Assim sendo, a seguir, apresentaremos a seguir as principais Universidades criadas no Brasil, no século XX:

Quadro 3 - Principais universidades brasileiras do século XX

UNIVERSIDADE	ANO
Universidade do Rio de Janeiro	1920
Universidade de Minas Gerais	1927
Universidade de São Paulo	1934
Universidade do Distrito Federal	1935
Universidade do Brasil	1937
Universidade Federal do Ceará	1955
Universidade Federal do Pará	1957
Universidade Rural de Minas Gerais	1958
Universidade de Brasília	1961

Fonte: Mendonça (2000)

Nota: Texto modificado pelo autor

Observando a tabela acima e recorrendo à História do Brasil, percebemos que foram criadas (levando em consideração apenas as Universidades citadas na tabela acima) duas importantes Universidades no período da república oligárquica, três durante o primeiro Governo Vargas, uma no pós-segundo governo Vargas, e três durante o governo de Juscelino Kubistchek, sendo que uma delas foi a Universidade Federal do Pará, a qual, a partir de agora, será enfatizada.

4.3 Cenário do surgimento da Universidade Federal do Pará

Em uma perspectiva historiográfica, procuramos contextualizar o leitor sobre determinados momentos da história, no intuito de explicar as implicações e motivos que

levaram um fato histórico a acontecer. Somente dessa forma, é possível se ter um esclarecimento próximo do real, e um entendimento de que um determinado acontecimento não está isolado, tampouco inerte na complexidade dos processos, principalmente históricos e historiográficos.

O contexto histórico de surgimento da Universidade Federal do Pará está diretamente atrelado com um conjunto de acontecimentos de escala nacional e internacional, pré-UFGPA e pós-UFGPA. Nesse viés, o século XX, como inúmeras vezes destacava Eric Hobsbawm (1995), foi um período de profundas transformações políticas, econômicas, territoriais, sociais, culturais e industriais. O período que se estendeu de 1914 (início da primeira guerra mundial) à 1945 (final da segunda guerra mundial), é considerado a época de maior violação de direitos humanos e, concomitantemente, de mudanças de mentalidades, com a profusão de novas perspectivas sociais e o desenvolvimento de lutas contra o fascismo e a desvalorização feminina por exemplo.

Após a segunda guerra mundial, no Brasil, houve um afloramento de governos populistas. A chamada República Populista, estendeu-se de 1946 a 1964, compreendendo nesse processo histórico, importantes governos, a exemplo do segundo mandato de Getúlio Vargas (1951 – 1954), o importantíssimo governo de Juscelino Kubitschek (1956 – 1961), bem como Jânio Quadros (1961) e João Goulart (1961 – 1964). Nesse ínterim, esse período foi marcado, principalmente, pela industrialização, crescimento econômico e, no governo Kubitschek, por estabilidade política e uma atenção para o ensino superior (ainda que gradual). A política econômica de Juscelino foi definida no Programa de Metas. Ele abrangia 31 objetivos, distribuídos em seis grandes grupos: energia, transportes, alimentação, indústria de base, educação e a construção de Brasília (Pasinato, 2013).

Sendo assim, é durante o governo de Juscelino Kubitschek que a Universidade Federal do Pará, será criada. Sendo assim,

A Universidade do Pará foi criada pela Lei nº 3.191, de 2 de julho de 1957, sancionada pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, após cinco anos de tramitação legislativa. Congregou as sete faculdades federais, estaduais e privadas existentes em Belém: Medicina, Direito, Farmácia, Engenharia, Odontologia, Filosofia, Ciências e Letras e Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais. Decorridos mais de 18 meses de sua criação, a Universidade do Pará foi solenemente instalada em sessão presidida pelo Presidente Kubitschek, no Teatro da Paz, em 31 de janeiro de 1959. Sua instalação foi um ato meramente simbólico, isso porque o Decreto nº 42.427 já aprovara, em 12 de outubro de 1957, o primeiro Estatuto da Universidade que definia a orientação da política educacional da Instituição e, desde 28 de novembro do mesmo ano, já estava em exercício o primeiro reitor, Mário Braga Henriques (nov. 1957 a dez. 1960). (UFGPA, 2023).

A inauguração da Universidade federal do Pará, foi um fato histórico de grande destaque e importância para a região Norte do Brasil, a qual necessitava urgentemente de políticas públicas voltadas ao ensino e formação de profissionais qualificados. Contudo, poucos anos depois do seu surgimento, o país entrou no período da Ditadura Militar (1964 – 1985), com a deposição do governo de João Goulart em 1964. Esse fato representou um atraso para educação brasileira, já que muitas obras foram reprimidas, principalmente relacionadas a História e Filosofia, a própria essência universitária foi abalada, já que a premissa militar era de caráter desenvolvimentista capitalista, com ênfase a formação profissional e pouca reflexão sociocultural por exemplo (Del Priore, 2016).

Contudo, na década de 1980 ocorreu o processo de redemocratização da Universidade Federal do Pará, destacando-se no mandato do então Reitor, a época, Daniel Queima Coelho (1981 – 1985). Nesse sentido, a grande perspectiva dos discentes e defensores da redemocratização da UFPA, era fazer com que os acadêmicos tivessem uma maior participação e representação dentro da instituição federal, já que a Ditadura Militar foi marcada pela negação da autonomia das universidades públicas, que estavam sob vigilância constante do regime militar. Ademais, as eleições para reitoria, eram indiretas, ou seja, se estabelecia uma lista sêxtupla, com nomes indicados pela Universidade, através do CONSUN (Conselho Superior Universitário), sendo que alguns deles estavam ligados ao regime ditatorial (Fontes, 2012).

Sendo assim, o Reitor Daniel Queima Coelho foi um sujeito histórico consideravelmente preponderante na efetivação das eleições diretas à reitoria. Nesse sentido, no ano de 1982, era crescente o movimento de estudantes reivindicando eleições e práticas democráticas na Universidade Federal do Pará, concomitantemente a isso, o país encontrava-se em um período de efervescência política, lutando pela abertura política do Brasil após anos de regime autoritário militar (Fontes, 2012).

Portanto, o Reitor Daniel Queima Coelho apoiou os discentes no processo de redemocratização da Universidade Federal do Pará, em um momento histórico e salutar para o desenvolvimento da educação em nível superior não somente no estado do Pará, mas para a região norte do Brasil. Sendo assim, durante o processo eleitoral na UFPA, entre 1984 e 1985, que levou a eleição de maneira direta do Professor José Seixas Lourenço, uma das pautas trazidas em sua campanha, que contava com o geólogo Nilson Pinto, o qual posteriormente tornou-se pró-reitor de extensão, e a professora Ana Maria Tancredi, a qual tornou-se pró-reitora de ensino, foi a ampliação do alcance do ensino superior universitário pelo estado do

Pará, que culminou com o aprofundamento da discussão em torno da questão da interiorização da UFPA (Fontes, 2012).

Diante desse cenário de novas perspectivas em torno do desenvolvimento do ensino superior paraense através da UFPA, existiam questões muito pertinentes, no sentido de se discutir as melhores maneiras de se efetivar o processo de aumento do alcance universitário. A grande premissa estava atrelada ao tamanho, em termos territoriais, do Estado do Pará, a quantidade de cidades e aos graves problemas relacionados ao analfabetismo, a educação de um modo geral e a quantidade insuficiente de professores com ensino superior completo, para atender os estudantes da rede pública de ensino no período da década de 1980. (Fontes, 2012)

Não bastava simplesmente iniciar a interiorização da Universidade, mas encontrar subsídios e estratégias concernentes às diferentes realidades educacionais do interior do estado do Pará. Nesse contexto, no desenrolar desse processo histórico durante a década de 1980, os *Campi* do interior, a partir do momento em que eram criados foram congregando outras cidades próximas, em uma espécie de área de abrangência, como é o caso do Campus Universitário de Abaetetuba, o qual engloba a região do Baixo-Tocantins. Esse fato, colaborou significativamente para essa almejada expansão do ensino superior universitário paraense. Assim sendo,

Na experiência da UFPA, os *Campi* do interior também deslocaram as suas ações e atuações para outros municípios, criando os conhecidos Núcleos de Interiorização (Na UFPA entende-se que “o núcleo expressa a unidade menor do Polo Universitário e nele são realizadas ações acadêmicas de ensino/pesquisa/extensão em caráter contínuo, sem abrigar corpo docente próprio. O Núcleo Universitário deve estar necessariamente vinculado a um Campus” (FREITAS, 2005, p.20). (Costa, 2014, p. 106).

Nesse ínterim, o raciocínio da comunidade acadêmica era a democratização do ensino universitário paraense, tendo como questão basilar a valorização das licenciaturas plenas. Esse processo estava em consonância com a realidade de diversas cidades paraenses a época da década de 1980, as quais possuíam um déficit acentuado quanto à questão da formação de profissionais para trabalharem nas escolas de ensino fundamental e médio da rede pública de ensino.

O contexto do planejamento da interiorização era extremamente importante na década de 1980. O estado necessitava de maiores investimentos no setor educacional, no intuito de conseguir atender a demanda cada vez mais crescente de alunos, principalmente, no ensino médio. Nesse sentido, havia um cenário caótico na educação paraense naquele período e como havia poucos profissionais com ensino superior completo para atender essa demanda, houve

uma necessidade urgente para a ampliação da formação de novos profissionais, os quais pudessem ser utilizados com imediatez, mas também que possuíssem formação acadêmica de qualidade para colaborar com o aperfeiçoamento, desenvolvimento e melhora das condições educacionais paraenses na década de 1980. Sendo assim,

O professor Nilson Pinto considerava, à época, que a interiorização acabaria democratizando o ensino no Estado. Era grande o número de municípios que não ofereciam o ensino médio, fazendo com que nascer (e viver) em alguns locais fosse praticamente sinônimo de estudar apenas até o ensino fundamental. O objetivo era melhorar a formação dos professores e do ensino das redes públicas no Pará. A UFPA só tinha cursos na capital e não oferecia vagas suficientes para formar um grande número de professores. Por essas razões, e ainda considerada a situação educacional calamitosa encontrada em muitos municípios, houve uma preferência pela criação das licenciaturas no interior do Estado, escolha que se torna plausível também porque em um primeiro momento não havia possibilidade financeira de se implantar outros cursos. O professor Nilson Pinto apontou, na época, que a SEDUC expôs aos membros da UFPA os dados da educação no interior do Estado, demonstrando a necessidade imediata da formação de professores, já que, do total de docentes que atuavam no interior, apenas 1% apresentava licenciatura plena, sendo outra parcela possuidora apenas de licenciatura curta e a grande maioria composta de professores sem formação superior (Fontes, 2012, p. 98-99).

O cenário universitário no Estado do Pará na década de 1980, ainda precisava desenvolver-se e alcançar metas e etapas inerentes à sua consolidação. Nesse panorama, percebemos a importância educacional, social, política e econômica da UFPA, já que era e ainda destaca-se como a principal Universidade em território paraense. O ambiente pós-ditadura e o processo de redemocratização do ensino fizeram com que houvesse um engajamento de grande parte da comunidade acadêmica e também, de indivíduos que não frequentavam a Universidade, para a expansão do ensino superior, em prol do desenvolvimento do estado e todas as possibilidades que essa Instituição de Ensino Superior poderia gerar a outros municípios além da capital. Nesse contexto, a partir de agora, entenderemos a realidade do Campus Universitário de Abaetetuba, o qual fez parte desse longo processo de interiorização e expansão do ensino superior paraense. Dessa maneira, poderemos compreender o cenário, o histórico e os atuais aspectos dessa Instituição no município de Abaetetuba, bem como na sua área de influência, possibilitando, assim, a compreensão do espaço que congrega os Docentes Egressos, os quais são o grande objeto de pesquisa do presente estudo.

4.3.1 Da interiorização ao Campus Universitário de Abaetetuba.

A realidade educacional abaetetubense da década de 1980 era semelhante à das demais cidades paraenses, havia muitas carências referentes à estrutura das escolas, a formação insuficiente dos profissionais da educação, principalmente professores da rede pública, a formação superficial de estudantes, já que a educação não era aprofundada de forma adequada. Nesse contexto, um conjunto de professores, bem como a comunidade escolar estavam atentos ao processo de interiorização da UFPA, que estava em discussão na capital. Sendo assim, nesse período é criada a ASBEPa (Associação Beneficente dos Professores de Abaetetuba) a qual englobava educadores da cidade e realizava encontros com profissionais educacionais do Baixo Tocantins. Nesse viés, a cada ano, havia reuniões desses educadores, para a realização de debates sobre os anseios, as adversidades e necessidades que a educação da região e do Estado do Pará enfrentavam. (Ferranti, 2018) Segundo o Professor Adelino Ferranti, em entrevista que nos concedeu em Junho de 2018, durante a produção do nosso trabalho de conclusão de curso intitulado “História, Memória e Educação: a construção de narrativas de memórias sobre os 30 anos do Campus Universitário de Abaetetuba (1987 – 2017), a grande perspectiva dos encontros promovidos pela ASBEPa, era justamente a premissa de trazer um polo da Universidade para a região do Baixo Tocantins, o que iria ajudar significativamente a amenizar os graves problemas educacionais da região através da formação em nível superior de professores, os quais estariam mais capacitados para trabalhar na rede pública de ensino. Nesse sentido, segundo Adelino Ferranti:

[...] nos anos oitenta, aqui em Abaetetuba se criou uma organização de professores, que se chamou de ASBEPa (Associação Beneficente dos professores de Abaetetuba) e tinha uma diretoria e eles começaram a reunir os professores para discutir as temáticas educacionais. Em 1980, eles realizaram o primeiro encontro de professores do Baixo Tocantins, foi lá no Basílio de Carvalho, e uma das grandes deliberações que eles tiraram, foi lutar pra trazer cursos superiores pra cá, por que? A maioria dos professores do ensino médio só tinha um cursinho pós-médio e já estavam dando aula precariamente. Então, vira, precisamos trazer, eles tiraram meia página de encaminhamentos, um deles foi com relação à isso, baseado nessa decisão do primeiro congresso, no segundo, que foi em Barcarena em novembro de oitenta e um, reafirmaram, vamos ter que tirar uma comissão, ir nos municípios, falar com os prefeitos para que a gente se una para trazer um polo da universidade para cá [...] (informação verbal) (Ferranti, 2018 *apud* Pinheiro, 2019, p. 33-34).

Nesse panorama, esse movimento desenvolvido pelos educadores de Abaetetuba, foi estruturado e organizado, chegando a dialogar com o próprio Reitor Seixas Lourenço. Portanto, essa iniciativa suscitou, de forma preponderante, a vinda de cursos e o ensino superior universitário para os abaetetubenses e a região do Baixo-Tocantins englobando as

idades do Acará, Barcarena, Bujaru, Concórdia do Pará, Igarapé Miri, Moju, Tomé Açu e posteriormente Muaná (Reis, 2018).

No ano de 1987, finalmente, inicia-se a interiorização, a qual contou com a oferta de cursos de graduação de Licenciatura Plena, e em Abaetetuba, foram ofertados os cursos de História, Geografia, Matemática, Letras e Pedagogia. Contudo, os anos iniciais de funcionamento desses cursos foram difíceis e encontraram-se muitas adversidades nesse percurso. As aulas aconteciam no período intervalar, ou seja, no período de férias das escolas selecionadas para o seu funcionamento, que na época, foram o Colégio São Francisco Xavier, Basílio de Carvalho, Leônidas Monte e Joaquim Mendes Contente (Ferranti, 2018).

Ao explorarmos o contexto histórico que levou à vinda da UFPA para Abaetetuba em 1987 por meio da interiorização, poderemos adentrar a relação dessa Instituição de Ensino Superior com a Cidade de Abaetetuba, o que possibilitará a compreensão aprofundada das relações que os Docentes Egressos possuem dentro de todo esse processo de relação com a cidade na qual vivem, bem como com a Universidade, na qual se formaram e atualmente, trabalham. Há uma rede de conexões entre Docentes Egressos, Universidade e Cidade que iremos abordar nas próximas seções do presente capítulo, abrindo um leque de discussões, as quais permitirão uma dinâmica de debates em torno do conceito de Memória e das questões identitárias dos Docentes Egressos no capítulo posterior sobre “Memórias e Identidades: A relação dos Docentes Egressos com a Universidade que os formou.”

4.4 Cidade

Ao adentrarmos na discussão sobre a relação da Universidade com a cidade, é necessário a compreensão desses dois vocábulos tão complexos e ricos de informações e contradições. Nesse sentido, nas seções anteriores explanamos de maneira detalhada, mas não de forma totalizante, as características e transformações da Universidade enquanto ambiente físico e subjetivo.

Assim sendo, a linha de raciocínio que seguiremos a partir deste momento, é o aprofundamento do entendimento sobre o conceito de cidade, o qual é ainda mais amplo e passível de múltiplas interpretações, justamente por dialogar com diversas áreas do conhecimento, a exemplo da Geografia, História, Sociologia e os estudos dentro dos meandros das Ciências Sociais.

Diante da magnitude e da complexidade do termo Cidade, interessa-nos mencionar que a grande premissa da dinâmica deste debate, é fomentar discussões sobre os diversos

conceitos que esse vocábulo recebeu e que ainda passa por novas conceituações ao longo da História. Nesse viés, diversos aspectos são levados em consideração na busca incessante e até aqui, inesgotável, para um conceito amplamente aceito e que consiga contemplar as exigências que esse vocábulo engloba.

Diante desse panorama, questões como extensão territorial, quantitativo populacional, atividades econômicas desenvolvidas, práticas culturais, ritualísticas e gastronômicas historicamente construídas, políticas públicas implementadas, diferentes realidades, memórias e identidades da população, por exemplo, fazem parte de um emaranhado de palavras-chave que se interconectam nessa gama complexa de informações circunscritas no conceito de Cidade (Vasconcelos, 2015).

A possível datação do termo Cidade, advém do século XIII, tendo origem na palavra latina *civitas-âtis* (Cunha, 1982 *apud* Lencioni, 2008, p.114). Curiosamente, esse vocábulo começa a ser discutido no período final da Idade Média, alguns séculos depois do surgimento das primeiras Universidades, o que nos faz refletir sobre a influência da expansão do conhecimento intelectual nos territórios.

Pensar nos conceitos do termo Cidade é uma tarefa que requer cautela e atenção, já que historicamente, esse vocábulo passou por mudanças nas suas características, pois, cada realidade territorial de uma nação ou, mais especificamente, da própria região cunhada como Cidade, possui elementos diferenciados de outras realidades de cidades distantes ou até mesmo próximas a ela.

Pensando nessa perspectiva, é salutar destacar o fato de que a maioria das Cidades – Há as exceções, a exemplo das Cidades-estado Gregas da Idade Clássica - estão inseridas em um território com um governo em comum. Nesse contexto, Eric Hobsbawm, em sua obra “Nações e Nacionalismo desde 1780 Programa, Mito e Realidade”, menciona diversos fatores que englobam a dinâmica do debate em torno da ideia de Nação, levando-se em consideração um governo comum e os seus habitantes ligados por aspectos que os conectam de alguma forma, como a língua e o território por exemplo. Sendo assim,

Na recente Enciclopédia Brasileira Mérito (v.13. São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, 1958-64, p.581.), a nação é “a comunidade de cidadãos de um Estado, vivendo sob o mesmo regime ou governo e tendo uma comunhão de interesses; a coletividade de habitantes de um território com tradições, aspirações e interesses comuns, *subordinados a um poder central que se encarrega de manter a unidade do grupo* (grifos do autor); o povo de um Estado, excluindo o poder governamental.”(Hobsbawm, 2013, p. 27-28).

A Nação é pensada de uma maneira ampla e contempladora de diversos aspectos envolvendo um quantitativo significativo de pessoas com múltiplas identidades e culturas diversificadas, englobando cidades com características diferentes. Esse paralelo ajuda de sobremaneira, a visualizarmos a vastidão da complexidade do termo Cidade, já que não basta apenas pensarmos nela isoladamente, mas como elemento de um território ainda maior e, a partir do momento, em que levantarmos a discussão sobre a cidade no contexto paraense, ainda iremos nos ater a questão da cidade dentro do município, por exemplo.

Assim sendo, apresentaremos a seguir, um quadro com os principais conceitos de cidade em diferentes períodos de estudos e com abordagens diversas de autores de formações variadas:

Quadro 4 - Conceitos sobre cidades

AUTOR	FORMAÇÃO	OBRA (ANO)	CONCEITO SOBRE CIDADES
Friedrich Ratzel	Geógrafo	Antropogeographie (1882)	“um adensamento contínuo de pessoas e habitações humanas, que ocupa uma considerável área do solo e que está localizado no centro das principais linhas de tráfico”.
René Maunier	Sociólogo	A origem e a função econômica das cidades. (1910)	“sociedade complexa cuja base geográfica é particularmente restrita relativamente a seu volume [...]” (p. 44)
Lewis Mumford	Historiador	A Cultura das Cidades. (1938)	“[...] plexo geográfico, uma organização econômica, um processo institucional, um teatro de ação social e um símbolo estético de unidade coletiva” (p. 433).
Henri Lefebvre	Filósofo	O Direito à Cidade. (1968)	“a projeção da sociedade sobre o terreno” (p. 64).
Paul Claval	Geógrafo	La logique des villes. (1981)	“[...] uma organização destinada a maximizar a interação social” (p. 4).

Fonte: Vasconcelos (2015).

Portanto, podemos perceber que as definições acima, abordam perspectivas concernentes aos contextos sociais e as características dos pontos de vista baseados na formação de cada autor. As definições também devem ser pensadas de acordo com o período histórico. Afinal, se observarmos as definições que levam em consideração os anos de 1882 a 1938, estamos falando de um processo de imperialismo e uma incessante busca das nações europeias, principalmente, por novos territórios que culminará com as duas grandes guerras mundiais e, simultaneamente a isso, temos o avanço da Revolução Industrial somada a tenebrosa Indústria da Guerra, com a produção bélica funcionando com toda a intensidade e aumentando o potencial destrutivo dos conflitos entre os países (Hobsbawm, 1995).

Além disso, há uma observação de que a cidade é composta por uma série de elementos que precisam estar funcionando de maneira ordenada em prol do bom funcionamento das relações estabelecidas dentro de um espaço geográfico que engloba indivíduos heterogêneos. Contudo, se pensarmos nos debates sobre as grandes cidades metropolitanas do século XX, teremos outras possibilidades criadas a partir da lógica industrial e capitalista que reverberam em muitos aspectos na sociedade contemporânea, tanto no que diz respeito à velocidade das rotinas cotidianas de trabalho quanto das relações interpessoais. Nesse viés,

Para Simmel, seria necessário, portanto, investigar o tipo de individualidade que a cidade grande estimula e constitui (...) Um dos pontos centrais em sua perspectiva parte do princípio que a base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste em uma intensificação dos estímulos nervosos, resultado da alteração ininterrupta e brusca entre os estímulos exteriores e interiores. A rápida convergência de imagens em mudança, as descontinuidades presentes na apreensão rápida dos olhares e as impressões súbitas e inesperadas, dariam o tom dessa intensificação particular dos estímulos na vida da metrópole. Contrastando com a vida rural, com seu lento fluxo de estímulos sensoriais e a vida psíquica pautada no aspecto emocional, as metrópoles exigiriam de seus habitantes uma sensibilidade e uma vida psíquica capazes de se adequarem às vicissitudes da velocidade e heterogeneidade de estímulos que estas apresentam (Simmel 1973 [1903]: 11-12). (Antunes, 2014, p. 2).

Nesse sentido, com o avanço da terceira revolução industrial no decorrer da segunda metade do século XX, as Cidades inseridas na lógica capitalista, principalmente, em relação aos espaços públicos e ambientes laborais, passaram a perceber a influência tecnológica em meados da virada do século XX para o XXI. No caso das grandes cidades, existe uma constante competitividade em relação a prestação de serviços como os de transportes públicos e privados, a profusão do marketing e propagandas das empresas no intuito de persuadirem o máximo possível de pessoas a serem consumidoras de seus produtos, e diante dessa caótica rede de possibilidades de competição, ainda existem os serviços destinados a segurança

pública e privada. As pessoas vivem no cotidiano das cidades contemporâneas, com tensões e medos tanto em relação ao que pode acontecer aos seus corpos diante de uma ameaça física, quanto de suas propriedades. Segundo Bauman,

O nosso é um tempo de cadeados, cercas de arame farpado, ronda dos bairros e vigilantes; e também de jornalistas de tabloides “investigativos” que pescam conspirações para povoar de fantasmas o espaço público funestamente vazio de atores, conspirações suficientemente ferozes para liberar boa parte dos medos e ódios reprimidos em nome de novas causas plausíveis para o “pânico moral”. (Bauman, 2021, p. 53).

Cada realidade social deve ser pensada conforme o seu contexto. Cada cidade possui características peculiares que serão determinantes para se entender os espaços públicos e os eventos culturais que se desenvolvem nesses ambientes. Além disso, a compreensão histórica desse processo será determinante para o entendimento da formação dos bairros centrais e periféricos, por exemplo, do ambiente citadino. Nesse sentido,

A dicotomia entre centro e periferia diluiu-se em virtude dos factores que determinavam a competitividade territorial (segurança pública, abastecimento de alimentos, venda de produtos, prestação de serviços) terem deixado de se concentrar nos centros das grandes cidades. Hoje em dia, é possível encontrar nas redes urbanas metropolitanas inúmeros locais em que estes e outros factores de competitividade estão presentes, e, por vezes, com mais intensidade, com um custo de solo inferior ao do próprio centro urbano. Para certo tipo de serviços, baseados em redes digitais, a localização física deixou mesmo de ser um critério importante. A utilização do automóvel tornou-se igualmente um factor de competitividade negativa para os centros tradicionais (Lourenço, 2009: 53-54) (Cruz, 2011, p. 70).

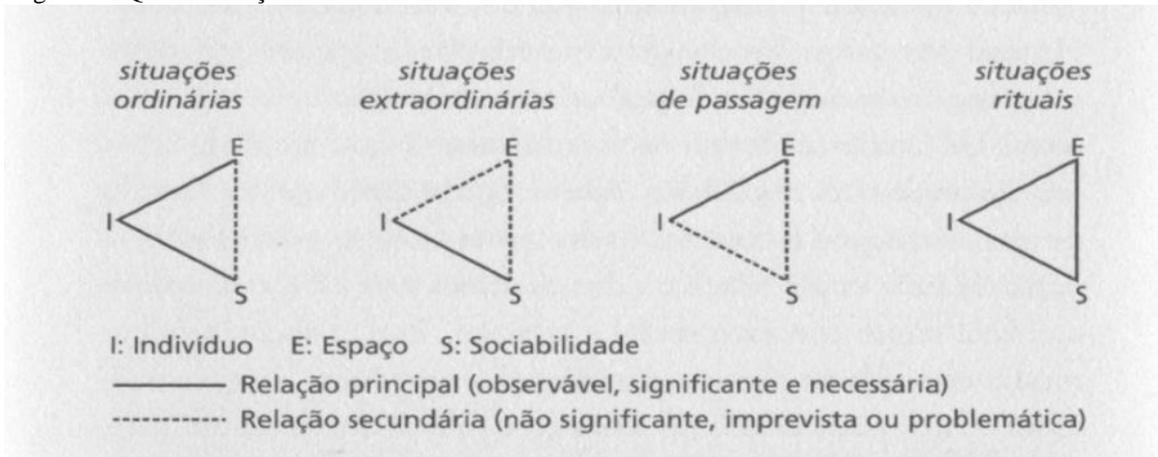
Outrossim, ao analisarmos essa rede de relações que ocorrem dentro do espaço circunscrito da cidade, percebemos que existe uma complexidade de interrelações entre os indivíduos cidadãos e entre estes cidadãos e o próprio espaço, configurando, dessa forma, características peculiares das cidades, não de forma unívoca, mas ampla e diversificada. A esse processo, Michel Agier denomina “cidadinidade”, já que é uma relação que ocorre dentro das Cidades, englobando os cidadãos e o espaço.

Seguindo a premissa de Agier (2011), existem, quatro grandes perspectivas em torno das relações decorrentes da “cidadinidade”. São elas: A Situação Ordinária, Extraordinária, de Passagem e Ritual, cada qual com características distintas e que dão uma dimensão profícua da dinâmica das Cidades. Nesse sentido, faz-se necessário compreendermos esses pontos e buscarmos ligá-los a aspectos comumente observados nas cidades. Isso nos permite observar a Cidade de Abaetetuba, numa ótica antropológica, permitindo um aprofundamento do entendimento das relações interpessoais, como também, destas com o espaço, abrindo um horizonte de possibilidades de aprofundamento do nosso objeto de estudo, os Docentes

Egressos com o espaço da Universidade, entendendo que há, nesse cenário, a relação entre esses educadores e seus discentes, o Campus Universitário de Abaetetuba e a Cidade de Abaetetuba.

A imagem a seguir, é um esquema elaborado por Agier (2011) para explicar as relações que se desenvolvem nos quatro pilares da cidadindade:

Figura 2 - Quatro situações da cidadindade



Fonte: Agier, (2011)

Assim sendo, a Situação Ordinária refere-se a situações cotidianas, principalmente no ambiente laboral, em espaços localizados e que podem gradualmente, tornarem-se familiares pelas relações estabelecidas nesse meio. Há uma relação direta do Indivíduo com o Espaço e do Indivíduo com a Sociedade, sem, no entanto, haver relação direta entre o Espaço e a Sociedade. (Agier, 2011) Nesse viés, as pessoas constroem relações sociais, possuem relações interpessoais no ambiente de trabalho, sejam elas puramente profissionais ou também, sentimentais. Contudo, isto não quer dizer que essa relação será perpétua ou que sempre se desenvolverá nesse mesmo espaço, já que o universo do trabalho é efêmero, é inconstante e segue a lógica do capital. Um trabalhador de fábrica que possui relação de longos anos com seus colegas de profissão, pode simplesmente, em um determinado dia, ser demitido ou enviado para outro local, a fim de desempenhar outra função dentro daquela empresa.

Ademais, as situações comumente presentes nas cidades, como o encontro de pessoas em uma praça pública por exemplo, ou em feiras de vendas de produtos, caracterizam situações ordinárias que se naturalizam, porém, pela dinâmica volátil das cidades, esses encontros não são necessariamente, unívocos no mesmo espaço, podendo encontrar outros espaços conforme o desenvolvimento das relações entre os indivíduos, e entre os cidadãos e

os espaços que frequentam. Por isso, a relação do espaço e da sociedade é secundária, já que muda constantemente.

Na perspectiva da Situação Extraordinária, há uma relação direta entre indivíduo e sociedade, porém, com uma relação coadjuvante do indivíduo com o espaço, e do espaço com a sociedade. (Agier, 2011). Esse processo conta com a imprevisibilidade dos fatos, como também com situações raras ou acidentais. Um protesto, uma briga de rua, um assalto e as consequências deste, por exemplo, independem de uma localização fixa para acontecerem. Cada indivíduo, vivencia tal experiência à sua maneira e depois, no contato social com outras pessoas que vivenciaram o mesmo fato, compartilham de uma memória coletiva dentro da Cidade, caracterizando uma relação interpessoal direta, mas que aconteceu em um espaço não programado para aquilo, fato que, apesar da imprevisibilidade, é comum de acontecer no espaço das Cidades.

Nas Situações de Passagem, a relação entre Indivíduo e Espaço ganham protagonismo, deixando a relação Indivíduo e Sociedade, e a relação Sociedade e espaço em segundo plano. Nesse contexto, diante do cenário intenso e volátil das Cidades, os indivíduos vivenciam experiências relacionadas à individualidade e solidão, seja em cenários hoteleiros ou corriqueiros nas ruas ou nos transportes públicos ou particulares. A premissa principal é que em certos momentos da vida cidadina, as pessoas tendem a passar por experiências que não consolidam de forma aprofundada, uma relação interpessoal, mas sim, um momento em que ela se depara com os aspectos visíveis ou subjetivos das cidades, a exemplo das regras ou leis de trânsito que precisam seguir, um trajeto longo em um ônibus repleto de pessoas desconhecidas. Esses momentos denotam experiências, nas quais concomitantemente, os cidadãos se vêem próximos de outras pessoas, porém, com a individualidade e a construção daquele processo sendo mais predominantes do que uma vivência coletiva dos fatos. Sendo que todo esse panorama de acontecimentos é passageiro, é efêmero.

Já nas Situações rituais, existe uma relação direta entre os três elementos da cidade, nessa linha de raciocínio, que são o Indivíduo, o Espaço e a Sociedade. Esse processo desenvolve-se de forma efêmera, englobando aspectos identitários, culturais e sociais. O espaço, nessa perspectiva, é delimitado e os indivíduos constroem uma relação sociocultural coletiva e subjetiva. Geralmente, as Situações Rituais acontecem em festas, danças, ritos religiosos, eventos carnavalescos, os quais reúnem experiências e simbolizam diversos aspectos culturais das cidades e dos cidadãos.

Esses quatro pilares da “cidadinidade”, proposta por Agier (2011), complementa ainda mais os estudos sobre Cidade, seu conceito, bem como alguns dos processos que

desenvolvem-se dentro do espaço citadino, tanto em relação ao território, quanto das relações interpessoais que promovem o crescimento ou não das Cidades. Todo esse contexto permite-nos suscitar reflexões e debates sobre o que são as Cidades e como elas funcionam.

O panorama do conceito de Cidade, como já dissemos anteriormente, é bastante complexo e depende de cada contexto regional, social e intelectual. Sendo assim, David Harvey, um dos principais geógrafos que discute e estuda a questão das Cidades, apresenta em seus estudos e obras, o processo de urbanização característico das sociedades capitalistas, que nos ajudam a entender como a maioria das cidades se desenvolveram e continuam a se desenvolver, principalmente, analisando a virada do século XX para o XXI, período no qual o Capitalismo Industrial e a própria ascensão da revolução Tecno-científico informacional, ganharam potência e expandiram-se consideravelmente. Segundo Harvey,

Desde o início, as cidades emergiram da concentração social e geográfica do produto excedente. Portanto, a urbanização sempre foi um fenômeno de classe, já que o excedente é extraído de algum lugar e de alguém, enquanto o controle sobre sua distribuição repousa em umas poucas mãos. Esta situação geral persiste sob o capitalismo, claro, mas como a urbanização depende da mobilização de excedente, emerge uma conexão estreita entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização. Os capitalistas têm de produzir excedente para obter mais-valia; esta, por sua vez, deve ser reinvestida a fim de ampliar a mais-valia. O resultado do reinvestimento contínuo é a expansão da produção de excedente a uma taxa composta – daí a curva lógica (dinheiro, produto e população) ligada à história da acumulação de capital, paralela à do crescimento da urbanização sob o capitalismo. (Harvey, 2012, p. 74).

Pensando nessa perspectiva, o modo de produção capitalista tende a buscar aparatos e cenários plausíveis ao lucro e ao excedente de produção, pois a lógica Dinheiro – Produto – População, permite a aceleração da urbanização e a consequente expansão das cidades. Essa lógica marxista defendida por Harvey (2012), abarca um ponto de vista diferenciado sobre a formação das cidades e também, permite-nos observar as Cidades contemporâneas, já que o sistema capitalista mantém sua hegemonia sobre o mundo globalizado.

Ademais, a visão de um outro autor importante à discussão a respeito do contexto das Cidades, o francês Henri Lefebvre (2013), pelo qual, Harvey dialoga também, aborda essa ideia da Cidade enquanto produto das ações capitalistas sobre o espaço. Nesse sentido,

O conceito de espaço liga o mental e o cultural, o social e o histórico. Reconstrói um processo complexo: Descoberta (de espaços novos e desconhecidos, de continentes, do cosmos) – produção (da organização espacial de cada sociedade) – criação (de obras: a paisagem, a cidade com a sua monumentalidade e decoração). É uma reconstrução evolutiva, genética (com uma gênese), mas segundo uma lógica: a forma geral da simultaneidade. E isso ocorre porque todo dispositivo espacial

repousa na justaposição da inteligência e na montagem material de elementos a partir dos quais a simultaneidade é produzida (Lefebvre, 2013, p.57).¹³

A lógica de Lefebvre sobre o espaço ajuda-nos a perceber que a dinâmica de formação das cidades por homens e mulheres ocorre de forma mental, social, cultural, histórica e acrescentamos ainda a questão geográfica, já que precisou-se encontrar novos espaços. Outrossim, tudo aquilo que é produzido dentro daquele espaço configura características se não próprias, mas identitárias daquela população, como os monumentos, as catedrais, os museus, as praças e suas estátuas, os nomes das ruas e todas as práticas ritualísticas e sociais que acontecem nas cidades.

Até este momento do presente capítulo, conseguimos identificar diversos aspectos inerentes a ideia de Cidade. Contudo, quanto mais sabemos dos elementos que formam o espaço citadino, mais lacunas acabam aparecendo, já que, por mais que existam muitos elementos em comum, há sempre as discontinuidades e singularidades ou particularidades de cada cidade. Seguindo essa linha de raciocínio, é salutar destacar que uma Cidade possui espaços públicos e privados, os quais concentram-se ora próximos uns dos outros, outrora distantes. Existem bairros centrais e periféricos, podendo ou não haver transporte público, o que implica em dificuldades ou não em relação a mobilidade urbana por exemplo. Assim sendo,

A cidade é repartida - toda ela - por delimitações tanto físicas quanto simbólicas. São bairros de elite, periferias carentes ou mesmo a mescla dos dois (complementares) mundos. Se a linha não é imaginária, com divisões tácitas estabelecidas, por exemplo, pelo mercado, que impõe custo ao acesso e à proximidade, ou mesmo política, com a maior presença e circulação da polícia, o recorte se faz visível através de demarcações territoriais por barreiras físicas, advindas da construção de avenidas, viadutos, praças, parques e edifícios públicos ou, simplesmente, do uso da arquitetura defensiva com seus muros, grades, cercas eletrificadas etc. Essas demarcações são uma construção da qual participam tanto o Estado - com suas obras públicas - quanto a iniciativa privada - com seus investimentos no espaço construído. O resultado é um mosaico urbano que, embora com uma geografia própria, já que é fruto da geografia histórica única de cada cidade, tem peças que são comuns a todas (Valença, 2006, p. 185-186).

Geralmente, as grandes cidades e as capitais, recebem uma grande quantidade de turistas estrangeiros ou nacionais, seja por questões laborais ou grandes festividades religiosas ou culturais ou musicais. Esse processo gera experiências novas às cidades, com isso, quanto

¹³ No original: “El concepto de espacio liga lo mental y lo cultural, lo social y lo histórico. Reconstruye un proceso complejo: Descubrimiento (de nuevos espacios, desconocidos, de continentes, del cosmos) – producción (de la organización espacial propia de cada sociedad) – creación (de obras: el paisaje, la ciudad con su monumentalidad y decorado). Se trata de una reconstrucción evolutiva, genética (con una génesis) pero de acuerdo a una lógica: la forma general de la simultaneidad. Y esto porque todo dispositivo espacial reposa sobre la yuxtaposición en la inteligencia y sobre el montaje material de elementos a partir de los cuales se produce la simultaneidad”.

mais indivíduos circularem nesses espaços, maiores as possibilidades de se repensar o espaço citadino, tanto em termos de infraestrutura, quanto de organização de eventos. Portanto, não há como se definir a Cidade como única e imutável, a efemeridade das sociedades pós-modernas é a chave para se entender as sociedades contemporâneas e suas mudanças, como diria Bauman (2023).

As experiências são singulares, cada cidade passou e ainda passa por momentos de mudanças por vezes silenciosas, por vezes visíveis. Os cidadãos, de acordo com cada faixa etária, visão de mundo, criação familiar, culturas e identidades, observam as mudanças dos espaços de maneiras diversificadas e heterogêneas. Sendo assim,

Cada um de nós tem uma ideia própria da cidade e, em particular, da cidade onde vive; é uma ideia feita de coisas vividas e de lugares da memória. Nossos percursos habituais seguem uma lógica de conexões e relações. Segundo o nosso nível social, existem redes de comunicação que estruturam ou reafirmam nossa identidade. Existem lugares institucionalmente “deputados” para a troca: a praça, o mercado, o bar, o ponto de encontro desportivo ou cultural, onde confluem os percursos dos indivíduos. Existem lugares da alma, onde se desenrola a história da nossa vida. Na esfera local – no espaço físico dos lugares onde moramos, vivemos, que atravessamos – se aninham processos e fenômenos que podem dizer muito sobre a realidade global do mundo (Venturini, 2009, p. 204).

A história de cada cidade também passa por esses momentos de trocas, de diálogos e compartilhamento de memórias individuais e/ou coletivas dos moradores. Por isso, os documentos oficiais devem ser sempre repensados diante da magnitude do processo de formação de uma cidade, já que os relatos orais também são primordiais para entender esse processo.

4.4.1 A cidade de Abaetetuba

Abaetetuba é um município localizado na mesorregião do nordeste paraense, pertencente a microrregião de Cametá. Conta com uma área territorial de 1.610,654 km². Em 2022, sua população era de 158.188 habitantes (IBGE, 2023). Esse território possui aproximadamente, 72 ilhas, nas quais utiliza-se como principais meios de transporte, as rabetas, barcos e canoas (Câmara Municipal de Abaetetuba, 2023), e conta também com aproximadamente 30 comunidades que vivem à beira da estrada¹⁴.

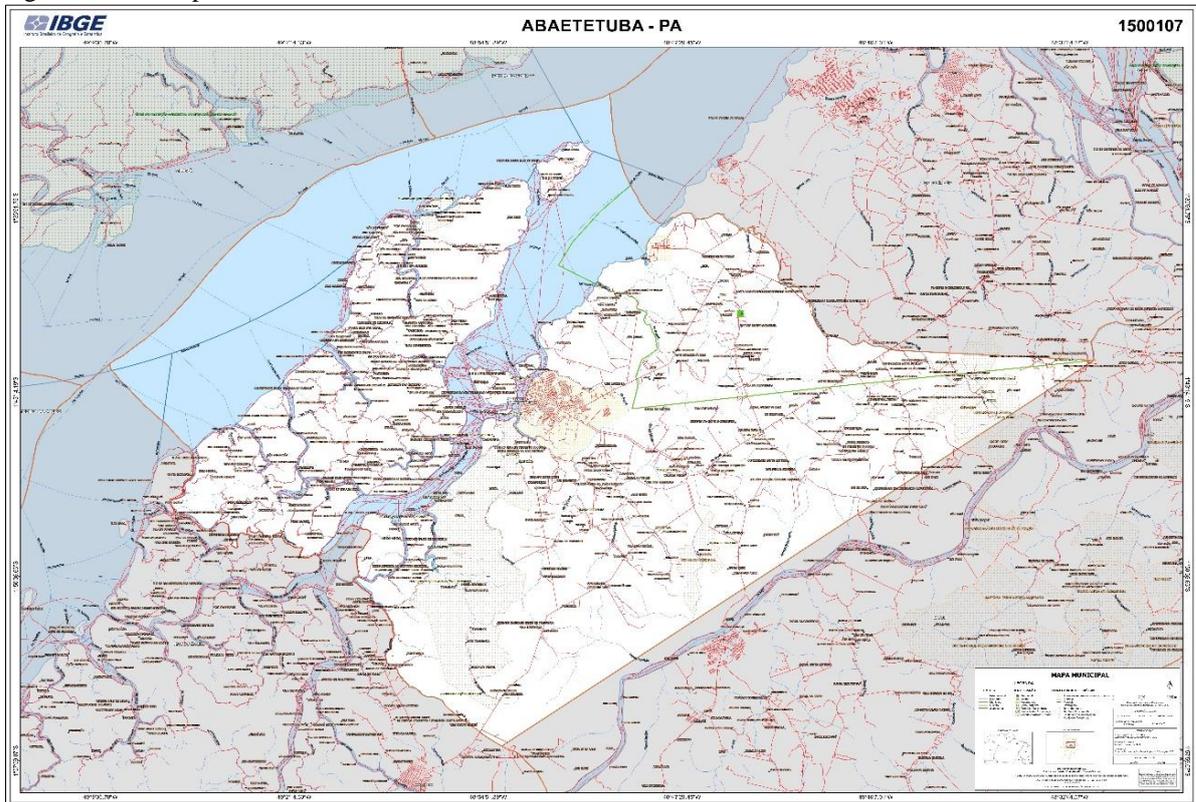
Primeiramente, o município denominava-se Abaeté, topônimo indígena que tem como significado “homem forte e valente”. Contudo, a legislação federal proibia a duplicidade de

¹⁴ Disponível em: <https://cubt.ufpa.br/historico>

topônimos das Cidades e das Vilas brasileiras e, como já havia uma outra cidade com esse mesmo nome, Abaeté/PA mudou de nome para Abaetetuba, na década de 1940 (IBGE, 2023).

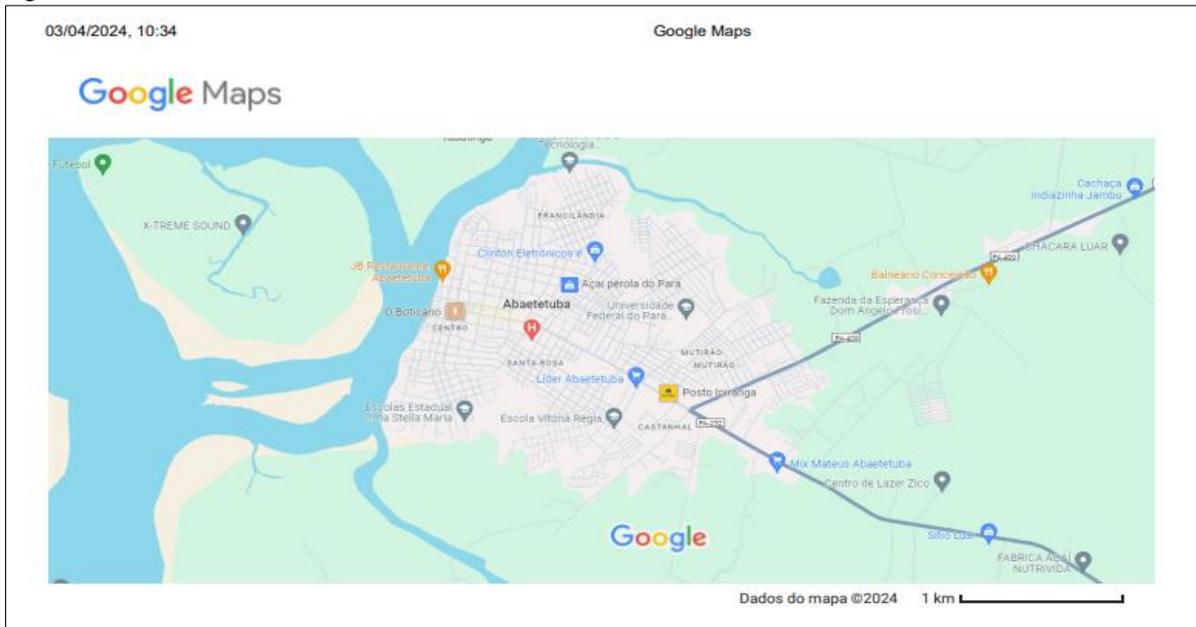
Segundo a tradição, no ano de 1745, houve a primeira penetração em território abaetetubense, realizada por Francisco de Azevedo Monteiro e sua família, os quais buscavam se refugiar de um forte temporal (IBGE, 2024). Porém, existe uma outra perspectiva histórica sobre Abaetetuba, que denota que o Distrito de Beja teria sido o grande berço da colonização de Abaetetuba, já que por volta do ano de 1635, os padres capuchinhos advindos do convento do Una, em Belém, encontraram uma aldeia de tribos indígenas nômades e juntaram-se a eles. Esse aglomerado foi denominado de “Samaúma” e, depois, passou a ser chamado de “Beja” pelo então governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado. (Prefeitura De Abaetetuba, 2024)

Figura 3 - Município de Abaetetuba



Fonte: IBGE (2024)

Figura 4 - Cidade de Abaetetuba



Fonte: IBGE (2024).

Os mapas acima destacam o município e a cidade de Abaetetuba. Nesse sentido, é muito importante para a compreensão da presente pesquisa, o entendimento desses mapas, pois eles caracterizam o território Abaetetubense.

O município de Abaetetuba, historicamente, é caracterizado por ser um espaço de encontros de múltiplas identidades, de pessoas trabalhadoras e que tem forte relação com o comércio. Ademais, já recebeu e ainda recebe denominações referentes a produtos locais, como por exemplo “A terra da cachaça”, “A capital mundial do brinquedo de miriti¹⁵” e a “cidade das bicicletas” (Cardoso; Cruz, 2023).

Por ser um município rodeado de rios, possuir ilhas e ramais, Abaetetuba carrega muitas características culturais e identitárias de vários lugares dentro desse ambiente circunscrito do município, que podem ser percebidos em grandes eventos culturais na cidade, como o Círio de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Município, o MiritiFest (Araújo et al, 2023), a Semana de Arte, as apresentações das quadrilhas juninas na época das festividades de São João, por exemplo.

Outrossim, o enfoque da presente pesquisa, nesse momento, é compreender Abaetetuba, sob o ponto de vista acadêmico, levando-se em consideração a atual relação do

¹⁵ “Ao longo de anos, homens, mulheres e jovens do município de Abaetetuba, no Pará, traduzem o modo de vida das comunidades ribeirinhas das ilhas e várzeas dessa parte da Amazônia, esculpindo na bucha [...] do miriti (Mauritia flexuosa) – uma palmeira da família Arecaceae abundante na região-, brinquedos e enfeites que simbolizam o mundo do trabalho, da relação natureza e sociedade, das festas populares, do imaginário, das manifestações profano-religiosas e, mais recentemente, do universo midiático” (Domingues; Barros, 2017, p.200).

Campus Universitário de Abaetetuba com o Município de Abaetetuba. Portanto, a partir desse instante, nos debruçaremos sobre essa Instituição de Ensino Superior, na contemporaneidade.

4.4.2 O Campus Universitário de Abaetetuba na Contemporaneidade

O Campus Universitário de Abaetetuba integra os campi da UFPA, resultado do processo de interiorização da Universidade na década de 1980, como vimos anteriormente. Está localizado na Rua Manoel de Abreu, Sem Número, no Bairro do Mutirão em Abaetetuba. Atualmente, essa Instituição de Ensino Superior conta com os cursos de graduação de Licenciatura em Língua Portuguesa, Pedagogia, Língua Espanhola, Matemática, Física, Curso de Engenharia de Produção, Curso de Educação no Campo, Curso de Serviço Social, Tecnologia em Agroecologia¹⁶. Além da graduação, o campus conta com um prédio de Pós-Graduação, no qual funciona o PPGCITE (Programa de Pós-Graduação em Cidades: Territórios, Identidades e Educação) e o PROFMAT (Mestrado Profissional de Matemática). Ademais, segundo dados do ano de 2024, o Campus Universitário de Abaetetuba conta com um total de 86 professores ativos, sendo 74 permanentes, 11 substitutos e 1 visitante¹⁷.

Figura 5 - Localização do Campus Universitário de Abaetetuba



Fonte: Google Maps (2024).

¹⁶ Fonte: Site do Campus

¹⁷ Fonte: Registro SIGRH/UFPA em 06/08/2024

O Campus conta com uma infraestrutura que se desenvolveu consideravelmente nos últimos anos. Nesse sentido, essa Instituição possui vias de acesso todas pavimentadas, passarelas cobertas, iluminação das vias e prédios, sistema de drenagem, estacionamentos, cantina, uma quadra poliesportiva, um prédio administrativo com gabinetes para os professores, uma biblioteca, recém ampliada e reformada, com auditório para eventos, laboratórios de informática, física, química, linguagem e práticas pedagógicas, salas de aula climatizadas. Além disso, os primeiros prédios do Campus passaram por reformas recentes, e está em andamento a construção de um prédio com três pavimentos destinado a novas salas de aula e laboratórios de ensino, pesquisa e extensão. Ademais, está previsto a construção de um novo prédio para a Pós-Graduação. A seguir, podemos visualizar algumas fotografias recentes do Campus Universitário de Abaetetuba:

Figura 6 - Bloco do curso de Letras



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Figura 7 - Prédio da FACET



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Figura 8 - Prédio da Pós-Graduação



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Os avanços do Campus Universitário de Abaetetuba são consideráveis ao longo dos anos. A Instituição recebe discentes advindos da Cidade e do Município (ilhas e ramais) de Abaetetuba, de Municípios próximos como Igarapé-Miri, Moju, Barcarena, Acará, dentro do Estado do Pará, do Brasil e Internacionais. Sendo assim, podemos destacar que Abaetetuba

tornou-se um centro de educação superior com grande influência na região do Baixo Tocantins e isso impacta diretamente no cotidiano dos cidadãos, dos discentes, das pessoas que trabalham dentro e fora do Campus. Contudo, existem muitos desafios aos quais o Campus ainda precisa lidar, tanto na questão do quantitativo de Docentes, quanto no aprimoramento de sua infraestrutura, principalmente no turno da noite. Ademais, a rua Manoel de Abreu, na qual se localiza o Campus, recebeu asfaltamento no ano de 2023, depois de longos anos sem reparos ou cuidados concretos por parte do poder público. Nesse sentido,

A compreensão do papel das universidades como agente da (re)estruturação urbana e econômica das cidades torna-se importante, tanto em razão do volume de recursos financeiros movimentados quanto pela modificação de dinâmicas intraurbanas (moradia, circulação, usos etc.) e do cotidiano dos moradores. A implantação de uma universidade ou campus de uma universidade pública afeta as dinâmicas urbanas e regionais de cidades médias e pequenas, dentro de uma estratégia governamental de promoção do desenvolvimento que, para além do impacto econômico direto através da geração de empregos públicos de alta qualificação e gastos básicos de alunos e professores, promove a melhoria dos padrões educacionais, qualificação da força de trabalho, avanço e desenvolvimento tecnológico e cultural. Essas características se relacionam com a forte influência que a educação tem na chamada “era da economia do conhecimento” (Baumgartner, 2015, p. 75-76).

Entender a relevância da dinâmica que o Campus possibilita à cidade de Abaetetuba, explana de maneira bastante clara a influência e os impactos educacionais, econômicos e sociais que essa Instituição de Ensino Superior proporciona ao ambiente ao qual está circunscrita e insere a lógica inerente da relação entre as Universidades e as Cidades.

Portanto, é imprescindível para a presente pesquisa, compreender o cenário social, educacional, político e econômico do Município de Abaetetuba, tendo em vista que os Docentes Egressos, objeto de estudo do presente trabalho, exercem as suas profissões dentro do Campus Universitário de Abaetetuba. Nesse sentido, nos relatos orais desses indivíduos iremos nos deparar com falas que englobam muitas questões relacionadas a esse cotidiano tanto do Município, quanto da Cidade de Abaetetuba, como também da região do Baixo Tocantins.

5 A TRAJETÓRIA DOS DOCENTES EGRESSOS DO CAMPUS DE ABAETETUBA

Abordar as questões identitárias de um grupo de Docentes requer atenção, diálogo, empatia e acima de tudo, um aprofundado conhecimento científico sobre Memória e Identidade. Assim sendo, para iniciarmos a dinâmica do debate em torno dos resultados obtidos da presente pesquisa, é preponderante ressaltar que os conceitos trabalhados nos capítulos anteriores serão de suma importância para o entendimento das correlações das narrativas de memórias dos sujeitos entrevistados para o presente trabalho.

Em primeira análise, ressaltamos que o Campus Universitário de Abaetetuba é o grande núcleo agregador de memórias e identidades de seus discentes, docentes e demais profissionais, circunscrevendo, por conseguinte, o contexto do município de Abaetetuba, mesmo que dentro desses grupos, existam pessoas advindas de outras cidades.

Desde a delimitação temática da presente pesquisa, procuramos nos ater à premissa de selecionar os entrevistados de forma organizada e coerente com a questão multidisciplinar tão debatida no PPGCITI. Em outras palavras, esses sujeitos foram escolhidos baseados na perspectiva inicial de serem Docentes Egressos do Campus de Abaetetuba, os quais retornaram a essa mesma Instituição como Profissionais Docentes e, ademais, que estivessem atuando em áreas distintas do conhecimento.

Assim sendo, depois de uma criteriosa pesquisa (ver capítulo 1) sobre os Docentes do Campus de Abaetetuba, que foram Egressos dessa mesma Instituição, selecionamos cinco profissionais para a realização de entrevistas orais, no intuito de abarcar as questões identitárias fomentadas pelos relatos de memória, pensando no contexto da cidade/município de Abaetetuba/Pa. Além disso, para complementar os aspectos citadinos e educacionais que interferem diretamente nas temáticas abarcadas nas entrevistas, também selecionamos duas autoridades acadêmicas e um ex-discente do Campus, para serem entrevistados. Durante esse processo, pensamos e tentamos realizar uma entrevista com o Secretário de Educação do município de Abaetetuba, mas não conseguimos agendar um encontro para entrevistá-lo¹⁸.

Dessa maneira, iniciamos as entrevistas com os egressos a partir de novembro de 2023 e concluímos em fevereiro de 2024. Nesse período, entrevistamos a docente mestra M.A, em 23 de novembro de 2023; a docente doutora C.C, em 29 de dezembro de 2023; a docente mestra L.L, em 17 de janeiro de 2024; o docente mestre R.B, em 25 de janeiro de 2024; e o docente mestre E.C, em 10 de fevereiro de 2024.

¹⁸ Durante os meses de julho e agosto de 2024, realizamos contatos via celular e presencialmente na SEMEC de Abaetetuba, para agendar uma entrevista com o Secretário de Educação. Contudo, esse profissional encontrava-se com muitos compromissos e não possível o agendamento de uma entrevista durante esse período.

As entrevistas seguiram a perspectiva de um roteiro, o qual guiou os diálogos de modo a englobar os conceitos de memórias coletivas, as identidades pessoais, sociais e profissionais, dentro do contexto da cidade de Abaetetuba. Nesse sentido, as unidades de análise definidas foram utilizadas como seções do presente capítulo, no intuito de analisarmos cuidadosamente as narrativas de memórias dos sujeitos entrevistados.

Nesse viés, na primeira parte deste capítulo empírico, trabalharemos exclusivamente com as temáticas debatidas com os docentes egressos. Sendo assim, seguiremos as seguintes ideias a partir das próximas seções: a motivação para a escolha do curso de graduação; amizades construídas dentro e fora do Campus de Abaetetuba; visitas a outras cidades amazônicas ou estados brasileiros; a influência das experiências acadêmicas na vida desses sujeitos; mudança nos aspectos identitários na graduação e durante a docência universitária no Campus de Abaetetuba; desafios socioeconômicos e acadêmicos do início da carreira de Docente Universitário; relevância socioeconômica do trabalho como Docente Egresso; identificação com a profissão que exerce; a experiência acadêmica como Docente Egresso do Campus Universitário de Abaetetuba.

Posteriormente, iremos debater as ideias dialogadas com as autoridades acadêmicas. Nesse contexto, seguiremos as seguintes perspectivas: importância socioeconômica da presença de um Campus Universitário na cidade de Abaetetuba; desafios que a cidade e o Campus enfrentam pelo fato de esta instituição localizar-se em um bairro distante; Universidade e os traços identitários da população abaetetubense; Universidade e os traços acadêmicos da comunidade acadêmica no Campus; a relação da Universidade com a população abaetetubense, no sentido social, econômico e educacional; o papel da Universidade em Abaetetuba no futuro.

Concomitantemente a análise das narrativas orais, observadas de acordo com cada temática debatida em cada seção, faremos a relação com os conceitos basilares que norteiam a presente pesquisa, que são as Memórias, as Identidades e as suas relações com a Cidade.

5.1 Docentes Egressos: Experiências, Memórias e Identidades no contexto abaetetubense

5.1.1 A escolha do curso de graduação

No início do diálogo tecido nas entrevistas, procuramos fazer um panorama geral sobre os principais aspectos que iríamos trabalhar nesta dissertação, a fim de situar o entrevistado sobre a relevância da pesquisa, bem como a pertinência de sua narrativa de memória para a construção do presente trabalho. Portanto, após essa primeira fala, pedimos

aos entrevistados que relatassem, da maneira que achassem mais confortável, como foi o contexto de escolha do curso de graduação, tanto no que diz respeito a identificação e influências, quanto em relação a perspectivas de mercado de trabalho.

Sendo assim, entre as várias questões abordadas pelos entrevistados, podemos enfatizar a questão da relação entre a escolha do curso com o seu contexto familiar ou social mais próximo. Nesse sentido, os entrevistados, predominantemente, associaram as decisões tomadas na época do vestibular, com a influência dos familiares, no sentido econômico, geográfico e identitário, como também o cenário escolar, através do contato com profissionais da educação que os incentivaram e estimularam a seguir uma carreira nos meandros educativos.

Durante cada uma das cinco entrevistas com os Docentes Egressos do Campus Universitário de Abaetetuba, pudemos perceber o quanto esse processo de transição do ensino médio para o ensino superior foi intenso, complexo e marcante na vida desses sujeitos. Nesse viés, quando pensamos nas identidades construídas, conseguimos perceber nos relatos de memória dos entrevistados, uma aproximação com a Identidade Pessoal, já que todos possuíam uma identificação com as características do curso acadêmico escolhido, ou pelo menos, durante a graduação, como também o afloramento das identidades sociais, já que a mentalidade dessas pessoas foi se desenvolvendo em consonância com as experiências e vivências dos pais e professores.

Sendo assim, pensando nesse contexto identitário associado ao ambiente familiar, podemos perceber na fala da Professora M.A, uma narrativa carregada de subjetividades e sentimentos profundos pela área da comunicação e, concomitantemente a isso, uma percepção objetiva da realidade a qual se encontrava e também, das possibilidades futuras, pensando no panorama universitário. Segundo a Professora M.A:

a escolha do meu curso, ela veio muito de uma qualidade que é pessoal minha, que é a comunicação. Eu sou uma pessoa muito comunicativa, eu me considero uma pessoa muito comunicativa. Então, quando eu era criança, eu gostava de brincar de dar aula, eu sempre gostei de brincar de dar aula. Então, as primas, a irmã, todo mundo era meu aluno. Eu gostava de fingir ser professora. Então, uma outra característica particular minha é não ser muito distante da minha família. Eu sou muito família [...] Então, os meus pais perguntaram: tu vai estudar aonde? Tu vai estudar pra Belém? Porque estudar para Belém não tem condições. Como nós somos ribeirinhos, nós sempre fomos ribeirinhos, sempre teve essa limitação quanto a deslocamento.¹⁹

¹⁹ Entrevista concedida pela Professora M.A em 23 de novembro de 2023.

A questão geográfica, portanto, também exerce forte influência em relação a realidade do ensino superior dos estudantes abaetetubenses. Inclusive, trabalhamos no segundo capítulo desta pesquisa, a configuração do município de Abaetetuba, o qual compreende uma quantidade significativa de ilhas e ramais. Nesse interim, assim como a Professora M.A, outros estudantes ribeirinhos também passam pela mesma reflexão antes de escolher um curso universitário e, nem sempre conseguem ingressar ao curso que se identificam, pois o Campus Universitário de Abaetetuba ainda não possui uma variedade de cursos em diferentes áreas do conhecimento, apesar de que deveria e tem muito potencial para receber novos cursos acadêmicos.

Ademais, a escolha do curso de graduação também é influenciada pelas perspectivas de futuro em relação ao mercado de trabalho, pois os indivíduos ingressam na Universidade pensando a longo prazo, em, no mínimo, melhores condições financeiras tanto para si, quanto para a sua família ou pessoas próximas. Assim sendo, a Professora C.C destacou em sua entrevista que

O caminho da docência ainda era um caminho entre aspas, mais fácil para que isso acontecesse, minha mãe era professora, minha mãe foi professora primária mais de 25 anos, se aposentou como professora primária, então, eu tinha também isso, é o que ela dizia: é mais fácil ser professor, é mais fácil para arrumar um emprego. Então, o caminho foi se trilhando dessa forma (...) a partir do que eu tinha em casa que era uma mãe professora, de conhecer o trabalho que um professor exercia e de dizer, de certa forma, gostei.²⁰

Esses relatos corroboram com a premissa de que o Campus Universitário de Abaetetuba exerce funções primordiais ao município abaetetubense, aos seus moradores, as cidades próximas e no horizonte de expectativas dos seus discentes. Ela não se constitui apenas como uma Instituição Pública de ensino superior, ela se torna um porto seguro para novas possibilidades de futuro, principalmente para quem não tem condições de adentrar a uma faculdade privada, por exemplo.

Ao tratarmos a questão da escolha do curso de graduação nas entrevistas, podemos ter a dimensão do quanto as construções sociais, desenvolvidas nesse período de transição ao ensino superior, são pertinentes e coerentes com a trajetória acadêmica dos Docentes Egressos, já que serão o fio condutor até a Docência Universitária. Pensando nisso, podemos enfatizar as experiências dos Professores R.B e E.C, que trabalharam no período de 2018 a 2020, como docentes substitutos no curso de Letras/Língua Espanhola.

²⁰ Entrevista concedida pela Professora C.C, em 29 de dezembro de 2023.

Sendo assim, o Professor R.B nos afirmou em entrevista que “Letras/Língua espanhola [...] era algo que eu me identificava muito na escola, principalmente pela questão cultural, porque essa questão cultural, ela te dá essa dimensão de entender o outro, de respeitar a cultura do próximo”²¹. Assim como ele, o Professor E.C também enveredou suas perspectivas acadêmicas sobre algo que se identificava. Segundo ele, “eu escolhi o curso de língua espanhola primeiramente porque eu tive bons professores de língua espanhola [...] eu achava interessante, uma língua diferente”²². Esses relatos demonstram o poder que uma educação de qualidade pode exercer na vida de uma pessoa e, conseqüentemente, da sociedade na qual ele vive. Profissionais qualificados possuem a capacidade de exercer influência significativa na vida das crianças e jovens, fazendo com que o ciclo da educação sempre tenha condições de se perpetuar. Quanto maiores os investimentos na educação de um modo geral, maiores as chances de uma nação encontrar caminhos para amenizar os problemas sociais e melhorar as condições de vida de seus cidadãos e cidadãs.

Seguindo essa linha de raciocínio, a Universidade se torna o ponto de encontro de diferentes culturas, extrapola as fronteiras curriculares e exerce papel de humanizador das relações interpessoais. Segundo a Professora L.L, ao comentar sobre a sua relação com o curso de pedagogia do Campus Universitário de Abaetetuba, na sua entrevista,

Em 2012, eu comecei a estudar, o curso era noturno, eu sobrevivi na Universidade, de bolsas, mas assim, só depois de uma palestra da acolhida dos calouros que o Professor Waldir Abreu, ele veio explicar o que era o curso de pedagogia, de que forma ele poderia abrir portas, um leque de possibilidades, e disse para a gente viver a Universidade e não somente passar por ela. Ai, eu fiquei com aquela ideia, eu fiquei encantada.²³

A Universidade caminha e vive através dos sujeitos históricos que a constitui. Ela é muito mais ampla do que a sua infraestrutura visível, os seus laboratórios, as suas salas de aula e as suas produções acadêmicas, ela representa o laço construído pelo processo educacional entre seres humanos imbuídos da responsabilidade social de desenvolvimento de seu país, englobando seus familiares, amigos e as futuras gerações.

²¹ Entrevista concedida pelo Professor R.B, em 25 de janeiro de 2024.

²² Entrevista concedida pelo Professor E.C, em 10 de fevereiro de 2024.

²³ Entrevista concedida pela Professora L.L, em 17 de janeiro de 2024.

5.1.2 Universidade: novos sujeitos, novas experiências

Pensar nas relações interpessoais construídas ao longo da formação universitária, é preponderante para a discussão entre Memórias, Identidades e a Cidade. Afinal, todos os entrevistados destacaram, primeiramente, o fato de que não possuíam a dimensão do que a Universidade representava, quanto mais das experiências coletivas que iriam vivenciar.

Quando se trata do incremento de um novo grupo social na vida de um indivíduo, muitos são os aspectos a serem levados em consideração nessa nova relação. Nesse contexto, existem pré-julgamentos, denotações e conotações de um grupo em relação ao outro, estranhamentos que exercem influência no modo de pensar e agir de cada um.

Nessa linha complexa de relações interpessoais, a Memória e a Identidade são inconstantes, imprevisíveis e passíveis de mudanças repentinas. A necessidade de se criar vínculos pode alterar a personalidade de uma pessoa. Os indivíduos se vêm em um processo de busca incessante pela aceitação diante dos olhos do outro. Segundo Michael Pollak,

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (Pollak, 1992, p. 5).

E, nesse processo, o “outro” pode ser alguém de dentro do grupo social do indivíduo, como também de fora. Aqueles que fazem parte do endogrupo, possuem uma proximidade maior entre si, conhecem as características principais uns dos outros, bem como as qualidades e fraquezas de cada um, o que gera, conseqüentemente, uma maior possibilidade de diferenciação analítica se comparado a um julgamento que se faça em relação a membros de um exogrupo, do qual, geralmente, se tem uma visão mais genérica e homogênea. Nesse sentido,

a par com a homogeneização do exogrupo, pode ocorrer uma diferenciação no interior do endogrupo. Aí se incluem os estudos de Marques (1990; Marques & Paez, 1994) sobre o “efeito ovelha negra”, de acordo com o qual, “diferenciamos mais entre si os membros ‘bons’ e os membros ‘maus’ no caso do endogrupo do que no caso do exogrupo” (Marques & Paez, 2002, p.377) (Valentim, 2008, p. 116).

A Universidade é um espaço de interação entre grupos sociais heterogêneos, tanto no que diz respeito à linguagem, aos hábitos, às culturas, às origens étnicas, aos modos de pensar e agir. Naturalmente, há um processo de relações interpessoais e a formação desses endogrupos e exogrupos. Por isso, o Campus Universitário de Abaetetuba deve ser pensado dentro dessas possibilidades de mudança de mentalidades e dos aspectos identitários. As

amizades, portanto, são cruciais nesse entendimento. Sendo assim, ao serem indagados sobre a relevância dos contatos com colegas de curso, os entrevistados destacaram versões diferentes em relação às interações sociais estabelecidas no contexto acadêmico.

Sendo assim, a seguir, apresentamos um quadro com trechos bastante pertinentes dos relatos de memórias dos entrevistados, para que possamos analisar o modo como cada um desenvolveu suas relações interpessoais no contexto acadêmico, o que nos faz refletir sobre os diferentes aspectos que se fazem presentes nessa complexidade social circunscrita no ambiente acadêmico, mas que conta com a influência externa à Universidade também.

Quadro 5 - Amizades construídas

Professora M.A	“a gente ia em grupo conversar e ficava conversando até o professor voltar para a sala para continuar a aula. Então, esse intervalo que a gente tinha junto era o momento da gente conhecer todo mundo, saber de onde vinha, o que fazia, que família tinha, qual era a experiência de vida, então a gente fazia muitas conversas, muitas trocas, muitas trocas! Nesse período.” ²⁴
Professora C.C	“nós tínhamos colegas (...) a nossa turma era de cinquenta pessoas (...) então, nessa nossa turma nós tínhamos 9 pessoas de Igarapé Miri, nós tínhamos 2 pessoas de Barcarena, uma pessoa de Moju e uma pessoa que era da estrada de Beja, e o restante eram todos de Abaetetuba. Mas na nossa turma, tinha uma coisa que era muito legal nós tínhamos 4 pessoas que eram mais, mais, com idade maior do que a nossa, nós éramos juventude convivendo com um grupo de pessoas que eram pessoas (...) com mais idade do que a gente e que já eram professores (...) isso pra nós dentro de um curso de professores, para nós que não tínhamos experiência nenhuma, termos professores já lá, eu acho que era um diferencial para a nossa turma (...) a gente queria aprender com elas , a gente queria elas no nosso grupo de trabalho (...) elas já entendem do que é, da discussão, do que é ser docente, e isso enriquecia muito a gente.” ²⁵
Professora L.L	“eu nunca fui de muitos amigos, porque assim, muitas amizades, muitas mulheres (...) muitas amizades, nunca tive (...) até porque eu penso que o fato dos meus pais terem se separado e eu ter que cuidar da minha irmã muito cedo, isso fez com que uma parte da minha adolescência, uma parte de viver, eu falo que a cor rosa, de patricinha, de tudo aquilo que tu pode viver na tua adolescência, eu tive que puxar uma gaveta e guardar, eu não tive isso, eu tive que amadurecer muito cedo.” ²⁶
Professor R.B	“a partir do momento em que eu tive esse contato com os meus colegas, eu fui conhecendo, por exemplo, histórias de vida diferentes, profissionais diferentes, pessoas que atuavam, eu tinha uma colega que trabalhava nos correios, tinha um outro que trabalhava na gerência de uma cervejaria, tinha um outro que trabalhava na área da contabilidade, tinha um outro que era matemático. Então, cada um, era uma turma bem dinâmica, bem assim (...) bem genérica, como o próprio nome diz, porque tinham histórias de vidas, pensamentos, culturas, muito diferentes umas das outras e que, quando antes de eu entrar na Universidade, eu tinha uma visão do mundo, e quando eu sai da Universidade, durante o curso, eu passei a ter a percepção de uma visão de mundo totalmente diferente daquela a qual eu tinha. Então, a universidade, ela contribuiu muito, não só para a minha profissão acadêmica, para a minha formação profissional, mas também para a minha formação pessoal.” ²⁷

²⁴ Entrevista concedida pela Professora M.A em 23 de novembro de 2023.

²⁵ Entrevista concedida pela Professora C.C, em 29 de dezembro de 2023.

²⁶ Entrevista concedida pela Professora L.L, em 17 de janeiro de 2024.

²⁷ Entrevista concedida pelo Professor R.B, em 25 de janeiro de 2024.

Professor E.C	“a minha turma era uma turma bem diversificada, assim como em qualquer curso de letras, tinha mais mulheres na sala (...) tinham poucos homens na sala, acho que uns 7 ou 8 homens em uma turma de 30. Dessa turma, a faixa etária ia de 18 anos até 52. (...) tinham professoras que já davam aulas para crianças que tinham uns 50 anos ou mais, tinha carteiro, tinha vendedor de bebidas, então, tinha muita gente que já estava há muito tempo no mercado de trabalho com outras profissões e tinha a gente, jovem, que estava chegando agora nesse mundo. Então, na universidade a gente teve muito contato de diferentes idades, de diferentes modos de pensar. Mas por ser uma turma em que todos estavam ali com aquela esperança de (...) tentar descobrir coisas bem novas (...) a gente acabou se ajudando muito.” ²⁸
---------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Relembrando as entrevistas e observando os aspectos levantados pelos entrevistados sobre as relações interpessoais construídas durante a formação universitária, é possível notarmos o quanto essa etapa acadêmica foi inovadora e permeada de conhecimentos específicos e extra curso. Nesse viés, o desconhecido representava até certo ponto, uma insegurança para os sujeitos históricos dessa pesquisa, o fato deles não saberem os passos que teriam de seguir rumo a formação mais adequada, provoca inquietações e angústias. Desse modo, o contato com outros indivíduos, de idades e experiências heterogêneas, permitiu a construção de vínculos sociais e trocas de ideias bastante pertinentes para a consolidação desses estudantes nos meandros do ambiente universitário.

A maioria dos entrevistados abarcou a narrativa de fazerem parte de uma turma diversificada, a qual exerceu forte influência sobre as suas formações profissionais e humanas. Assim sendo, o conhecimento que se adquire na Universidade engloba muito mais do que as disciplinas do curso, mas também as relações estabelecidas cotidianamente com os indivíduos que a compõe. Esses ambientes universitários não podem ser observados isoladamente, apenas como meros reprodutores de teorias clássicas. “Para um filósofo, por exemplo, conhecimento é qualquer instância de um organismo que estabeleça uma relação com o mundo.” (Burke, 2016, p. 18) Portanto, o ato de se estabelecer uma relação com o mundo é o espaço ideal para a propagação do conhecimento. O Campus Universitário de Abaetetuba recebe todos os anos, discentes advindos de localidades distintas, com experiências de vida e em alguns casos, de trabalho, bastante diversificadas. Essas realidades alteram não só a perspectiva das mentalidades de uma turma, mas também na própria maneira como o Docente Universitário trabalhará as suas aulas.

²⁸ Entrevista concedida pelo Professor E.C, em 10 de fevereiro de 2024

Ademais, pensando na perspectiva da relação entre as memórias dos sujeitos entrevistados e a construção de identidades no seio universitário, devemos analisar o fato de que as narrativas suscitadas e citadas no quadro anterior, abordam percepções da realidade passada bastante atreladas a influência da coletividade, ou pelo menos que se pode perceber o impacto das relações construídas ou o porquê de determinadas experiências terem se dado de forma mais individual. Sendo assim,

Podemos portando dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992, p. 5).

A ideia de continuidade nessa lógica de relações interpessoais construídas no espaço acadêmico, é importantíssima para entendermos que o afloramento das identidades é um processo, e como tal, ocorre de maneira gradual, sujeito a flutuações, oscilações e mudanças, tanto porque os indivíduos podem estar sujeitos a influências de fora do grupo acadêmico ao qual está inserido, como pode ter acesso a literaturas que ativem novas possibilidades de reflexão, as quais podem fazer com que uma pessoa afaste-se de outras e crie ou não vínculos com outros grupos, fato que explicita a complexidade das relações sociais.

Esta seção foi criteriosamente pensada, justamente, por envolver a construção de laços sociais entre indivíduos que passaram a conviver em um determinado momento da história, de maneira muito próxima dentro de um mesmo contexto universitário. Além disso, como vimos no segundo capítulo, Abaetetuba é uma cidade do interior e, apesar de seu crescimento nos últimos anos, ainda gera a possibilidade de as pessoas possuírem relações mais próximas.

5.1.3 O Campus e as cidades: relações socioeducativas

A Universidade é uma instituição que precisa estabelecer contatos para além de suas fronteiras regionais e, em especial, a Universidade Federal do Pará deve obrigatoriamente alcançar as realidades federais.

Assim sendo, pedimos aos entrevistados que comentassem a experiência de conhecer outro lugar, as relações estabelecidas com outros estudantes de outros cursos provenientes desses outros municípios, mas acima de tudo, no que esse processo contribuiu para sua formação acadêmica e humana, pensando sob a ótica das identidades construídas. Dessa maneira, pudemos observar a tríade Memórias, Identidades e as Cidades, sendo construída a partir das narrativas dos entrevistados.

Dessa maneira, assim que os entrevistados começaram a tecer suas falas, conseguimos perceber tanto no modo como eles falavam, como também nos pontos que eles mais destacaram, que a Universidade passou por um longo período de dificuldades para expandir as suas fronteiras cidadinas em relação a facilitação das relações dos seus estudantes com outras realidades acadêmicas. Esse processo, seguindo apenas os relatos dos entrevistados, se deu em um período que vai da década de 1990 até meados de 2016. O quadro a seguir, apresenta trechos das narrativas de memória dos Docentes Egressos a esse respeito:

Quadro 6 - Universidade e os municípios: dificuldades

Professora M.A	“Eu lembro da gente ter participado do EPEL, EPEL/EREL que é um evento bem comum (...) a gente foi participar desse evento em Castanhal, eu lembro durante a graduação e a turma toda não conseguiu ir.” ²⁹
Professora C.C	“essa professora propôs pra gente que a gente fizesse uma feira sobre a LDB. Nós fizemos aqui em Igarapé Miri e nós fizemos em Abaetetuba porque eram os lugares que tinham mais alunos e talvez tinha mais condição para fazer isso.” ³⁰
Professora L.L	“choque cultural” ³¹
Professor R.B	“nós fomos a Belém, apresentar trabalhos, participar de congressos, fomos a Castanhal também, fazer participação de eventos. A grande questão é que na época ainda, no ano de 2010 mais ou menos ali, nós ainda não tínhamos uma abertura muito grande, a UFPA ainda não tinha toda essa estrutura que ela tem hoje [...] naquele tempo a gente ainda custeava com o nosso próprio dinheiro, quem trabalhava.” ³²
Professor E.C	“a nossa turma de espanhol 2010, a gente viajou pouco. Nós viajamos pouco para outros municípios”. ³³

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

M.A, que estudou no período intervalar entre 2012 e 2016, destacou que durante o ano, quando não estavam em aula, eram poucos os estudantes da sua turma, que participavam de eventos da Universidade, até porque não havia muitas possibilidades para isso, seja pelas questões financeiras, seja pelo próprio conhecimento de como esses eventos funcionavam. Ademais, quando as disciplinas eram ofertadas, o ensino era integral, compreendendo manhã e tarde, e havia, portanto, uma concentração muito maior nas teorias e trabalhos, do que

²⁹ Entrevista concedida pela Professora M.A em 23 de novembro de 2023.

³⁰ Entrevista concedida pela Professora C.C, em 29 de dezembro de 2023.

³¹ Entrevista concedida pela Professora L.L, em 17 de janeiro de 2024.

³² Entrevista concedida pelo Professor R.B, em 25 de janeiro de 2024.

³³ Entrevista concedida pelo Professor E.C, em 10 de fevereiro de 2024.

propriamente nas possibilidades de se visitar outros centros acadêmicos visando um compartilhamento de experiências com outras localidades.

C.C, que estudou no Campus na década de 1990, relata inúmeras dificuldades quanto as possibilidades de se visitar outras cidades através da Universidade. Ela destaca que essa carência inclusive, dificultava aos discentes o entendimento da dimensão que o Campus representa, influenciando inclusive nos primeiros anos de graduação, na perspectiva das identidades enquanto estudantes de ensino superior. Ademais, a sua turma com auxílio de professores, sob o contexto ao qual estavam inseridos, com poucas possibilidades de conhecerem novas realidades acadêmicas, teve de realizar as suas próprias feiras universitárias para contemplar essa questão.

L.L, que participou de grupos de pesquisa durante a sua graduação, relata que ao começar a estudar a pós-graduação na UFPA, em Belém, se deparou com muitas realidades distintas das experiências que teve enquanto estudante do Campus Universitário de Abaetetuba, tanto em relação às questões acadêmicas, quanto aos costumes e hábitos dos estudantes da capital. Havia nesse processo, uma discrepância muito grande entre as realidades, no que ela resumiu em “choque cultural.”

Por fim, podemos relacionar as narrativas de R.B e E.C, ambos da turma de Espanhol 2010. Eles destacam as dificuldades econômicas de se viajar para outras cidades naquele período da história do Campus Universitário de Abaetetuba. Sendo assim, as viagens que esses alunos conseguiram realizar foram pagas por eles mesmos e isso fez com que organizassem poucas viagens naquela época.

Todo esse levantamento de narrativas nos leva a pensar também na dinâmica da relação do Campus com a Cidade de Abaetetuba, seguindo o contexto da trajetória dos sujeitos entrevistados. Nesse interim, a maior parte das atividades acadêmicas que eles desempenharam antes da Docência Universitária e, nesse panorama, durante a graduação principalmente, se deram no espaço citadino abaetetubense.

Feiras acadêmicas, apresentações de trabalho, atividades extracurriculares e a maior parte das interações acadêmicas aconteciam no ambiente citadino abaetetubense, pois a Universidade ainda carecia de possibilidades de custear viagens a outros municípios tanto na década de 1990, quanto nos primeiros anos da década de 2010.

Portanto, podemos perceber na fala dos entrevistados que todo esse processo de dificuldades, foi preponderante para eles pensarem em como exercer a profissão de professores após a formação que estavam tendo à época. O fato de entenderem que a Universidade, bem como os seus profissionais podem desempenhar um trabalho ainda melhor

do que estavam executando, pensando a longo prazo, foi combustível para o afloramento das identidades desses sujeitos, que passaram a ser pessoas engajadas em perpetuar a principal premissa do mundo do conhecimento, que é a formação humana e social em primeira perspectiva, deixando a profissionalização como consequência de uma boa formação universitária.

5.1.4 Aspectos identitários: a trajetória acadêmica dos Docentes Egressos

Esta seção é consideravelmente importante e pertinente para a presente pesquisa. A discussão sobre as possibilidades que as memórias de um sujeito histórico podem suscitar no afloramento das identidades, encontra nas narrativas dos indivíduos entrevistados um núcleo dinâmico e propício para a compreensão da complexidade que as experiências interpessoais causam na vida de um ser humano. Assim sendo,

A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades (Bosi, 2003, p. 15).

A subjetividade é inerente às trajetórias dos seres humanos. Somos seres oscilantes, inconstantes e passíveis de mudanças comportamentais conforme o contexto ao qual estamos inseridos, bem como as perturbações às quais podemos entrar em contato no âmbito social. Nesse viés, quando se realiza uma entrevista, devemos partir do pressuposto que o entrevistado abordará em sua fala, apenas os aspectos que mais se destacaram da sua experiência, o que não quer dizer, a totalidade dos fatos, até porque existem questões sensíveis nesse contexto, as quais são silenciadas.

Os relatos permitem a evocação de memórias de acontecimentos passados que, em muitas situações, não se encontram em documentos oficiais ou outros tipos de fontes históricas. Portanto, o pesquisador ao gravar as narrativas e depois transcrevê-las se vê diante de um material riquíssimo e, concomitantemente, bastante complexo. É de uma responsabilidade muito grande a premissa interpretativa de quem vai analisar esse material. Afinal, tudo aquilo que foi dito, passou por um filtro das memórias de um sujeito e, posteriormente, será analisada e relacionada com os objetivos de uma pesquisa. Esse processo, automaticamente, cria um conjunto de entendimentos e interpretações que, por mais que estejam relacionados à fala do entrevistado, sofrerá pequenas mudanças no modo como é dita. Nesse sentido,

Henri Atlan, estudando os sistemas auto-organizadores, aproxima "linguagens e memórias"; "A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória" [1972, p. 461] (Le Goff, 1994, p. 425).

Por mais que as narrativas orais representem uma possibilidade de pesquisa bastante complexa e enriquecedora, ela é uma fonte histórica assim como as outras, salvo suas peculiaridades. E como tal, deve ser analisada sob um contexto histórico, uma determinada circunstância atenuante.

Quando buscamos construir uma interpretação sobre as identidades de uma pessoa através da análise de suas narrativas de memória de um tempo distante, estamos adentrando ao mundo das subjetividades daquele indivíduo. Nesse caminho, encontramos marcas, traumas, alegrias, bons e maus momentos, fatos que ele ou ela guardou na memória como aprendizado e outros pensamentos que o sujeito prefere deixar armazenado nos meandros do seu subconsciente.

Pensando nisso, a partir deste momento passaremos a observar e analisar alguns trechos dos relatos de memórias dos Docentes Egressos, em que eles tratam do afloramento de suas identidades durante as suas trajetórias acadêmicas até à contemporaneidade. Não temos a pretensão de aprofundar todas as perspectivas abordadas por eles, até porque não teria espaço para essa premissa no presente trabalho, mas propomo-nos a problematizar as questões centrais que tiveram impacto na formação identitária desses sujeitos durante o percurso acadêmico que eles destacaram em suas falas.

Em primeiro plano, destacamos a premissa básica que todos os Docentes Egressos entrevistados nos relataram as dificuldades iniciais do período de transição do ensino médio à Universidade. Muitas eram as questões imbricadas nos pensamentos dessas pessoas no momento de escolha do curso de ensino superior, bem como o próprio entendimento da amplitude e dimensão do que o ingresso no Campus de Abaetetuba poderia representar para eles e elas, no futuro.

Dos cinco indivíduos entrevistados, quatro são de Abaetetuba, sendo duas Professoras advindas das ilhas (Município) e dois Professores da Cidade; e uma Professora da cidade de Igarapé-Miri. Por isso, a tríade Memórias, Identidades e a Cidade é tão presente e representa o alicerce da presente pesquisa. Esses três conceitos relacionam-se constantemente nas falas dos entrevistados. As adversidades encontradas pelo percurso que cada um tinha de fazer para chegar a UFPA Campus de Abaetetuba, tanto em relação ao transporte, quanto às questões

econômicas fazem parte dos cenários construídos por esses sujeitos na evocação de suas memórias.

A formação de novas identidades, pensando nas perspectivas abordadas pelos entrevistados, passou pela questão de um incremento de novas percepções às identidades pré-existentes desses indivíduos. Todos partiram da premissa de que poderiam mudar de vida com o ingresso no ensino superior, pois isso representaria a inserção no mercado de trabalho a posteriori. Porém, não imaginavam o quão complexa e enriquecedora seria a trajetória na Universidade, o quanto as experiências e os novos conhecimentos poderiam ter moldado as suas visões de mundo.

Assim sendo, a M.A mencionou o dilema que viveu na graduação por ser ribeirinha e estar estudando Letras/Língua Portuguesa. Até então, em meados de 2010 a 2016, por exemplo, ainda havia um preconceito muito grande no ambiente citadino, principalmente, com a linguagem usada por pessoas advindas das ilhas e ramais do município de Abaetetuba, o que causava muita insegurança aos ribeirinhos. Obviamente, não se pode dizer que esse processo deixou de acontecer, porém, nos últimos anos, percebemos que houve uma diminuição desses preconceitos, mesmo que ainda de forma tímida. Portanto, a angústia da Professora era algo que a preocupava, mas que também, foi um incentivo para estudar e se aprofundar cada vez mais no curso, justamente, para que ela pudesse desconstruir essas falas equivocadas no ambiente social ao qual estava inserida. Desse modo, segundo ela,

eu lembro que uma das disciplinas que mais me marcou no meu curso foi a sóciolinguística, eu gostei muito da disciplina de sociolinguística. (...) Foi lá nessa disciplina que a gente fala dos preconceitos linguísticos, foi quando me tocou no sentido pessoal porque devido eu ser ribeirinha, existe muito essa questão, esse preconceito linguístico de achar que as pessoas das ilhas, elas falam errado né? (...) Eu lembro que quando chegou nessa disciplina que a gente foi ver que na verdade, a língua ela não tem uma regra, existe a comunicação. Existem variações e não erros, isso me tocou muito, de forma pessoal. Então, foi quando (...) Isso mexeu muito na minha identidade, porque até então, eu tinha um conflito com a minha origem. Eu tinha um conflito entre [es]tá na Universidade estudando letras e ser ribeirinha. E depois dessa disciplina, eu passei a valorizar muito a minha raiz.³⁴

A realidade da M.A reflete também as vivências de outros estudantes ribeirinhos que a Universidade recebe todos os anos. É uma nova adaptação, são novos desafios, novas circunstâncias e muito aprendizado para os discentes. Nesse contexto, essa profissional conseguiu extrair daquela experiência conhecimentos que ultrapassaram o limiar das

³⁴ Entrevista concedida pela Professora M.A em 23 de novembro de 2023

disciplinas acadêmicas, culminando em uma formação humana e social únicas, singulares e profundamente impactantes para as suas identidades.

Ademais, a C.C também vivenciou muitas adversidades nos primeiros anos de sua trajetória no ensino superior como estudante. Ela dependia do auxílio dos pais para se deslocar de Igarapé-Miri a Abaetetuba, como também da questão da alimentação. Além disso, ainda havia os gastos com os materiais acadêmicos. Nesse contexto, a Professora destaca a importância de, durante a graduação, ter tido a experiência de dar aulas e se tornar uma professora formadora. Esse fato fez com que ela tivesse um conhecimento prático da docência que poucos da sua turma conseguiram ter. Sendo assim, segundo ela,

em 1996 (...) eu precisava ir todo dia para Abaetetuba, eu precisava pagar passagem, cuidar dos textos. Então, a minha mãe era professora, meu pai era construtor naval (...) financeiramente era muito difícil, você viajar todo dia, se alimentar, voltar. Então, inicialmente eu dava aula de reforço (...) para pagar pelo menos a passagem (...) e aí, em 1998, como eu te falei, tinha uma professora que era daqui que trabalhava no estado, né? Que era daqui da nossa turma. Ela era vice-diretora de uma escola. E aí, uma professora da escola se aposentou e aí, ela pediu para a diretora (...) que conseguisse um contrato pra mim, porque eu precisava (...) em 1998, eu fui contratada pelo estado ainda como estudante, numa categoria que eles chamavam de professor estudante. [...] metade do meu processo formativo todinho foi nesse percurso de trabalhar e estudar. Agora teve um diferencial em 1999 e 2000, teve um diferencial (...) eu passei a ser professora dos cursos de magistério sem ter terminado a pedagogia, mas eu já era professora formadora (...) metade desse meu percurso foi essa vivência de docência e de formação ao mesmo tempo. Mas, Matheus, eu te confesso que por exemplo, muito mais numa linha tradicional de educação, embora, eu [es]tivesse dentro da universidade, eu não conseguia. P[a]ra mim, era um abismo muito grande aquilo que eu estudava e a vivência que eu tinha da escola.³⁵

Ao analisar a narrativa da C.C, conseguimos perceber o quanto o conhecimento prático, a vivência em sala de aula, bem como as oportunidades dentro do âmbito educacional que se apresentam na trajetória do estudante universitário, são preponderantes para sua formação profissional e pessoal. Afinal, esses indivíduos têm contato com realidades distintas das que normalmente são abordadas pelos livros de teóricos da educação, principalmente quando tratamos da educação amazônica, a qual possui suas especificidades e contextos. Nesse viés,

a cientificação é, muitas vezes, se não sempre, uma elaboração de práticas cotidianas como observação, descrição e classificação, tornando-as mais precisas, porém, ao mesmo tempo, mais distantes da experiência da vida comum. O processo às vezes é denominado “disciplinação” (Burke, 2016, p. 44).

Quando se trata de narrativas de memórias de profissionais da educação, em especial de Docentes que possuem formação universitária na mesma Instituição, nos deparamos com

³⁵ Entrevista concedida pela Professora C.C, em 29 de dezembro de 2023.

abordagens que seguem a perspectiva do aprendizado diante das adversidades dos cursos. Nesse viés, como vimos nas seções anteriores, esses indivíduos apenas conseguiram compreender a dimensão e amplitude do papel da Universidade durante os anos que passaram a vivenciá-la.

Assim sendo, a fala da L.L, por exemplo, deixa bem claro o processo que os discentes passam para criar uma relação de aproximação com o contexto acadêmico, ultrapassando as fronteiras de um conhecimento disciplinar universitário isolado. São muitos aspectos inerentes ao espaço acadêmico e que têm influência direta, até mesmo, na continuidade ou não do estudante nos estudos do ensino superior. Nesse interim, segundo a L.L,

Pouco a pouco, Matheus, as minhas identidades foram se construindo, se modificando, eu fui ali tendo, é um momento de transição, porque você sai do interior, ali você começa a transitar na cidade noturna, até porque nós temos a cultura de que mulher não anda s[ozinha] à noite nas ruas.³⁶

Nesse relato da L.L, ela destaca a mudança radical de sua rotina quando passa a estudar Pedagogia no Campus Universitário de Abaetetuba. Essa profissional é advinda do interior do município de Abaetetuba, de uma localidade chamada Ramal do Maranhão, bastante distante do ambiente citadino. Ademais, existia nesse contexto, uma diferença considerável entre estudar em um local, no qual o indivíduo possui uma identificação desde a infância, está devidamente ambientado com uma dada realidade, e o Campus Universitário, com o seu espaço totalmente novo para aquele sujeito, com o convívio com discentes, docentes e outros profissionais heterogêneos tanto no sentido de origem étnica, quanto culturalmente. As influências são exercidas sob diversas direções, aspectos, ideologias e perspectivas.

Nesse sentido, tabus são quebrados, preconceitos são problematizados, dificuldades são destacadas, habilidades afloram e todos esses aspectos moldam e dão propulsão a novas identidades. O estudante, a partir do momento em que começa a vivenciar as experiências do ensino superior, ele está sujeito a diversos tipos de interferências, não há como falar em Universidade, sem abordar essas influências, já que é o espaço propício para a mudança de perspectivas e de possibilidades de expansão e aprofundamento de novos conhecimentos. O indivíduo ingressa à Universidade com uma mentalidade e sai dessa instituição com ideias distintas, alguns em maior intensidade e outros com uma menor proporção, porém, todos passam por experiências e identidades novas. “A identidade somente se torna uma questão

³⁶ Entrevista concedida pela Professora L.L, em 17 de janeiro de 2024

quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza" (Mercer, 1990, p. 43 *apud* Hall, 2006, p. 9).

Seguindo esse raciocínio das interferências do meio acadêmico no afloramento de novas identidades, podemos observar nas narrativas do R.B e do E.C, aspectos que deixam bem claro o quanto o conhecimento e as experiências acadêmicas foram fundamentais para a mudança de perspectivas, de pensamento e comportamento desses profissionais ao longo do curso de graduação, bem como posteriormente a esse período. Nesse sentido, o E.C destacou “quando eu entrei na universidade, eu fui entendendo a cultura dos outros lugares, a minha cultura”³⁷. Ao dizer essas palavras, ele estava contextualizando não somente a diversidade do povo amazônico, mas também dos indivíduos latino-americanos inseridos nos espaços educacionais. Outrossim, abordando o mesmo contexto, o R.B destacou

essa minha identidade, ela foi se construindo. Eu tinha uma certa identidade. Eu tinha certos valores, algumas certas crenças. Eram coisas que eu acreditava. E a partir do curso, eu acabei desconstruindo essas identidades e construindo ou reconstruindo novas identidades relacionadas não só ao idioma em si, mas principalmente a valores, a crenças, até mesmo a questão de religião.³⁸

Os professores destacaram que o curso de Letras/Espanhol possibilitou novos olhares, interpretações, bem como um conhecimento de mundo totalmente distinto do que eles possuíam anteriormente ao ingresso na Universidade. Essa experiência fez com que eles criassem uma relação de pertencimento com a Universidade, com a cidade e a América Latina, ao passo que começaram a entender que todos os brasileiros também são, segundo as palavras dos dois professores, “latino-americanos” compartilhando culturas, hábitos, tradições e não somente fronteiras territoriais.

Portanto, compreendemos nesta seção, o quanto as identidades estão sujeitas a mudanças de acordo com as interferências e influências coletivas e os impactos das ideologias em relação às individualidades. Entendemos que na dinâmica da interpretação das narrativas de memórias, é necessário muita atenção, empatia e observação atenta aos contextos sociais aos quais os indivíduos estão inseridos. Quando se trata de memórias, as experiências são apresentadas de diferentes maneiras cada vez que essas memórias precisam ser evocadas. O ser humano é passível a mudanças repentinas ou influenciadas por traumas do passado ou grandes acontecimentos. As subjetividades dos sujeitos, bem como dos grupos sociais aos quais eles pertencem, criam uma rede complexa de relações interpessoais que moldam

³⁷ Entrevista concedida pelo Professor E.C, em 10 de fevereiro de 2024

³⁸ Entrevista concedida pelo Professor R.B, em 25 de janeiro de 2024

comportamentos e criam aspectos identitários, tudo isso em um espaço circunscrito aos ambientes e realidades específicas de cada Cidade.

5.1.5 A experiência como Docente Egresso do Campus Universitário de Abaetetuba

Nesse momento, chegamos a uma etapa profundamente importante que são os relatos de memórias das experiências construídas pelos Docentes entrevistados, como profissionais do Campus Universitário de Abaetetuba, com suas peculiaridades, vivências, aprendizados e reflexões. Um período ímpar na vida desses sujeitos históricos e um grande passo da Universidade, que vê o seu trabalho de formação gerar retorno à sociedade.

Durante a pesquisa de campo, no contato com os entrevistados, pude perceber o quanto aqueles indivíduos estavam satisfeitos em expor seus relatos de experiência. Havia naquele contexto, sentimentos como amor ao conhecimento, gratidão, realização profissional e principalmente, a sensação de aprendizado em um patamar nunca experimentado por eles, algo realmente marcante e que inspira a sociedade como um todo.

A docência universitária para os entrevistados e para a Universidade Federal do Pará, representa a preponderância de todo o trabalho desempenhado durante décadas. A afirmação do ensino superior paraense, a expansão do conhecimento acadêmico e a consolidação do objetivo maior da interiorização do Campi da UFPA, que é a Universidade gerar frutos para o desenvolvimento social. Nesse sentido, para se ter um panorama desse retorno que a Universidade proporciona à cidade, levantamos um dado relevante dentro desse processo. No ano de 2023, o Campus Universitário de Abaetetuba contava com 8 docentes egressos³⁹, incluindo Professores Efetivos e Substitutos, atuantes tanto na graduação quanto na pós-graduação. Ademais, podemos incluir a esse número a Professora M.A, que além de técnica, também é Docente Egressa do Campus pelo fato de dar aulas no Projeto LIBRAS na comunidade do Campus Universitário de Abaetetuba, aumentando, dessa maneira, esse número para 9 Docentes Egressos no ano de 2023.

Responsabilidade é uma palavra que deve estar enraizada nos compromissos da Universidade, pois ela garante às futuras gerações um ensino e aprendizagem de qualidade e acessível a todas as classes sociais. Todos os campi merecem a devida atenção e os investimentos necessários em todos os seus aspectos, sejam eles infraestruturais (laboratórios de pesquisa, salas de aula equipadas com projetores multimídias, ventilação e materiais

³⁹ Fonte: CPGA-DIGEP

adequados, espaços de socialização) sejam eles acadêmicos (cursos extracurriculares, novos cursos de graduação e pós-graduação, aperfeiçoamento profissional docente).

Todas essas questões levantadas fazem parte do contexto dos diálogos estabelecidos com os docentes entrevistados, no que tange ao compromisso deles e da Universidade com a sociedade civil, mas também de todas as esferas públicas e privadas com a educação no Brasil. Sendo assim, adentraremos a partir deste momento, as principais perspectivas abordadas nas narrativas de memórias dos sujeitos históricos entrevistados.

Conforme o processo de transcrição das entrevistas, ouvindo atentamente os áudios, bem como lembrando de cada diálogo estabelecido, percebemos que todos os Docentes Egressos se empenharam bastante para levar o melhor do ensino acadêmico para as suas turmas. Eles destacaram as adversidades do período em que eram estudantes, tanto estruturais quanto acadêmicas, e, portanto, quiseram que seus discentes experimentassem uma experiência bem mais tranquila academicamente, porém, entendendo que a educação no nosso país enfrenta muitas dificuldades e que elas precisam de atenção e cuidados.

Um dos aspectos mais interessantes levantados pelos Docentes foi a ampliação dos olhares e das mentalidades de seus discentes através das experiências estabelecidas em cada disciplina. A C.C e a L.L, que são pedagogas, realizaram atividades interdisciplinares com seus alunos, o que foi uma grande novidade nas experiências daqueles discentes. Sobre esse processo, a C.C afirmou

eu participo de um projeto que é chamado Residência Pedagógica em que a gente atua em cinco escolas do município de Abaetetuba. Então, a gente mantém uma relação de trabalho com os alunos da pedagogia e d[o] [curso] [de] letras, que é interdisciplinar para projetos de alfabetização na escola, então, a gente envolve professores, alunos gestores, e a gente está com esse projeto, ele encerra em abril, ele é um ano e seis meses, é um projeto da CAPES né? De residência pedagógica.⁴⁰

No caso específico da L.L, por exemplo, ela trabalhava disciplinas pedagógicas com as turmas de Matemática, promovendo debates inimagináveis para os calouros daquele curso de graduação, como trabalhos relacionados a autores das ciências sociais como Marx, Vygotski, Paulo Freire. Nesse viés, a L.L destacou “Você ajuda esses alunos a pensar, a pensar mais humanizadamente.”⁴¹

Além disso, podemos destacar a experiência da M.A com a comunidade surda através da Divisão de Acessibilidade (DAC). Ela não somente desempenha suas funções de intérprete e de tradutora da Língua Brasileira de Sinais, mas também ensina os discentes do Campus de

⁴⁰ Entrevista concedida pela Professora C.C, em 29 de dezembro de 2023.

⁴¹ Entrevista concedida pela Professora L.L, em 17 de janeiro de 2024

Abaetetuba, de diversos cursos, a LIBRAS e a como se comportar no diálogo com uma pessoa surda. Essas aulas acontecem através do Projeto LIBRAS na Comunidade, desenvolvido pela DAC e ministrado pela M.A e a Professora Madalena, cumprindo com um papel salutar de inclusão e ampliação dos aspectos educacionais direcionados à pessoa surda. Nesse sentido, segundo a M.A

Nesse curso nós atuamos como docentes (...) eu gosto muito de trazer o meu lado, eu me envolvo no trabalho que eu faço, eu nunca consigo fazer isso só profissionalmente né? Eu sempre me envolvo de forma pessoal no meu trabalho. Então, nas aulas de língua de sinais que eu dou nesse curso, eu sempre busco fazer essa reflexão com os alunos em relação a condição da pessoa surda, em relação ao nosso olhar em relação ao outro (...) ensinar o principal motivo de a gente aprender a Língua de Sinais, que não é só por aprender um outro idioma, mas saber usar isso em um contexto social e que a gente [es]tá vendo o aluno surdo tentando avançar, então [para] nós professores, aprender a língua de sinais é pensar no desenvolvimento daquele aluno, é usar a língua de sinais para o desenvolvimento dele, não só para o nosso currículo.⁴²

Esse relato da M.A, resume muito bem o sentimento de se dar aulas no contexto universitário. Ela, como vimos nas seções anteriores, é advinda das ilhas do município de Abaetetuba e durante a sua graduação passou por dilemas relacionados aos preconceitos que a sociedade tem com as variações linguísticas. Assim sendo, o fato dela ter encontrado no estudo da Língua de Sinais uma realidade ainda mais adversa dentro da sociedade em relação às limitações que a pessoa surda sofre em relação à comunicação, fez com que sua identificação com a profissão que exerce no Campus de Abaetetuba, fosse ainda mais acentuada e, além disso, houve uma relação de empatia dessa profissional com a comunidade surda, possibilitando um trabalho ainda mais desenvolvido e atento a todas as questões educacionais adequadas à pessoa surda. Ela se envolve profissionalmente e pessoalmente com o seu trabalho, abordando aspectos acadêmicos, mas principalmente humanos e sociais nas funções que exerce.

Outrossim, o R.B e o E.C relataram experiências incríveis com as turmas de Espanhol das quais foram docentes. O entusiasmo e a nostalgia fizeram parte das subjetividades desses profissionais ao retornarem ao Campus de Abaetetuba na condição de professores. Isso também, serviu de combustível para a elaboração e execução de aulas dinâmicas, interativas e diferenciadas com aqueles estudantes, seja na apresentação de trabalhos intraclasse, como também extraclasse, possibilitando, dessa maneira, a expansão de novos olhares sobre os

⁴² Entrevista concedida pela Professora M.A em 23 de novembro de 2023

estudos relacionados a uma língua estrangeira e o quanto esse processo reverbera na América Latina. Segundo o R.B

Nós fazíamos algumas feiras hispânicas aqui mesmo no Campus (...) teve impacto social muito grande, porque o vídeo que eles produziram sobre a realidade de Abaetetuba, fazendo essa comparação com a realidade latino hispano-americana é, ele foi levado até a secretaria de educação para que a secretaria de educação também tivesse conhecimento que aqui nós temos um curso de Espanhol. (...) esse projeto poderia ser aplicado nas escolas, para que as crianças lá pudessem aprender (...)⁴³

A questão da comunicação, portanto, foi um elo preponderante nas discussões dos Docentes Egressos, pois permitiu uma aproximação entre Professor e Alunos, mas também possibilitou abordagens metodológicas contempladoras das diversidades socioculturais da sociedade brasileira latino-americana, conforme disse o E.C, “a gente (...) fazia evento, sarau, fazia desfile, um monte de coisa no curso”⁴⁴.

O compartilhamento dessas experiências permite-nos observar a complexidade de relações estabelecidas dentro dos ambientes acadêmicos. O modo como o professor trabalha as disciplinas e a maneira como esse profissional lida com o seu público discente influencia diretamente na formação profissional e humana dos estudantes, criando dessa forma, laços de memórias que farão parte da trajetória de todos os envolvidos nesse processo educacional. Assim, a memória coletiva (Halbwachs, 1990) dentro de um Campus como o de Abaetetuba, se desenvolve e permite o afloramento de identidades.

Além de todas essas questões identitárias, culturais e educacionais, há um processo importante inserido nesse panorama universitário abaetetubense, que é a questão da “Cidadinidade” (Ver capítulo 3), conceito trabalho por Agier (2011). Sendo assim, dentro das premissas abordadas pela “Cidadinidade”, mais especificamente os seus quatro pilares, o aspecto da Situação Ordinária é o que mais se adequa ao contexto da relação entre os Docentes Egressos e o Campus Universitário de Abaetetuba. Nesse viés, esses professores criam vínculos profissionais e, concomitantemente, pessoais com o seu local de trabalho, que é a Universidade, mesmo que os períodos de intensidade dessa relação possam sofrer alterações futuras. Simultaneamente a isso, há uma intensa ligação entre esses indivíduos e a sociedade, a qual é representada pelos seus discentes, bem como toda a comunidade acadêmica e não acadêmica inserida na área de influência universitária. Portanto, os Docentes Egressos, seguindo essa lógica, representam um importante elo entre o Campus Universitário de Abaetetuba e a população abaetetubense.

⁴³ Entrevista concedida pelo Professor R.B, em 25 de janeiro de 2024.

⁴⁴ Entrevista concedida pelo Professor E.C, em 10 de fevereiro de 2024.

Percebemos nesta seção que o ambiente educacional universitário deve ser vivenciado em todos os seus aspectos. Não há como prever as experiências que acontecerão no curso de graduação, nas viagens acadêmicas, nos eventos educacionais ou como será a relação com os colegas de turma e professores.

O mundo do conhecimento científico é recheado de efemeridades, reconstruções e aprendizados. Esse processo gera mudanças de mentalidades e isso faz com que os indivíduos mudem os seus pontos de vista, se desvinculem de ideias pré-estabelecidas e construam novas identidades. Essa lógica se insere com maior ou menor intensidade de acordo com cada realidade social, com as especificidades das Instituições de Ensino Superior e suas relações com as cidades nas quais encontram-se presentes.

A sociedade brasileira, em especial a amazônica sofre cotidianamente com problemas decorrentes da ausência de uma educação democrática de qualidade tanto nas Instituições quanto nos próprios ambientes familiares. Apesar de todas as ações das Universidades, ainda há um déficit gigantesco em diversos setores educacionais e que reverberam nos comportamentos dos indivíduos nas Cidades, culminando em graves problemas sociais como a violência, a falta de segurança pública, crises financeiras, analfabetismo, corrupção generalizada, crise na saúde pública e ignorância política, por exemplo. Nesse contexto, a sociedade contemporânea vive com inseguranças e está vulnerável a diversas problemáticas que podem afetar a sua saúde física e mental. Sendo assim,

Viver diariamente com o risco da autorreprovação e do autodesprezo não é fácil. Com os olhos postos em seu próprio desempenho – e portanto desviados do espaço social onde as contradições da existência individual são coletivamente produzidas -, os homens e mulheres são naturalmente tentados a reduzir a complexidade de sua situação a fim de tornarem as causas do sofrimento inteligíveis e, assim, tratáveis. (Bauman, 2021, p. 52)

Esse processo torna a Universidade ainda mais relevante à sociedade. Uma vez que ela forma cidadãos e profissionais para trabalharem em diversos setores sociais, ela também contribui para a redução das dificuldades que a ignorância provoca. O conhecimento deve ser o alicerce que sustenta o corpo social, ele garante a mulheres e homens a segurança ou pelo menos um horizonte de expectativas profícuas em relação ao futuro em uma sociedade inconstante e passível de mudanças.

Portanto, o trabalho dos Docentes Egressos é fundamental justamente, por contemplar e discutir questões salutaras ao nosso país, bem como aspectos preponderantes para lidar com a complexidade dos problemas sociais. Mesmo que ainda seja um processo em construção,

que precise de maiores investimentos, os resultados do ensino superior estão fazendo a diferença nas Cidades Brasileiras e devem ser valorizados cotidianamente.

5.2 Relatos da Coordenação do Campus Universitário de Abaetetuba

As entrevistas com os Docentes Egressos contribuíram significativamente para o enriquecimento da presente pesquisa, tanto no sentido educacional quanto social. Os relatos de memórias desses sujeitos levaram-nos a compreender ou pelo menos entender diferentes realidades e o quanto a educação pode contribuir na vida de um ser humano. As experiências destacadas em cada entrevista são a prova que o Campus Universitário de Abaetetuba vem desempenhando cada vez mais, desde o ano de 1987, o seu papel de espaço acadêmico formador de grandes profissionais e mais do que isso, indivíduos comprometidos com o desenvolvimento social, principalmente através dos meandros do processo de ensino e aprendizagem tão salutares e necessários para o Brasil e o Mundo.

Seguindo essa linha de raciocínio, faz-se necessário nesse momento, aprofundarmos essa compreensão sob o ponto de vista de outros atores inseridos nesse processo. Afinal, quando abordamos a temática educacional, devemos levar em consideração as diferentes perspectivas dos indivíduos que fazem parte de um determinado contexto educativo. Assim sendo, as questões mencionadas nas narrativas de memórias dos Docentes Egressos precisam de outros olhares e interpretações de profissionais da educação ou pessoas que fazem parte dela, para um maior aprofundamento da lógica da educação universitária.

Pensando nisso, a partir desse momento, passaremos a destacar as perspectivas e premissas de dois sujeitos diretamente atrelados à educação no município de Abaetetuba e que são importantes elos entre o Campus Universitário de Abaetetuba e os cidadãos. Nesse viés, entrevistamos entre os meses de julho e agosto de 2024, a ex-coordenadora do Campus Universitário de Abaetetuba, Professora A.M, o atual vice coordenador do Campus Universitário de Abaetetuba, professor R.S.

Assim como a escolha dos Docentes Egressos foi criteriosamente definida, pensando na interdisciplinaridade, a seleção das demais fontes orais também seguiu uma linha de raciocínio estratégica para poder complementar a pesquisa, mantendo a construção de um trabalho baseado nas premissas de diferentes áreas do conhecimento. Nesse interim, entendemos que a presente pesquisa necessitava de uma visão da Coordenação do Campus, já que esse setor é fundamental para o entendimento de toda a lógica organizacional e o próprio papel da Universidade na cidade.

Nessa etapa do presente capítulo, trabalharemos as perspectivas levantadas pela coordenação do Campus, atreladas ao processo de compartilhamento do ensino acadêmico universitário abaetetubense ligado ao Campus Universitário de Abaetetuba. Nesse viés, dois aspectos são fundamentais para a compreensão das narrativas orais desses sujeitos: a identidade e a cidade, sendo que eles estão intimamente associados as interpretações oriundas das memórias desses sujeitos. Sendo assim, distribuimos a análise das entrevistas através dos seguintes tópicos: Campus Universitário e Abaetetuba: Importância e Desafios; Universidade e Identidades Abaetetubenses; Universidade e Abaetetuba: Perspectivas.

5.2.1 Campus Universitário e Abaetetuba: Importância e Desafios

Entendendo o Campus Universitário de Abaetetuba como uma Instituição bastante relevante educacionalmente, socialmente e economicamente para a região do Baixo-Tocantins, devemos levar em consideração que ela abrange uma quantidade de alunos advindos de diversas regiões do estado do Pará e até mesmo de outros estados e, em menor proporção, de fora do Brasil.

Na fase de finalização das entrevistas, procuramos, assim como nas demais entrevistas, manter contatos prévios ou contextualizar a pesquisa para os entrevistados. Nesse sentido, no mês de julho de 2024, dialogamos com a Professora A.M, e no mês de agosto de 2024, conversamos com o Professor R.S, a respeito da temática da presente obra antes de iniciarmos a gravação dos relatos de memória. Esse processo foi preponderante para o andamento da conversa que se seguiu, pois, esses profissionais compreenderam a linha de raciocínio da presente dissertação e colaboraram para a entrevista.

Nesse sentido, o R.S iniciou as suas considerações destacando o quanto o Campus Universitário de Abaetetuba colaborou direta ou indiretamente para o desenvolvimento do bairro do Mutirão, principalmente no que tange o entorno dessa Instituição de Ensino Superior. Assim sendo, segundo R.S,

Se você observa, quando o campus chega e ai, ao redor do campus, a medida em que o tempo vai passando, se estabelece uma rede digamos de comércio por exemplo, ao redor do campus. É, dormitório que começa, restaurante que começa, lanchonete, então você começa a ver que a Universidade começa a mexer na estrutura da cidade. Aqui em Abaetetuba, quando a gente acompanha ao longo do tempo, como o campus começou a mudar ao seu redor. Inicialmente, ela começa onde era uma estrada de solo batido, e uma estrada, digamos assim, em uma condição bem ruim. A medida em que o tempo passa, esse bairro começa a crescer.⁴⁵

⁴⁵ Entrevista concedida pelo Professor R.S, em 6 de agosto de 2024

Esse relato de memória ajuda-nos a compreender o ambiente no qual o Campus está circunscrito. Quem visita essa Instituição de Ensino, consegue perceber esses elementos, bem como a entrada e a saída de indivíduos discentes e sujeitos advindos de outras Instituições de ensino que buscam conhecer o Campus.

Ademais, na fase inicial da entrevista com a Professora A.M, a indagamos sobre a importância do Campus para a cidade, bem como os principais desafios que essa Instituição de Ensino Superior enfrenta dentro do contexto citadino. Sobre essas questões, essa profissional destaca que:

Eu acredito que a presença de um Campus em uma cidade pode facilitar o acesso dos moradores à Universidade, porque para ir para a capital a pessoa tem que gastar com, as vezes com aluguel porque tem que pagar [...] O desenvolvimento de projeto de pesquisa, de ensino e de extensão também auxilia, ajuda no crescimento e desenvolvimento socioeconômico do município, porque nós temos vários projetos que envolve a população. Por exemplo, o cursinho popular.⁴⁶

Essa lógica também abordada pelos Docentes Egressos nas outras entrevistas, tem sido frequente na realidade de muitos discentes da região do Baixo-Tocantins. O Campus Universitário de Abaetetuba é fruto do processo de interiorização da década de 1980, justamente porque havia essa preocupação do acesso restrito ao ensino acadêmico disponível apenas na capital. Como vimos nos capítulos teóricos, o processo educacional acadêmico brasileiro foi tardio até mesmo nas regiões com maiores investimentos econômicos. Quando abordamos a realidade contemporânea, percebemos que muito se avançou, porém, ainda existem muitas barreiras para o crescimento desse ensino e aprendizagem universitários público. Esse panorama, levanta ainda mais as reflexões e a necessidade de se investir cada vez mais no Campus Universitário de Abaetetuba, tendo em vista a grande demanda de discentes advindos não somente do município de Abaetetuba, mas também de outras localidades.

Essa configuração apresenta cenários nos quais os indivíduos com menor poder aquisitivo, enfrentam constantes dificuldades, principalmente quanto ao deslocamento. O município de Abaetetuba é composto pela cidade, ilhas e ramais e dentro desse contexto, as regiões periféricas encaixam-se em um mosaico urbano perceptível que as difere da região central citadina. Assim sendo, uma das características das cidades contemporâneas é a presença de elementos que distinguem os bairros e as localidades de maior e menor poder econômico. Portanto, a questão da infraestrutura das ruas e a própria arquitetura das casas

⁴⁶ Entrevista concedida pela Professora A.M, em 11 de julho de 2024.

promovem a percepção do quanto há uma discrepância entre diferentes localidades dentro de um mesmo espaço citadino (Valença, 2006).

Esse raciocínio ajuda-nos a compreender o contexto ao qual os discentes universitários do Campus de Abaetetuba estão inseridos. Nesse sentido, essa Instituição de Ensino Superior recebe indivíduos da região central da cidade de Abaetetuba e também aqueles advindos de localidades distantes e periféricas, sendo que esse mesmo Campus se localiza no bairro do Mutirão, o qual é periférico. A respeito desse assunto e dos desafios que o Campus Universitário de Abaetetuba enfrenta na contemporaneidade, a Professora A.M enfatiza que

O desafio que a gente mais encontrou foi a falta de segurança. Porque aquele bairro, é um bairro periférico. Já aconteceu de professores serem assaltados em uma lanchonete que fica em frente ao campus e já aconteceu também de ocorrerem furtos dentro do campus. Então, o maior desafio é a questão da segurança tanto para os alunos como para os docentes, os servidores em geral [...] quando eu estava na gestão a gente sempre pensava em colocar câmeras de monitoramento, não é? No Campus, porém, não tinha um recurso suficiente. Ai, foi na pandemia, que a gente não gastou tanto recurso, que a gente conseguiu, então, instalar as câmeras e hoje o campus está monitorado por câmeras.⁴⁷

A preocupação com a segurança da comunidade acadêmica e da população ainda é uma tônica quando se trabalha a História recente do Campus Universitário de Abaetetuba. Ademais, esse processo também é característico da sociedade contemporânea que, cada vez mais, acaba precisando recorrer aos elementos que possam garantir a sua segurança. Cada dia mais, as casas, os prédios e as instituições necessitam investir em equipamento como câmeras, alarmes, cercas elétricas e segurança privada, pois a insegurança e a preocupação em garantir a integridade física tem sido uma questão bastante pertinente nas sociedades atuais (Bauman, 2021).

Ademais, dentro da lógica da Cidade, o Campus Universitário de Abaetetuba atualmente, ainda enfrenta muitos obstáculos quando se trata de transporte público para os seus discentes, principalmente para aqueles indivíduos advindos de comunidades distantes. Essa questão representa dificuldades não somente para quem é discente dessa Instituição, mas também para quem pretende fazer uma graduação futuramente no Campus. Sobre esse assunto, o atual vice coordenador do Campus Universitário de Abaetetuba, Professor R.S, destaca,

Eu acho que hoje, o maior desafio para o campus onde ele se encontra dentro da cidade é a dinâmica do transporte coletivo na cidade de Abaetetuba [...] esse transporte que o campus mantém, com muita dificuldade por sinal, ele é uma consequência da falta de um transporte coletivo dentro da cidade [...] então, essa dinâmica de onde o campus está e o transporte coletivo na cidade de Abaetetuba, ele influencia no acesso ao campus. E isso inclusive influencia na questão da procura

⁴⁷ Entrevista concedida pela Professora A.M, em 11 de julho de 2024.

para fazer o processo seletivo, porque muitos quando vão fazer o processo seletivo, já considera que o campus tem um transporte. Que ele vai usar esse transporte que chega até o campus.⁴⁸

Assim sendo, segundo Harvey (2012), “a urbanização sempre foi um fenômeno de classe” e esse processo gerou grandes discrepâncias socioespaciais dentro das cidades. As distâncias geográficas dentro da cidade de Abaetetuba não podem ser comparadas com as que se percebe em grandes metrópoles. Contudo, a lógica capitalista segrega os grupos sociais e aqueles indivíduos que não possuem poder aquisitivo acentuado acabam dependendo fortemente de políticas públicas, a exemplo do recurso aos transportes públicos. E, quando se trata de espaços educacionais, essas questões se tornam ainda mais visíveis. O Campus de Abaetetuba necessita de maiores investimentos em seus ônibus de transporte de discentes, principalmente pelo fato de que majoritariamente, os seus educandos são de classe média baixa e não têm condições de custear transportes privados pagos cotidianamente (R.S, 2024)

5.2.2 Universidade e Identidades abaetetubenses

A Universidade proporciona possibilidades de haver grandes encontros de indivíduos com culturas e identidades distintas. Nesse interim, existem estudos que problematizam esse processo. Pois, uma vez que dentro de um mesmo ambiente, seja ele nacional, laboral ou educacional, existam sujeitos heterogêneos, haverá semelhanças e diferenças, as quais serão notadas, justamente por que cada pessoa possui suas peculiaridades e se identificam com determinados grupos sociais diferentes.

Esse panorama pode ser associado a perspectiva da Identidade e da Diferença trabalhada por Silva (2014). Segundo o autor, “identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas” (Silva, 2014). Nesse sentido, existe uma complexa rede de relações inseridas dentro de cada processo social. Quando abordamos o contexto universitário, estamos trabalhando com sujeitos que carregam mentalidades e idiosincrasias que moldam suas identidades e os fazem diferentes uns dos outros. Seguindo essa linha de pensamento, esses dois pilares sociais, a identidade e a diferença, caminham simultaneamente, sendo que um que colabora para o desenvolvimento do outro.

Em um Campus Universitário, existem discentes de cursos de Licenciatura e outros de Bacharelado, por exemplo. Cada indivíduo escolheu essas opções por possuírem características que os aproximaram dessas áreas. Os pontos de vista desses indivíduos são moldados de acordo com a realidade em que vivem e as relações que fazem parte do seu

⁴⁸ Entrevista concedida pela Professora R.S, em 6 de agosto de 2024.

cotidiano, podendo ser próximas de suas realidades ou construídas a partir de contatos virtuais. E quando essas pessoas se encontram na Universidade, a diferença entre elas é notável a partir da diferenciação da escolha profissional e de certa forma, essa percepção colabora para o afloramento de suas identidades enquanto pessoas pertencentes ao grupo dos licenciados ou do bacharelado. A lógica da identidade e da diferença se dá por meio desses contextos sociais e culturais. “A identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (Silva, 2014).

Quando adentramos a observação do Campus Universitário de Abaetetuba, a partir da lógica abordada nas narrativas de memórias dos Docentes Egressos entrevistados para a presente pesquisa, conseguimos perceber essa relação do “se identificar” e daquilo que é “diferente”. No entanto, para se ter uma visão ainda mais ampla sobre a questão identitária dentro da lógica do Campus e a Cidade de Abaetetuba, entenderemos, a partir desse momento, os relatos orais das autoridades acadêmicas e/ou educacionais ligadas ao Campus. Assim sendo, abordaremos as perspectivas da Ex-Coordenadora do Campus, Professora A.M.

A Professora A.M, é uma profissional que teve bastante experiência à frente da coordenação do Campus Universitário de Abaetetuba. Ela vivenciou grandes experiências dentro dessa Instituição desde 2018, quando assumiu esse cargo em exercício, até 2023, encerrando o seu trabalho como coordenadora eleita. Sendo assim, foi perceptível na entrevista, que essa profissional esteve próxima de pessoas que adentraram a Universidade e passaram por inúmeras vivências que foram determinantes para os seus avanços acadêmicos dentro do contexto abaetetubense e até mesmo fora dele.

Nesse contexto, a ideia da Identidade e da Diferença inserida na lógica de raciocínio do Campus Universitário de Abaetetuba, perpassa pela observação de inúmeras experiências vividas por diversos discentes que essa Instituição recebeu desde 1987. Quando um indivíduo adentra a esse espaço acadêmico, ele carrega todos os elementos característicos do local onde vive e quando esse mesmo sujeito se depara com um espaço no qual existem outras pessoas com suas peculiaridades distintas, há a percepção do diferente e isso pode reforçar as identidades de todos. Assim sendo, uma vez que um sujeito é “abaetetubense”, ele automaticamente é um “não mojuense”. A diferença e a identidade caminham no mesmo contexto e estão diretamente ligadas quando se leva em consideração os diferentes grupos sociais e suas características específicas (Silva, 2014). Nesse contexto, segundo a Professora A. M:

Eu acho que a Universidade reforça a identidade das pessoas que ali vivem, porque, às vezes, [...] muitas identidades não são valorizadas [...] então, eu acredito que a Universidade reforça a identidade da pessoa e valoriza, porque às vezes a pessoa não

se identifica, acha que a Universidade não é para ela e quando você encontra mulheres. Eu fui gestora, uma mulher na gestão, é muito difícil [...] a Universidade mostra que a educação transforma e que tem pessoas parecidas com vocês, da sua comunidade, da sua ilha que hoje é professor, é servidor da Universidade.⁴⁹

Simultaneamente ao processo de encontrar indivíduos diferentes, do mesmo modo, acontece o fato de os sujeitos conhecerem pessoas de mesma origem étnica ou cultural, colaborando, dessa maneira, para o reforço de suas identidades, a exemplo da identidade ribeirinha, indígena, cidadina. Dentro dessa complexa rede de relações interpessoais, o individual e o grupo mantem trocas de ideias e de perspectivas que durante alguns anos, de alguma maneira, moldaram novas visões de mundo nas mentes dos discentes universitários, os quais, conseqüentemente, poderão apresentar ou aflorar novas identidades.

5.2.3 Universidade e Abaetetuba: Perspectivas

A presente pesquisa tem nos apresentado diferentes contextos e perspectivas ao longo de quase dois anos de produção. A cada entrevista, pudemos perceber o quanto o assunto “educação” pode ter diferentes vertentes e conotações. Cada relato de memória corrobora com a ideia de que memórias individuais e coletivas são fruto do meio social inconstante e repleto de flutuações. Passado, presente e futuro estão carregados de subjetividades mesmo nos espaços mais científicos acadêmicos. Esse ambiente de mudanças constantes segue a tendência global que intensificou-se nas últimas décadas em diversos setores sociais como na economia e no mercado de trabalho por exemplo (Castells, 2023), fator que influencia diretamente nos objetivos que os sujeitos elencam ao adentrarem em cursos superiores e que, de certa maneira, interfere direta ou indiretamente em seus comportamentos nos mais diversos espaços.

Pensar no presente requer novos olhares tanto no que diz respeito aos elementos do passado que ajudam a compreender as atuais configurações sociais, como também em relação ao futuro, o qual é cada vez mais incerto e sujeito a grandes transformações em uma sociedade globalizada propícia a esse processo. Por isso, a Universidade deve ser observada à luz desses entendimentos por ser uma Instituição que como vimos na presente dissertação, teve que adequar-se em vários momentos históricos às diferentes conjunturas que direta ou indiretamente contribuíram para o seu desenvolvimento.

Nesse contexto, a ideia de se pensar o Campus Universitário de Abaetetuba e sua relação com os cidadãos, bem como a realidade dessa instituição pensando a longo prazo,

⁴⁹ Entrevista concedida pela Professora A.M, em 11 de julho de 2024.

foram abordadas na etapa final da entrevista com a A.M, já que seria pertinente ao trabalho, essa concepção advinda de uma profissional que esteve inserida diretamente nesse elo de relação com a Universidade e a comunidade acadêmica e cidadina.

Sendo assim, a A.M, procurou destacar o fato de que o Campus Universitário de Abaetetuba tem alcançado gradualmente, públicos amplos em relação a décadas anteriores. A criação de projetos de pesquisa, eventos com a participação de escolas municipais, cursinho popular e o contato de alunos do ensino médio com os laboratórios do Campus, têm sido importantes meios de ligação com a comunidade abaetetubense. A partir do momento em que os cidadãos começam a visualizar o Campus internamente, simultaneamente, passam a vislumbrar um futuro de possibilidades, de sonhos a serem realizados e compreendem que o ensino superior não está distante de suas realidades, desmistificando as barreiras que impedem o ingresso nas Instituições de Ensino Superior (A.M, 2024).

Para corroborar com as observações feitas pela Professora A.M sobre o crescimento educacional do Campus, realizamos um levantamento de informações a respeito do quantitativo de egressos do Programa de Pós-graduação dessa Instituição, o PPGCITI (Programa de Pós-Graduação em Cidades: Territórios e Identidades), que recentemente passou a se chamar PPGCITE (Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação). Esse Programa segue perspectivas interdisciplinares englobando áreas ligadas às ciências sociais, linguagens e humanidades, com a formação de profissionais a nível de Mestrado. Sendo assim, a tabela a seguir demonstra a quantidade de egressos do Programa desde a sua criação em 2017 até 2024, separada pelo ano de ingresso dos discentes e das discentes:

Figura 9 – Quantitativo de Egressos do PPGCITE



Fonte: Secretaria do PPGCITE

O gráfico acima apresenta-nos um cenário de crescimento do número de formados pelo programa nos últimos anos. Contudo, é pertinente mencionar o fato de que a maior parte dos alunos do ano de 2019, cancelaram as suas matrículas e tiveram que fazer uma nova matrícula para o ano de 2020 e alguns para 2021, em razão da pandemia, por isso, o número reduzido de alunos egressos que ingressaram no ano de 2019 apresentados no gráfico acima.

Ademais, os alunos que ingressaram no Programa em 2022, estão passando pelo período de defesas neste segundo semestre de 2024, o que indica que esse quantitativo irá aumentar para 2022.

Além disso, atualmente, levando-se em consideração apenas as turmas de 2023 e 2024, o Programa conta com um total de 26 alunos matriculados⁵⁰ em 2023, e 27 discentes matriculados⁵¹ em 2024.

Portanto, esse crescimento do número de egressos do Programa, demonstra um grande potencial de crescimento educacional do Campus Universitário de Abaetetuba, o qual além de formar indivíduos no campo da graduação, também contribui de sobremaneira para a formação de profissionais a nível de Mestrado, que ocuparão funções primordiais para o desenvolvimento da sociedade.

5.3 Reflexões sobre as Entrevistas

A premissa de se pesquisar a trajetória de Docentes Egressos de um Campus, mostrou-se ser uma tarefa complexa e de muita responsabilidade. Estivemos em contato com pessoas bastante determinadas e conscientes de suas funções enquanto educadoras e educadores. Indivíduos que sempre acreditaram no poder de transformação social da educação em uma sociedade.

A partir das suas narrativas orais, conseguimos explorar consideravelmente os elementos que constituem as memórias individuais e principalmente coletivas desses sujeitos, ainda que muitas questões não tenham sido abordadas, pois trabalhar com memórias é uma tarefa difícil pelo fato de que ela é inconstante e sujeita a mudanças ou silenciamentos dependendo do contexto e das temáticas abordadas.

⁵⁰ Esse número leva em consideração apenas os discentes aprovados no Programa no ano de 2023. Desconsidera-se, portanto, o quantitativo de alunos ouvintes matriculados externos ao Programa.

⁵¹ Esse número leva em consideração apenas os discentes aprovados no Programa no ano de 2024. Desconsidera-se, portanto, o quantitativo de alunos ouvintes matriculados externos ao Programa.

O limiar entre a memória e a identidade é muito tênue. Nesse sentido, as memórias dos sujeitos entrevistados ajudaram-nos a perceber o quanto de aspectos culturais e os princípios da ética e as questões morais ajudaram a moldar a personalidade e as identidades desses indivíduos, os quais encontraram na Universidade, um grande núcleo agregador de novas possibilidades de desenvolvimento humano e social.

Todo esse panorama aconteceu e ainda se desenvolve no Campus Universitário de Abaetetuba. Esse processo está diretamente atrelado ao município de Abaetetuba, principalmente no que diz respeito às diferentes localidades existentes, cada qual com suas peculiaridades e culturas.

Portanto, a Universidade representa esse grande espaço de relações interpessoais, o encontro de culturas heterogêneas e o cenário ideal para o enriquecimento cultural dos discentes, que conseguem uma formação acadêmica, humana e social, e da sociedade que direta ou indiretamente receberá um retorno socioeducacional dessa Instituição de Ensino Superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o percurso de elaboração da presente pesquisa, conseguimos refletir sobre diversas questões sociais e educacionais. Para tanto, sempre houve motivações para nos debruçarmos em conceitos como Memórias e Identidades, no intuito de adentrar as Histórias de indivíduos que vivenciaram as experiências acadêmicas de maneira aprofundada e que os permitiu galgarem níveis elevados dentro do contexto universitário.

O Campus Universitário de Abaetetuba é constituído por indivíduos heterogêneos em relação aos aspectos identitários, às expectativas e pontos de vista em relação ao futuro e, concomitantemente, compartilham de traços culturais e/ou origens étnicas semelhantes ou próximas levando em consideração o contexto social amazônico ao qual estão inseridos. Nesse sentido, trabalhar com memórias de sujeitos pertencentes a uma região em comum, denota possíveis aproximações quando se trata de experiências sociais e acadêmicas coletivas, já que muitos desses indivíduos frequentam espaços em comum e, se tratando de uma cidade do interior do estado do Pará, como Abaetetuba, esses ambientes tornam-se ainda mais perceptíveis. Nesse contexto, torna-se desafiador gerar interpretações e observações que consigam identificar o limiar tênue da diferença identitária ao se comparar grupos sociais influenciados por um mesmo contexto.

Quando adentramos a essa relação enfatizando as vivências dos Docentes Egressos, percebemos em seus relatos de memórias o quão desafiador foi a educação universitária desses indivíduos tanto academicamente quanto em relação a dinâmica da cidade, no que tange aos aspectos geográficos e à questão do transporte público. Nesse viés, a identidade e a diferença (Silva, 2014) caminham em direções divergentes mesmo compartilhando o espaço em comum da Universidade. Observamos que esses profissionais enfrentaram obstáculos semelhantes para adentrarem ao ensino superior, porém, cada um deles vivenciou experiências distintas quando se trata da construção de suas identidades, dos conhecimentos adquiridos e de que forma estes os modificaram como pessoas, como trabalhadores e trabalhadoras. Além disso, o contato com outros profissionais e os próprios discentes advindos de outras realidades, também contribuíram para a mudança de mentalidade ou pelo menos de novas interpretações sobre o mundo.

A Universidade, portanto, é constituída por indivíduos cada qual com suas peculiaridades, negros, brancos, indígenas, ribeirinhos, pessoas com deficiências, indivíduos com orientações sexuais variadas, sujeitos com ideologias políticas, religiosas e culturais distintas. É um espaço que congrega grupos sociais com experiências e expectativas diversas,

mas que a partir de um determinado momento da História passam a fazer parte de um mesmo ambiente e isso mostra a riqueza e a complexidade de relações que se estabelecem dentro da Universidade.

Baseado nesse contexto, elaboramos uma pesquisa que buscou associar essas experiências inerentes à Universidade com os conceitos de Memórias, Identidades e Cidades. Assim sendo, ao entrevistarmos os sujeitos para o presente trabalho, relacionamos as características de suas vivências acadêmicas e sociais com os aspectos teóricos peculiares dessa tríade conceitual. Nesse sentido, abarcamos a questão da memória individual e coletiva construída ao longo do período acadêmico que esses indivíduos relataram. Nesse contexto, individualmente, cada profissional teve de se adequar às diferentes adversidades ao ensino universitário, tanto enquanto Docente, como também à época de discente, no que se refere à alimentação, ao tempo para estudos, às viagens, às relações interpessoais. Além disso, coletivamente, esses profissionais compartilharam o mesmo ambiente de trabalho, ainda que em áreas e/ou disciplinas diferentes, vivenciaram momentos de avanços da educação superior, mas também perceberam o quanto o processo de ensino e aprendizagem na Amazônia precisa de maiores investimentos e que essa Instituição necessita estar mais aberta à comunidade do Baixo-Tocantins e ampliar os seus horizontes de expectativas em relação ao conhecimento científico.

Além disso, pudemos relacionar as narrativas orais com as questões identitárias, tanto no que se refere a identidade pessoal, quanto a social e profissional. Por fim, fizemos a ligação de todo esse processo com a cidade de Abaetetuba, compreendendo de que forma esses três elementos-chave se desenvolvem no ambiente que engloba o âmbito acadêmico e cidadão. Dentro dessa relação, observamos que os desafios que a Universidade enfrenta também são resultado das dificuldades que a cidade de Abaetetuba possui historicamente. A vinda do Campus para esse município na década de 1980, foi resultado da carência de educação de qualidade para o ensino público.

Mesmo na contemporaneidade, questões sociais como a insegurança, a ausência de maiores investimentos em transporte público, a infraestrutura das ruas e o desconhecimento do funcionamento de um Campus Universitário na cidade de Abaetetuba, ainda são problemáticas reais e que influenciam diretamente a realidade educacional abaetetubense. Portanto, quando percebemos que existem Docentes Egressos dessa Instituição, esse fato precisa ser pesquisado e problematizado para que essa Universidade consiga ampliar essas possibilidades e gerar cada vez mais, resultados para a sociedade.

Todo esse processo criou perspectivas para se aprofundar os conceitos de Memórias, Identidades e Cidades com os dados coletados das entrevistas, aliando teoria e prática e concomitantemente, gerando cenários mais próximos da realidade amazônica. Nesse contexto, os conceitos de memória individual, caracterizada pelas percepções subjetivas de cada sujeito, e a memória coletiva, a qual é desenvolvida pelo compartilhamento de experiências notadamente de duas ou mais pessoas (Halbwachs, 1990), foram bastante pertinentes para visualizarmos as dificuldades e as potencialidades daquilo que foi exposto nas narrativas orais, quanto à escolha das áreas de atuação profissional ou às identidades que se afluíram no espaço acadêmico universitário.

Nesse viés, quando a memória evoca lembranças de um passado que nesse panorama, é recente, observamos a formação de novas identidades e a percepção de que novas habilidades surgiram a partir das novas experiências constituídas na Universidade. As identidades marcadas pela pluralidade e suscetíveis a mudanças (Hall, 2014) quando são inseridas em contextos sociais em que as memórias são provocadas, a exemplo do contexto universitário, são afluídas e podem ser fundamentais para a formação de um profissional, bem como a área de atuação que esse indivíduo escolherá a curto, médio e longo prazo. Esse cenário, poderá reverberar diretamente na cidade, caracterizada pela lógica capitalista de grandes concentrações de pessoas principalmente distribuídas em bairros discrepantes economicamente (Lefebvre, 2013), que receberá os resultados da formação universitária através de ações profissionais dos egressos universitários.

Assim sendo, percebemos que o Campus Universitário de Abaetetuba forma indivíduos academicamente e socialmente e durante esse processo, esses sujeitos aprendem conhecimentos novos, mudam suas mentalidades, descobrem novas habilidades, desconstroem estereótipos, rompem barreiras e quebram tabus na sociedade. Simultaneamente a esse processo, essas mulheres e homens constroem novas realidades para o município de Abaetetuba, são inúmeros profissionais que colaboram através de pesquisas, com o desenvolvimento de tecnologias, com aulas e também com políticas públicas para a diminuição das mazelas sociais. Mesmo que ainda não seja o suficiente para a redução de todos os problemas educacionais, de saúde, segurança, saneamento, transporte ou infraestrutura da cidade, a Universidade tem gerado resultados que estão contribuindo para a melhoria da cidade de Abaetetuba. Por isso, essa instituição precisa ser mais valorizada no âmbito científico com mais equipamentos para laboratórios de pesquisa, na distribuição de recursos financeiros para o transporte e segurança dos professores e alunos, bem como das bolsas para os projetos de pesquisa e extensão, na estrutura das salas de aulas, nos

mecanismos tecnológicos para as aulas, além de maiores investimentos em sua biblioteca. Todos esses aspectos são pertinentes, tendo em vista as possibilidades de transformação social que a Universidade permite.

Ao concluirmos a presente obra, percebemos o quanto o Campus Universitário de Abaetetuba colabora para construção não somente de uma cidade com maiores perspectivas de desenvolvimento humano, social e educacional, mas também um mundo mais consciente e preocupado em amenizar os principais problemas da sociedade. A Universidade forma indivíduos academicamente e humanamente, e esses mesmos sujeitos podem trazer grandes resultados para essa mesma Instituição de Ensino, colaborando assim, para a perpetuação do poder de transformação social que o conhecimento proporciona.

A construção da presente dissertação suscita novos olhares e perspectivas para a Universidade no presente e principalmente, a longo prazo. O Campus Universitário de Abaetetuba, desde 1987, tem colaborado com a formação de inúmeros profissionais que contribuem para o desenvolvimento da sociedade contemporânea. Portanto, essa Instituição de Ensino Superior precisa ser cada vez mais valorizada, com maiores investimentos educacionais, econômicos, infraestruturais e sociais, pois tem muitas potencialidades e possui uma comunidade acadêmica empenhada em construir um mundo melhor. Assim sendo, esperamos que novas produções acadêmicas possam ser realizadas sobre o Campus Universitário de Abaetetuba, tanto no que diz respeito aos projetos que são desenvolvidos nele, como também em relação à relevância social, cultural e identitária que esse Campus tem com a região amazônica.

Quando se constrói um trabalho sobre um Campus, do qual se faz parte, nos identificamos com as falas, com os aspectos suscitados, com as memórias e as identidades que se forma dentro desse contexto acadêmico, há um sentimento coletivo de que a educação atinge momentos únicos e que representam impactos substanciais à cidade de Abaetetuba, bem como a outros municípios.

Portanto, a partir dos relatos orais dos docentes egressos, pudemos observar o quanto o ser humano passa por transformações quando passa pela transição de ingressar, vivenciar e depois se tornar egresso do Campus Universitário de Abaetetuba. Os contatos estabelecidos durante o ensino médio, no ambiente social e com amigos nos influenciam construindo ideologias e visões de mundo baseados em um espaço mais próximo de nossas realidades. Contudo, ao adentrarmos na Universidade, no momento em que conhecemos discentes e professores advindos de outras localidades, com vivências totalmente diferentes, idades distintas e modos de pensar baseados em outras perspectivas, começamos a moldar novas

mentalidades, novas identidades e conhecimentos que passam a fazer parte de nossas vidas. A aprendizagem acadêmica é complexa e alcança níveis de interpretação aprofundados sobre os diferentes assuntos. A partir dela, o ser humano consegue construir, produzir e colocar em prática projetos, mecanismos tecnológicos e teorias que visam a mudança social.

Tudo isso representa a grande preponderância das Universidades, que é a formação profissional, humana e social. Ela é o elo que ajuda a construir uma sociedade melhor, ela descontrói para construir, ela não romantiza os problemas, ela busca soluções, alternativas para vivermos de uma maneira mais segura. Ela é o núcleo que assegura o futuro da humanidade, pois é a ciência que permite a fabricação de vacinas e os remédios para as doenças, o conhecimento arquitetônico para desenvolver a infraestrutura das cidades. As ciências formam os profissionais que modificam o mundo em que conhecemos. Por isso, essas instituições devem ser valorizadas, mas sem jamais perder de vista quem as constituem, que são os seres humanos.

Mulheres e homens, no decorrer da História, necessitaram do conhecimento empírico adquirido pelos seus ancestrais para poderem elaborar planejamentos de como mudar a sociedade. Somos indivíduos curiosos, ávidos em aprender e a explorar o desconhecido. Infelizmente, nem sempre esse processo se dá de maneira saudável, existem momentos nos quais pessoas utilizam a ciência para cometerem crimes e defender interesses mesquinhos como nas guerras mundiais por exemplo, e os problemas sociais continuam a existir. Porém, somente a partir dos potenciais que o mundo do conhecimento proporciona é que poderemos transformar as realidades sociais e combater as mazelas que afligem os países.

Nosso trabalho ultrapassa o limiar do espaço universitário abaetetubense. Ele busca uma reflexão social do papel do conhecimento e seus desdobramentos favoráveis a uma sociedade com menos preconceitos e mais respeito às diversidades.

REFERÊNCIAS

A, M. **Entrevista I**. [23 nov. 2023]. Entrevistador: Matheus Furtado. Abaetetuba, 2023. Disponível no acervo pessoal de Matheus Furtado.

AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos*. Editora: Terceiro Nome. 2011.

ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla B. (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 155-202.

ALVITO, Marcos. **História Oral**. [S/D] Disponível em: <https://www.scribd.com/document/147482979/definicoes-hist-oral-pdf>. Acesso em: 15 set. 2023.

ANTUNES, Henrique Fernandes, « O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth », Ponto Urbe [Online], 15 | 2014, posto online no dia , consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2565>. Acesso em: 28 de jan. de 2024.

ARAÚJO, E. F.; PINHEIRO, I. C.; PINHEIRO, M. F.; COSTA, R. R. da; CRUZ, F. M. R. da (2023). City and public space: The Miriti festival in Abaetetuba/PA: Cidade e espaço público: O festival do Miriti em Abaetetuba/PA. *Concilium*, 23(14), 147–165. <https://doi.org/10.53660/CLM-1625-23J40>

B, R. **Entrevista IV**. [25 jan. 2024]. Entrevistador: Matheus Furtado. Abaetetuba, 2024. Disponível no acervo pessoal de Matheus Furtado.

BAUMGARTNER, Wendel Henrique. *Cidades Universitárias, Cidades Médias, Cidades Pequenas: Análises Sobre o Processo de Instalação de Novos Campi Universitários*. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V. 5, N.1, p. 73-93, 2015. ISSN 2237-3071. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5522534>. Acesso em: 21 de nov. de 2023

BAUMAN, Zygmunt, 1925 – 2017. *Globalização: as consequências humanas* / Zygmunt Bauman ; tradução Marcus Penchel. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Zahar, 2021.

BAUMAN, Zygmunt, 1925 – 2017. *Modernidade líquida* / Zygmunt Bauman ; tradução Plínio Dentzien. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Zahar, 2021.

BAUMAN, Zygmunt, 1925 – 2017. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *Indícios da pós-modernidade* / Zygmunt Bauman; traduzido por Rachel Meneguello. – São Paulo: Editora Unesp, 2023.

BERLATTO, O. (1). A construção da identidade social. *Revista Do Curso De Direito Da FSG*, (5). Recuperado de <https://ojs.fsg.edu.br/index.php/direito/article/view/242>

BORGES, M. C.; AQUINO, O. F.; PUENTES, R. V. Formação de professores no Brasil: história, políticas e perspectivas. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 11, n. 42, p. 94–112, 2012. DOI: 10.20396/rho.v11i42.8639868. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639868>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. O que é história do conhecimento? / Peter Burke; tradução Claudia Freire. – 1 ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2016.

C, E. **Entrevista V**. [10 fev. 2024]. Entrevistador: Matheus Furtado. Abaetetuba, 2024. Disponível no acervo pessoal de Matheus Furtado.

CARDOSO, Marcos; RODRIGUES, Jondison Cardoso; SOBREIRO FILHO, José. TERRITORIALIZAÇÃO PORTUÁRIA NA AMAZÔNIA E SUAS IMPLICAÇÕES EM “TERRITÓRIOS TRADICIONAIS” NO BAIXO TOCANTINS – ABAETETUBA – PA. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/estgeo.v20i1.16448> Acesso em 2 de nov. 2023

C, C. **Entrevista II**. [29 dez. 2023]. Entrevistador: Matheus Furtado. Igarapé-Miri, 2023. Disponível no acervo pessoal de Matheus Furtado.

CASTELLS, Manuel, 1942. A sociedade em rede / Manuel Castells; tradução Roneide Venancio Majer. – 25ª edição, revista e ampliada. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1)

Censo da Educação Superior 2022: notas estatísticas. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/censo-da-educacao-superior-2022-notas-estatisticas>. Acesso em: 22 de jul. de 2024

COSTA, Maria Raimunda Santos da. As repercussões da interiorização da UFPA no trabalho dos docentes da rede estadual de ensino no Pará nas décadas de 1980 e 1990. Tese de Doutorado. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/6708>. Acesso em: 15 de nov. de 2023

CPGA-DIGEP/UFPA. Relação dos docentes (efetivos e substitutos) egressos do Campus de Abaetetuba. Acesso em: 15 de set. de 2023.

CRUZ, F.M.R. (2020). Público, turismo y ocio en los museos universitarios de Natal/RN (Brasil). **Aposta**. Revista de Ciencias Sociales, 84, 99-116, <http://apostadigital.com/revistav3/hemeroteca/fmrcruz2.pdf>

CRUZ, F. M. R. A tematização nos espaços públicos: estudo de caso nas cidades de Porto, Vila Nova de Gaia e Barcelona. Uma análise sobre a qualidade e estrutura dos espaços públicos. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012. https://www.researchgate.net/publication/283325947_A_tematizacao_nos_espacos_publicos_estudo_de_caso_nas_cidades_de_Porto_Vila_Nova_de_Gaia_e_Barcelona_Uma_analise_sobre_a_qualidade_e_estrutura_dos_espacos_publicos

CRUZ, F. M. R; CARDOSO, M. C. . (2023). Patrimônio cultural na “terra da cachaça”, Abaetetuba - PA, Brasil. **Peer Review**, 5(10), 40–52. <https://doi.org/10.53660/482.prw1464>

Cursos do Campus Universitário de Abaetetuba. Disponível em: <https://cubt.ufpa.br/>

DEL PRIORE, Mary. Uma breve história do Brasil. Mary Del Priori, Renato Venancio. – 2. ed. – São Paulo : Planeta, 2016. ISBN 978-85-422-0761-3.

DOMINGUES, Bruno Rodrigo Carvalho; BARROS, Flávio Bezerra. “EU AMO ESSE BRINQUEDO!”: REFLEXÕES SOBRE O ARTESANATO DE MIRITI A PARTIR DE UMA ABORDAGEM ETNOECONÔMICA EM ABAETETUBA (PARÁ). **Margens**, [S.l.], v. 10, n. 14, p. 199-216, mar. 2017. ISSN 1982-5374. Available at: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/4258/4129>>. Acesso em: 24 out. de 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v10i14.4258>.

DURHAM, Eunice R. O ensino superior no Brasil: público e privado. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo. 2003. Disponível em: <https://sites.usp.br/nupps/wp-content/uploads/sites/762/2020/12/dt0303.pdf> Acesso em: 30 de mai. De 2023.

FERRANTI, Adelino. **Entrevista I**. [6 jun. 2018]. Entrevistador: Matheus Furtado. Abaetetuba, 2018a. Disponível no acervo pessoal de Matheus Furtado.

FONTES, Edilza Joana Oliveira. Memória e história da interiorização da UFPA: quando a memória constrói uma história coletiva. **Fronteiras: Revista Catarinense de História** [online], Florianópolis, n. 20, p. 93-114, 2012. Disponível em: http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/dados/Lists/Pedido/Attachments/552345/RESPOSTA_PEDIDO_Artigo%20%20-%20Ufpa%20Santarm.pdf . Acesso em: 11 nov. 2023.

GARCIA, Bruna da Silva. Memória e história: uma discussão teórica. Congresso Internacional de História, VII, 2015. **Anais...** Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1508.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023. DOI: 10.4025/7cih.pphuem.1508

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais / Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. O direito à cidade. Lutas Sociais, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/ls.v0i29.18497>. Acesso em: 4 de dez. de 2023.

HOBSBAWM, Eric J. Era dos Extremos : o breve século XX : 1914 – 1991 / Eric Hobsbawm ; tradução Marcos Santarrita ; revisão técnica Maria Célia Paoli. – São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric J. Nações e nacionalismo desde 1780 : programa, mito e realidade / Eric J. Hobsbawm – 6ª ed. ; tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. – São Paulo : Paz e Terra, 2013.

LEFEBVRE, Henri. La producción del espacio. Capitán Swing Libros, S.L. c/ Rafael Finat 58, 2ª 4 – 28044 Madrid.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Trad. Bernardo Leitão. 3. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1994.

LIMB, Peter. Nelson Mandela: A Biography. Greenwood; Illustrated. 2008

L, L. **Entrevista III**. [17 jan. 2024]. Entrevistador: Matheus Furtado. Abaetetuba, 2024. Disponível no acervo pessoal de Matheus Furtado.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 24, pp. 109 - 123, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2008.74098>. Acesso em: 28 de set. de 2023.

M, A. **Entrevista VI**. [11 jul. 2024]. Entrevistador: Matheus Furtado. Abaetetuba, 2024. Disponível no acervo pessoal de Matheus Furtado.

Mapa 1 – município de Abaetetuba. Disponível em:

https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/PA/abaetetuba/1500107_MM.pdf

Mapa 2 – cidade de Abaetetuba. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-1.729228,-48.873382,14z?hl=pt-BR&entry=ttu>

Mapa 3 – localização do campus universitário de Abaetetuba. Disponível em:

<https://www.google.com/maps/place/Universidade+Federal+do+Par%C3%A1+-+Campus+Abaetetuba/@-1.724462,-48.864499,16z/data=!4m6!3m5!1s0x92a35aa9d98c81cb:0x19ad69fac4d312fa!8m2!3d-1.7244616!4d-48.8644991!16s%2Fg%2F11b6hnpz!hl=pt-BR&entry=ttu>

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARROU, Henri-Irenée. História da Educação na Antiguidade. Editora: Kírión, 2017.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. A universidade no Brasil. Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Educação. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782000000200008> Acesso em: 8 de nov. 2023.

MORIN, Edgar. **Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**/Edgar Morin; Tradução de Edgard de Assis Carvalho. – Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 1999.

NUNES, Ginete Cavalcante; et al. Pesquisa científica: conceitos básicos. Ano 10, No. 29. Fevereiro/2016 - ISSN 1981-1179 Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 20 de mar. de 2024.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Disponível em: <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>. Acesso em: 2 de abr de 2024.

OLIVEIRA, Terezinha. **Origem e memória das universidades medievais a preservação de uma instituição educacional**. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37: p.113-129, Jan/Jun 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/cXPxM5pdFbzfV6h987cLzMm/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 11 de jan. de 2023.

Pasinato, D. (2013). Educação no período populista brasileiro (1945-1964). *Semina - Revista Dos Pós-Graduandos Em História Da UPF*, 12(1). Recuperado de <https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/3647> Acesso em: 10 de nov. 2023

PINHEIRO, M. F.; CRUZ, F. M. R. da. (2024). Universidades, estado e políticas públicas: debate e relevância no estado moderno. **Cuadernos De Educación Y Desarrollo**, 16(7), e4971. <https://doi.org/10.55905/cuadv16n7-143>

PINHEIRO, Matheus Furtado. **História, Memória e Educação: a construção de narrativas de memórias sobre os 30 anos do Campus Universitário de Abaetetuba (1987 – 2017)**. TCC/UFGA. 2019.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

REIS, Maria da Conceição Solano. Experiências vividas e principais desafios e dificuldades enfrentadas na implantação do Campus Universitário de Abaetetuba: 1987 – 1991. In: FERRANTI, A.; PAGANELLI, A. (Orgs.) **30 anos Campus de Abaetetuba: memória, resistência e transformação**. Abaetetuba: Campus Universitário de Abaetetuba, 2018.

S, R. **Entrevista VII**. [6 ago. 2024]. Entrevistador: Matheus Furtado. Abaetetuba, 2024. Disponível no acervo pessoal de Matheus Furtado.

Significado de Docente. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Docente/>. Acesso em: 15 de fev. de 2024.

Significado de Egresso. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/egresso/>. Acesso em: 15 de fev. 2024.

SIGRH/UFPA. Total de professores ativos do Campus Universitário de Abaetetuba. Acesso em: 06 de ago. de 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

SIMÕES, Mara Leite. **O surgimento das universidades no mundo e sua importância para o contexto da formação docente.** Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.22, n.2, p. 136-152, jul.-dez. 2013. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/23ac2587640666ea24bccbfb1e9df8ca/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4514812> Acesso em: 11 de jan. de 2023

UFPA. Disponível em: <https://www.ufpa.br/index.php/universidade>

SOUZA, Bianca Mara Guedes de; PEIXOTO, Isabella Beatriz; SOARES, Layane Campos. Metodologias para o desenvolvimento de pesquisas em Análise de Discurso Crítica. In: OTTONI, Maria Aparecida Resende (org.). *Análise de Discurso Crítica: subsídios teóricos e metodológicos para pesquisas*. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p. 65-86.

TANANTA, C. T. . Importância da Formação Continuada na Constituição da Identidade Profissional do Professor. **Revista Científica FESA**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 22–35, 2023. DOI: 10.56069/2676-0428.2023.237. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/237>. Acesso em: 26 fev. 2024.

VALENTIM, Joaquim Pires. Identidade pessoal e social: entre a semelhança e a diferença. *Psychologica*, 2008, 47, 109 – 123. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/18441> Acesso em: 21 de fev. 2024

VALENÇA, Márcio Moraes. Cidades ingovernáveis? Ensaio sobre o pensamento harveyano acerca da urbanização do capital. In: Silva, José Borzacchiello da, Org.; Lima, Luiz Cruz, Org.; Elias, Denise, Org. *Panorama da geografia brasileira 1./Organizado por José Borzacchiello da Silva, Luiz Cruz Lima e Denise Elias.*- São Paulo: Annablume, 2006.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. As metamorfoses do conceito de cidade. *Mercator, Fortaleza*, v. 14, n. 4, Número Especial, p. 17-23, dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4215/RM2015.1404.0002>. Acesso em: 28 de set. de 2023.

VENTURINI, Ernesto. A cidade dos outros. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21 – n. 2, p. 203-222, Maio/Ago. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000200002>. Acesso em: 27 de nov. de 2023.

APÊNDICES

O Campus Universitário de Abaetetuba: Origens.

A realidade educacional abaetetubense da década de 1980 era semelhante a das demais cidades paraenses, haviam muitas carências referentes a estrutura das escolas, a formação insuficiente dos profissionais da educação, principalmente professores da rede pública, a formação superficial de estudantes, já que a educação não era aprofundada de forma adequada. Nesse contexto, um conjunto de professores, bem como a comunidade escolar estavam atentos ao processo de interiorização da UFPA, que estava em discussão na capital. Sendo assim, nesse período é criada a ASBEPa (Associação Beneficente dos Professores de Abaetetuba) a qual englobava educadores da cidade e realizava encontros com profissionais educacionais do Baixo Tocantins. Nesse viés, a cada ano, haviam reuniões desses educadores, para a realização de debates sobre os anseios, as adversidades e necessidades que a educação da região e do Estado do Pará enfrentavam. Segundo o Professor Adelino Ferranti, em entrevista que me concedeu em Junho de 2018, durante a produção do meu trabalho de conclusão de curso intitulado “História, Memória e Educação: a construção de narrativas de memórias sobre os 30 anos do Campus Universitário de Abaetetuba (1987 – 2017), a grande perspectiva dos encontros promovidos pela ASBEPa, era justamente a premissa de trazer um polo da Universidade para a região do Baixo Tocantins, o que ajudaria a amenizar as diversas dificuldades educacionais da região através da formação acadêmica de docentes, os quais receberiam capacitação profissional adequada para trabalhar nas escolas públicas do município de Abaetetuba e de outras regiões. Nesse sentido, segundo Adelino Ferranti:

[...] nos anos oitenta, aqui em Abaetetuba se criou uma organização de professores, que se chamou de ASBEPa (Associação Beneficente dos professores de Abaetetuba) e tinha uma diretoria e eles começaram a reunir os professores para discutir as temáticas educacionais. Em 1980, eles realizaram o primeiro encontro de professores do Baixo Tocantins, foi lá no Basílio de Carvalho, e uma das grandes deliberações que eles tiraram, foi lutar pra trazer cursos superiores pra cá, por que? A maioria dos professores do ensino médio só tinha um cursinho pós-médio e já estavam dando aula precariamente. Então, vira, precisamos trazer, eles tiraram meia página de encaminhamentos, um deles foi com relação à isso, baseado nessa decisão do primeiro congresso, no segundo, que foi em Barcarena em novembro de oitenta e um, reafirmaram, vamos ter que tirar uma comissão, ir nos municípios, falar com os prefeitos para que agente se una para trazer um polo da universidade para cá [...] (informação verbal) (Ferranti, 2018 *apud* Pinheiro, 2019, p. 33 e 34).

Nesse panorama, esse movimento desenvolvido pelos educadores de Abaetetuba, foi estruturado e organizado, chegando a dialogar com o próprio Reitor Seixas Lourenço.

Portanto, essa iniciativa suscitou, de forma preponderante, a vinda de cursos e o ensino superior universitário para os abaetetubenses e a região do Baixo-tocantins englobando as cidades do Acará, Barcarena, Bujaru, Concórdia do Pará, Igarapé Miri, Moju, Tomé Açu e posteriormente Muaná (REIS, 2018).

No ano de 1987, finalmente, inicia-se a interiorização, a qual contou com a oferta de cursos de graduação de Licenciatura Plena, e em Abaetetuba, foram ofertados os cursos de História, Geografia, Pedagogia, Letras e Matemática. Contudo, os anos iniciais de funcionamento desses cursos foram difíceis e encontraram-se muitas adversidades nesse percurso. As aulas aconteciam no período intervalar, ou seja, no período de férias das escolas selecionadas para o seu funcionamento, que na época, foram o Colégio São Francisco Xavier, Basílio de Carvalho, Leônidas Monte e Joaquim Mendes Contente. Assim sendo, a professora Maria da Conceição Solano Reis relatou:

O colégio São Francisco (...) que era colégio dos padres, em convênio com a secretaria de educação daqui do Pará. Então, a igreja permitia, cedia a escola, que no início era só a escola dos padres e o estado dava os professores, então eles não tinham, quem pagava os professores era o estado, eles eram professores do São Francisco era pelo estado, eram professores do estado. Só que terminou a etapa... os padres não concordaram que fosse mais lá, porque entrou no período letivo dos alunos... entre aspas, não, aqui nós não queremos mais, porque alterou o período letivo fecha aspas (...) mudamos para o (...) Basílio de Carvalho, foi outra etapa, aí arruma de novo tudo, vê água, vê lâmpadas(...) e tinha também serventes para essas escolas da prefeitura, porque as salas deveriam estar limpas, porque funcionava de manhã, tarde e noite, tinha que ter funcionários da prefeitura, então veja bem o desgaste nosso(...) eram três turnos de funcionamento, as salas tinham que estar limpas dos três turnos, então pegava de novo funcionários (...) Passa pro Leônidas Monte, foi outra etapa (...) aí quando foi parar no Mendes Contente já ficou até funcionar né, não demorou muito já passou pra lá (prédio próprio) (informação verbal) (Reis, 2019 *apud* Pinheiro, 2019, p. 35).

Como podemos perceber nesses primeiros anos da interiorização em Abaetetuba, houveram amplas dificuldades para a consolidação desse ensino superior, seja por questões estruturais e logísticas, seja pela ausência de um prédio próprio, tão salutar a uma Universidade. Nesse sentido, a UFPA em Abaetetuba, durante pouco mais de 4 anos, não possuía seu próprio prédio para funcionamento, isso quer dizer que haviam muitas adversidades quanto a organização não somente das aulas, como também das questões envolvendo as secretarias, as documentações e todo o funcionamento dos cursos. Diante desse cenário precário ao bom funcionamento educacional universitário, no ano de 1988, a UFPA define um convênio com a ALBRÁS (Alumínio Brasileiro S.A), a qual faz um investimento de U\$ 270.000 dólares, para a construção dos primeiros pavilhões do Campus Universitário de Abaetetuba, a época denominado de Campus Universitário do Baixo Tocantins, já que abrangia a referida região, e que naquele período histórico, passava a contar com a sua sede

própria, sendo uma área de 95.760 m², localizada no bairro do Mutirão em Abaetetuba, doada pelo Sr. Manoel de Abreu, o qual era morador do bairro (Ferranti, 2018 *apud* Pinheiro, 2019, p. 44 e 45).

Diante desse cenário, “no dia 5 de janeiro de 1991, aconteceu a inauguração da sede própria do Campus, a qual era constituída de três blocos, sendo dois com quatro salas de aula em cada e mais um bloco administrativo” (Ferranti, 2018, p. 28 *apud* Pinheiro, 2019, p. 45). Nesse sentido, podemos destacar a seguir, as imagens desse momento tão preponderante para a consolidação da Universidade na cidade de Abaetetuba:

Figura 9 - Inauguração do Campus do Baixo Tocantins



Fonte: Arquivo Pessoal do Professor Adelino Ferranti

Figura 10 - placa de inauguração do campus universitário de abaetetuba



Fonte: arquivo pessoal do professor Adelino Ferranti

A Fotografia 5 registra um fato histórico de grande repercussão e representa um marco na educação abaetetubense, que é inauguração do Campus Universitário de Abaetetuba. Nessa fonte visual, podemos identificar a Professora Conceição Solano, a qual foi a primeira coordenadora do Campus Universitário de Abaetetuba, e também o prefeito daquele período, João de Deus. Por conseguinte, a Fotografia 6, apresenta a placa de inauguração, composta pela data e o registro do convênio entre a UFPA e a ALBRÁS. Ademais, está presente nela, a oficialização da doação do terreno realizada pela prefeitura para a Universidade. Entretanto, como já havíamos mencionado, a área doada pertencia ao senhor José de Abreu, o qual não poderia doar o terreno de maneira direta para essa Instituição de Ensino Superior, sendo que essa ação somente poderia ser realizada pelo poder público, conforme destaca o professor Adelino Ferranti,

Esse terreno aqui, ele foi doado por um senhor que tem aqui, que faleceu em 2010, que é pai de um vigia daqui. Ele ouvindo falar em universidade, o Manoel de Abreu. A universidade e a universidade. Ai tinha esse terreno grande aqui e foram conversar com ele. Ele era quase semianalfabeto, e ele disse eu dou, se é para meter uma universidade eu dou. Ele nem imaginava o que seria isso não é. Ele doou, depois aparece nos documentos aparece que quem doou o terreno foi a prefeitura, só que ele teve que doar para prefeitura, porque era um órgão público. E não podia ser uma universidade e uma pessoa física, porque estas terras não tinham documentação e tal. Então ele doou para prefeitura e a prefeitura doou para a Universidade (informação verbal). (FERRANTI, 2019 apud PINHEIRO, 2019, P.46)

A instalação do prédio próprio foi um fato histórico crucial para o estabelecimento da Universidade em Abaetetuba, e concomitantemente, amenizou as grandes incertezas quanto a sua consolidação no referido município. Contudo, a Universidade se encontra até a contemporaneidade, no bairro do Mutirão, que localiza-se distante do centro da cidade, e naquela época os percursos para se chegar a Instituição eram difíceis e se encontravam muitas adversidades. “A rua de acesso era precária, lamacenta, à noite uma escuridão total! Assaltos, abandono!” (FERRANTI, 2018, p. 30 apud PINHEIRO, 2019, p.47). Portanto, os desafios não se encerraram e as primeiras décadas de funcionamento do Campus Universitário de Abaetetuba foram marcadas por muita dedicação, trabalho e esforço para se efetivar a tão almejada consolidação do ensino superior universitário na região do Baixo-tocantins.

Nesse panorama, ao explorarmos o contexto histórico que levou a inauguração do Campus Universitário de Abaetetuba em 1991, poderemos adentrar a relação dessa Instituição de Ensino Superior com a Cidade de Abaetetuba, o que possibilitará a compreensão aprofundada das relações que os Docentes Egressos possuem dentro de todo esse processo de relação com a cidade na qual vivem, bem como com a Universidade, na qual se formaram e atualmente, trabalham.

ROTEIRO DE ENTREVISTA (DOCENTES EGRESSOS)

- 1 – Qual a principal motivação para a escolha do seu curso de graduação?**
- 2 – Possuía muitos amigos/as ou colegas de fora de Abaetetuba?**
- 3 – Realizou visitas a outras cidades amazônicas ou de outros Estados Brasileiros?**
- 4 – Como essas realidades o influenciaram?**
- 5 – Você percebeu mudanças nos seus aspectos identitários ou de seus colegas durante a graduação?**
- 6 – E como egresso?**
- 7 – Quais os principais desafios socioeconômicos e acadêmicos do início da carreira de Docente Universitário?**
- 8 – Qual a relevância socioeconômica dos egressos do Campus Universitário de Abaetetuba, em geral, para a cidade de Abaetetuba?**
- 9 – Você se identifica com a profissão que exerce no Campus Universitário de Abaetetuba?**
- 10 – Como está sendo sua experiência acadêmica de egresso no Campus Universitário de Abaetetuba?**

ROTEIRO DE ENTREVISTA (EX-COORDENADORA E ATUAL VICE COORDENADOR DO CAMPUS DE ABAETETUBA)

- 1- Qual a importância socioeconômica da presença de um Campus Universitário na cidade de Abaetetuba?**
- 2- Quais os desafios que a cidade enfrenta estando o Campus Universitário localizada em um bairro distante?**
- 3- Quais os desafios que o Campus Universitário enfrenta estando localizado em um bairro distante?**
- 4- Você acredita que a Universidade contribui para o reforço ou mudança dos traços identitários da população de Abaetetuba?**
- 5- E em relação à comunidade acadêmica no Campus?**
- 6- Você acredita em uma Universidade mais aberta à população abaetetubense, no sentido social, econômico e educacional?**
- 7- Qual a sua visão de futuro sobre o papel da Universidade em Abaetetuba?**

ANEXOS

AUTORIZAÇÕES DE IMAGEM E VOZ DOS DOCENTES EGRESSOS:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha entrevista, em caráter definitivo e gratuito, constante em áudio e transcrição decorrentes da minha participação na pesquisa, do Programa de Pós-graduação em Cidades: Territórios e Identidades, do Campus Universitário de Abaetetuba, a seguir discriminado:

Dissertação: Memórias, Identidades e a Cidade: A trajetória de Docentes Egressos do Campus Universitário de Abaetetuba

Orientador: Prof. Dr. Fernando Manuel Rocha da Cruz

Mestrando: Matheus Furtado Pinheiro

A voz e sua transcrição poderão ser utilizadas e exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em congressos, seminários, jornadas, outros eventos com finalidades científicas, culturais e educativas, festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de dados resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Fica autorizado a captação de fotografia do empreendimento de que é proprietário ou gerente, e a execução, edição de áudio e sua transcrição, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha voz ou qualquer outro.

, ____ de de 2023.

Assinatura

Nome: _____

RG.: _____ CPF: _____

Telefone: () _____

Assinatura do Mestrando: _____

Matrícula do Mestrando: _____



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ



CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIDADES TERRITÓRIOS E IDENTIDADES
(PPGCITI)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Pelo presente termo, eu, _____, portador do RG nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, com endereço na Rua/Avenida _____, nº____, Cidade/Estado _____, plenamente capaz conforme a lei civil, nos termos do art.5º, da Constituição Federal do Brasil, arts.20 e 21, do Código Civil e na Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, concedo minha expressa e inequívoca Autorização/Consentimento da minha entrevista e da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em áudio, transcrição e fotografia, para a pesquisa intitulada "**Memórias, Identidades e a Cidade: A trajetória de Docentes Egressos do Campus Universitário de Abaetetuba**", por parte do aluno de Mestrado Matheus Furtado Pinheiro, do Programa de Pós-graduação em Cidades: Territórios e Identidades (PPGCITI), da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Abaetetuba, para os seguintes fins: uso na dissertação, para publicações em artigos científicos em periódicos, apresentações em eventos acadêmicos e científicos.

Por ser esta expressão da minha vontade, livre de qualquer constrangimento ou coação, autorizo o uso acima descrito, a título gratuito, estando ciente que não caberá em tempo algum, qualquer reclamação, indenização ou pagamento de valor pelo uso de minhas postagens no Facebook, assinando a presente autorização em duas vias de igual teor e forma.

NOME COMPLETO: _____

LOCAL: _____

DATA: _____

ASSINATURA: _____

Rua Manoel de Abreu SN - Mutirão – Abaetetuba – Pará
Fone/Fax: (91) 3201-7083 – E-Mail: ppgciti@ufpa.br